

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS

Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião

Paulo Vinícius Faria Pereira

**JOVENS SEM RELIGIÃO EM BETIM: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE NÃO RELIGIOSA**

Belo Horizonte

2024

Paulo Vinícius Faria Pereira

**JOVENS SEM RELIGIÃO EM BETIM: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE NÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Senra

Belo Horizonte
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pela Biblioteca da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

P436j	Pereira, Paulo Vinícius Faria Jovens sem religião em Betim: o processo de construção da identidade não religiosa / Paulo Vinícius Faria Pereira. Belo Horizonte, 2024. 112 f. : il. Orientador: Flávio Senra Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião 1. Jovens - Religião. 2. Juventude - Aspectos religiosos. 3. Ateísmo. 4. Agnosticismo. 5. Irreligião. 6. Fé. 7. Religião e ciência. I. Senra, Flávio. II. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. III. Título.
 SIB PUC MINAS CDU: 291.17	

Ficha catalográfica elaborada por Fabiana Marques de Souza e Silva - CRB 6/2086

Paulo Vinícius Faria Pereira

**JOVENS SEM RELIGIÃO EM BETIM: O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE NÃO RELIGIOSA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, como requisito para obtenção do título de mestre em Ciências da Religião.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Senra

Prof. Dr. Flávio Senra – PUC Minas (Orientador)

Prof^ª. Dr^ª. Giseli do Prado Siqueira – PUC Minas (Banca Examinadora)

Prof^ª. Dr^ª. Nina Rosas - UFMG (Banca Examinadora)

Belo Horizonte, 06 de dezembro de 2024

Dedico este trabalho às pessoas que buscam
compreender a fé em um mundo de incerteza.

AGRADECIMENTOS

No processo de construção desta pesquisa, enfrentei muitas dificuldades que, em alguns momentos, sugeriam a impossibilidade de sua realização. No entanto, cada pessoa ou grupo dos quais faço parte contribuiu, de alguma forma, para que este trabalho tomasse a forma que tem hoje. Assim, expresso minha gratidão a várias pessoas, que não listo de forma hierárquica, mas conforme uma linha de reflexão pessoal, pois, se estão aqui, é porque foram devidamente importantes e merecem o devido reconhecimento.

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, pois minha trajetória acadêmica surgiu do desejo de conhecê-Lo melhor, o que me despertou a curiosidade de entender as pessoas que o reconhecem (ou não) fora de uma instituição religiosa. Agradeço também à minha família, que me socializou em um ambiente que contribuiu para a construção da minha fé.

Ao meu orientador, Flávio Senra, que me acompanha há quase dez anos, desde quando dei os primeiros passos na elaboração do meu TCC na graduação em Ciências Sociais. Agradeço por acreditar no meu potencial como pesquisador, mesmo nos momentos em que eu mesmo duvidava.

À Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela bolsa que possibilitou minha permanência na pós-graduação, garantindo as condições necessárias para que eu me dedicasse a este trabalho. Ao Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da PUC Minas, por proporcionar um ambiente de aprendizado e, em especial, à professora Giseli Prado, cujo jeito humanizado e interesse pela pesquisa contribuíram com reflexões e orientações relevantes. Agradeço também à colega de turma Camilla Moreira Alves, parceira nas atividades coletivas e apoio nos momentos de desânimo.

Ao Grupo de Pesquisa Religião e Cultura, coordenado pelo professor Flávio Senra, espaço essencial para a reflexão e amadurecimento sobre o tema estudado. Dentro do grupo, agradeço especialmente à colega Claudia Ritz, pelo incentivo, e ao amigo Leandro Evangelista Silva Castro pelas discussões relevantes, pelas problematizações em torno do meu trabalho, pelos conselhos e apoio moral.

Ao CEGIPAR (Centro de Geoprocessamento de Informações e Pesquisas Pastorais e Religiosas), representado por Ana Carolina de Souza Cruz, pelo trabalho técnico na produção dos mapas presentes nesta pesquisa.

À Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, na pessoa do diretor Anderson Manuel de Araújo, por acolher minha presença como pesquisador e facilitar uma boa relação com os estudantes em todas as etapas da pesquisa.

À professora Nina Rosas que tem me apoiado desde o início do meu trabalho, me acolhendo como um dos seus orientandos.

“Sem-religião” significa abandono das práticas religiosas e dos vínculos com as igrejas. Trata-se, muitas vezes, de cidadãos para os quais a luta pela sobrevivência é tão intensa que não lhes permite manter vínculos comunitários? Estaríamos diante, muitas vezes, de pessoas que, além de sem-terra ou sem-casa, sem-emprego, sem-instrução, também se tornaram “sem-religião”? E volta a pergunta angustiante: eles abandonaram as igrejas, ou as igrejas também os abandonaram ou, pelo menos, pouco cuidam deles? (Antoniazzi, 2004, p.38)

RESUMO

A presente pesquisa investiga como jovens de 15 a 17 anos constroem suas identidades não religiosas em um contexto social e cultural marcado por transformações no campo religioso. O estudo foi realizado com estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, localizada em Betim, Minas Gerais, utilizando uma abordagem mista que combina métodos quantitativos e qualitativos, como questionários e História Oral Temática. O objetivo principal foi compreender como esses jovens, inseridos em um ambiente escolar diverso e dinâmico, percebem e expressam sua identidade religiosa ou a ausência dela. Os resultados mostram que, embora o número de pessoas que se identificam como sem-religião esteja aumentando, essa identificação não significa uma ausência de crença ou espiritualidade. Muitos jovens mantêm uma espiritualidade individualizada, desvinculada de instituições religiosas formais. Fatores como o ambiente familiar, as experiências de socialização na infância e o ambiente escolar desempenham papéis centrais na construção dessas identidades. A escola, em particular, emerge como um espaço de socialização onde as crenças são confrontadas, negociadas e, por vezes, transformadas. O estudo também revelou o fenômeno do trânsito religioso, onde jovens experimentam diferentes tradições religiosas antes de se declararem sem-religião, indicando uma busca por sentido e pertencimento. A pesquisa evidencia a complexidade da construção da identidade juvenil em uma sociedade plural e diversificada. A análise interseccional mostrou que fatores como gênero, raça, classe social e orientação sexual influenciam as experiências religiosas e não religiosas dos jovens, destacando a importância de abordar a juventude como um grupo diverso e heterogêneo. Além disso, a dissertação contribui para o debate acadêmico ao propor que a identidade religiosa deve ser entendida como um processo em constante evolução, influenciado por múltiplas camadas de experiências e contextos sociais.

Palavras-chave: Sem-religião, Juventudes, Identidade, Ciência da Religião.

ABSTRACT

This research investigates as 15 to 17 years old build their non -religious identities in a social and cultural context marked by transformations in the religious field. The study was conducted with students from Amélia Santana Barbosa State School, located in Betim, Minas Gerais, using a mixed approach that combines quantitative and qualitative methods, such as questionnaires and thematic oral history. The main objective was to understand how these young people, inserted in a diverse and dynamic school environment, perceive and express their religious identity or its absence. The results show that although the number of people who identify themselves as a nones is increasing, this identification does not mean an absence of belief or spirituality. Many young people maintain an individualized spirituality, detached from formal religious institutions. Factors such as the family environment, socialization experiences in childhood and the school environment play central roles in building these identities. The school, in particular, emerges as a space for socialization where beliefs are confronted, negotiated and sometimes transformed. The study also revealed the phenomenon of religious traffic, where young people experience different religious traditions before declaring themselves without religion, indicating a search for meaning and belonging. Research highlights the complexity of the construction of youth identity in a plural and diverse society. Intersectional analysis showed that factors such as gender, race, social class and sexual orientation influence the religious and non -religious experiences of young people, highlighting the importance of addressing youth as a diverse and heterogeneous group. In addition, the dissertation contributes to the academic debate by proposing that religious identity should be understood as a constantly evolving process, influenced by multiple layers of social experiences and contexts.

Keywords: Nones, Youth, Identity, Study of Religion.

LISTA DE FOTOS

Foto 1: Personalidades históricas da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa.....	25
Foto 2: Escola Estadual Amélia Santana Barbosa.....	26

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Área de influência da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa.....	23
Mapa 2: Bairros de origem dos estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa.....	25

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Perfil dos estudantes	34
Quadro 2: Percentuais e valores absolutos dos sem-religião (de 1890 a 2010) no Brasil.....	86

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Pertencimento religioso	39
Gráfico 2: Trânsito religioso	41
Gráfico 3: Papel da religião na vida	43
Gráfico 4: Frequência das atividades religiosas	44
Gráfico 5: Frequência das orações	45
Gráfico 6: Prática dos preceitos religiosos	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CEGIPAR - Centro de geoprocessamento de informações e pesquisas pastorais e religiosas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

LGBT - Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgênero

LGBTQIAPN+ - Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Pôli, Não-binárias e mais.

MG - Minas Gerais

RMBH - Região Metropolitana de Belo Horizonte

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
1 O PERFIL RELIGIOSO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL AMÉLIA SANTANA BARBOSA	21
1.1 Atividade introdutória: proposição e análises	27
1.2 Perfil sociorreligioso dos estudantes	33
1.2.2 O perfil religioso.....	37
1.3 Considerações finais	46
2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NÃO RELIGIOSA.....	48
2.1 Perfis das pessoas entrevistadas	50
2.1.1 Entrevista A: Simone.....	51
2.1.2 Entrevista B: Raquel.....	53
2.1.3 Entrevista C: Clara	54
2.1.4 Entrevista D: Hannah.....	56
2.1.5 Entrevista E: Maria	57
2.1.6 Entrevista F: Rita	58
2.1.7 Entrevista G: Charles.....	59
2.1.8 Entrevista H: Alberto.....	59
2.1.9 Entrevista I: Bell.....	60
2.1.10 Entrevista J: Martha.....	61
2.1.11 Entrevista K: Gabriel	61
2.1.12 Entrevista L: Raissa	62
2.1.13 Entrevista M: Túlio.....	63
2.1.14 Entrevista N: Grazielle	63
2.2 Processos que levam os estudantes a se declararem como sem-religião	64
2.2.1 O processo de socialização	66

2.2.2 A indiferença religiosa.....	70
2.2.3 A religião como o não-lugar de pertencimento	72
2.2.4 O problema lógico do mal	76
2.3 Considerações finais	78
3 IDENTIDADE RELIGIOSA E OS SEM-RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS..	80
3.1 A identidade religiosa.....	82
3.2 Os sem-religião.....	86
3.3 Considerações finais	95
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A	104
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	104
APÊNDICE A – Questionário sociodemográfico	106
APÊNDICE B - Teses e dissertações sobre os sem-religião	112

INTRODUÇÃO

O presente trabalho se insere em um conjunto de pesquisas realizadas sobre as pessoas sem religião, e, desse modo, não pretende esgotar as possibilidades de interpretações que o fenômeno provoca, mas sim um olhar de como compreendo o fenômeno a partir da minha realidade acadêmica. Com uma base de formação que vem das áreas das Ciências Sociais, Teologia, Pedagogia e Filosofia, reconheço que há várias lentes que influenciam no olhar sobre o fenômeno estudado. Porém, dentro das Ciências da Religião, busco contribuir para a área como um cientista da religião.

Me encontro diante de um debate acadêmico que remonta à 1870, quando a Ciência da Religião¹, enquanto disciplina, dava os seus primeiros passos. E nesse debate, há posturas epistemológicas sobre o que é religião e como estudar religião sob o viés dessa disciplina, diferenciando-a de outras áreas e disciplinas que se dedicam ao mesmo objeto. O maior desafio tem sido a desvinculação da disciplina com relação à Teologia, principalmente no Brasil, onde ela se estruturou em bases eclesiais até mesmo nos programas de pós-graduação. Porém, percebo que a disputa é mais política que acadêmica, ao observar que teólogas e teólogos podem produzir trabalhos de Ciências da Religião, assim como há cientistas da religião que não se desvincularam de outras formações iniciais.

Nesse sentido, enquanto alguém formado em Teologia, numa perspectiva cristã católica, faço uso de dois conceitos do teólogo protestante Karl Barth² (1886-1968), que utiliza no contexto da teologia cristã os termos *fides qua* e *fides quae*. *Fides qua*: se refere à "fé pela qual" alguém crê. Em outras palavras, diz respeito ao ato subjetivo da fé – a confiança e a crença pessoal do indivíduo. É a dimensão pessoal e existencial da fé, onde a pessoa coloca sua confiança em Deus; *Fides Quae*: se refere à "fé que" alguém crê. Diz respeito ao conteúdo objetivo da fé – as doutrinas, ensinamentos e crenças que constituem a fé cristã. É a dimensão doutrinal e confessional da fé, onde se encontram os artigos da fé, como os credos e confissões. Para Barth (2020), esses dois aspectos da fé são inseparáveis, mas distintos. A *fides qua* é a

¹ No texto faço uso de Ciência da Religião, enquanto disciplina acadêmica e Ciências da Religião como área que abrange uma diversidade de abordagens em torno da unidade do objeto.

² Karl Barth (1886-1968) foi um teólogo suíço que é amplamente considerado um dos mais importantes teólogos protestantes do século XX. Ele é conhecido por sua teologia dialética e por sua ênfase na transcendência e soberania de Deus. Barth (2020) rejeitou o liberalismo teológico de seu tempo, que ele acreditava ter minimizado a diferença entre Deus e a humanidade, e em vez disso enfatizou a necessidade de um retorno à revelação divina como fonte primária de conhecimento teológico.

resposta humana à revelação de Deus, enquanto a *fides quae* é o conteúdo da revelação que Deus comunica à humanidade. Barth argumenta que a verdadeira fé cristã deve envolver tanto a confiança pessoal (*fides qua*) quanto a aceitação do conteúdo doutrinário (*fides quae*) da revelação divina.

Partindo disso, entendo que distinção entre *fides qua* e *fides quae* pode ajudar a compreender diferentes abordagens dentro da Teologia e da Ciência da Religião, embora a relação não seja tão simples ou direta. A Teologia tradicionalmente se preocupa com a *fides quae* (a fé que se crê) porque seu objetivo principal é a sistematização, explicação e defesa das doutrinas e crenças de uma fé específica. A Teologia se envolve na análise e interpretação das escrituras, dogmas, credos e confissões de uma tradição religiosa, buscando compreender e explicar o conteúdo da fé. No entanto, a Teologia também lida com a *fides qua* (a fé pela qual se crê), uma vez que considera a resposta pessoal e subjetiva dos fiéis às verdades divinas, especialmente na teologia prática e na espiritualidade. A Ciência da Religião, por outro lado, é um campo acadêmico que estuda a religião de uma perspectiva empírica e comparativa. Ela se concentra na *fides qua* (a fé pela qual se crê) ao investigar como as pessoas experimentam, praticam e vivenciam a fé. Este campo abrange a antropologia, sociologia, psicologia, história das religiões etc., analisando práticas, rituais, comportamentos e crenças religiosas como fenômenos humanos. No entanto, a Ciência da Religião também pode estudar a *fides quae* ao examinar os conteúdos doutrinários e textos sagrados de várias tradições religiosas, mas seu enfoque principal é geralmente descritivo e analítico, não normativo.

Portanto, enquanto há uma tendência geral de a Teologia se concentrar mais no conteúdo da fé e a Ciência da Religião na experiência da fé, ambas as disciplinas podem abordar os dois aspectos de maneiras diferentes e complementares. De tal modo que reconheço que a disputa acadêmica é política, pois

não se trata tão somente de um manifesto pela autonomia de uma área epistemologicamente legítima, mas da constatação de que a legitimidade de uma ciência não depende somente de seus méritos epistemológicos, mas que esses méritos já são politicamente construídos, dentro de campos de força reais e inevitáveis (Passos; Usarski, 2013, p. 24).

Assim, ao contribuir para o debate e para a pesquisa nas Ciências da Religião, não omitirei a base da minha formação reflexiva, mas usarei a Teologia como um olhar para os fenômenos estudados, assim como farei uso dos elementos reflexivos aprendidos

metodologicamente pelas outras formações acadêmicas. Porém, no estudo da religião, as Ciências da Religião se destacam em relação a Teologia, pois ela dá um caráter científico para as pesquisas, uma vez que a Teologia não é uma área essencialmente científica³.

Nas últimas décadas, o campo religioso brasileiro tem passado por intensas transformações, refletindo mudanças profundas nas formas de crença e pertencimento dos indivíduos. Dentre essas transformações, o crescimento do grupo denominado "sem-religião" tem despertado o interesse de diversos pesquisadores. Esse grupo, identificado como o terceiro maior no Censo do IBGE de 2010, compreende indivíduos que, embora não possuam vínculos com instituições religiosas, nem sempre se definem como ateus ou agnósticos. Essa diversidade interna desafia interpretações simplistas e destaca a necessidade de um olhar mais atento sobre a construção de suas identidades.

Neste contexto, a presente dissertação investiga a construção da identidade não religiosa entre jovens de 15 a 17 anos, estudantes dos anos finais da educação básica, residentes em Betim, Minas Gerais. Considerando que a identidade é formada a partir de interações sociais e culturais, conforme proposto por autores como Manuel Castells e Stuart Hall, o estudo busca entender como o processo de socialização influencia esses jovens a se identificarem como sem-religião.

A relevância deste trabalho reside na necessidade de compreender como a juventude, especialmente em ambientes escolares, vivencia e articula sua identidade não religiosa em uma sociedade marcada pela pluralidade religiosa. Como espaço de socialização, a escola reflete as complexidades da convivência religiosa no Brasil, sendo um local privilegiado para investigar como jovens sem religião percebem e constroem sua identidade.

Este estudo combina abordagens quantitativas e qualitativas, utilizando técnicas como a análise de questionários e a História Oral Temática, para captar as nuances do fenômeno estudado. Ao analisar as percepções e discursos dos jovens, busca-se ir além dos números e captar a riqueza de suas experiências e significados atribuídos à sua condição de sem-religião.

³ Não ignoro que a Teologia emprega métodos rigorosos de investigação, análise e argumentação. Ela utiliza hermenêutica, exegese, história, filosofia e outros métodos acadêmicos para estudar e interpretar textos sagrados, doutrinas e práticas religiosas. É sistemática em sua abordagem, organizando crenças e doutrinas de maneira coerente e lógica. Ela busca entender a totalidade da fé religiosa de maneira organizada e estruturada. E ainda pode manter um grau de objetividade e reflexão crítica, especialmente em contextos acadêmicos onde há diálogo com outras disciplinas e tradições religiosas. Porém, a base da sua produção parte do pressuposto da Fé.

Dessa forma, a dissertação não apenas mapeia esse grupo crescente, mas também contribui para o debate sobre o impacto das mudanças religiosas na identidade das novas gerações.

Parto, como ponto de reflexão o contexto da Modernidade, pois reconheço que dela surgem os fenômenos sociais que deram origem à Sociologia. A Modernidade refere-se a um período histórico que começou a se desenvolver principalmente após a Revolução Industrial, trazendo profundas transformações sociais, culturais e econômicas. Esse processo se caracteriza pela valorização da ciência, da razão e do progresso tecnológico, além de novas formas de organização política e social, como a democracia e o capitalismo.

A modernidade trouxe avanços significativos, mas também gerou problemas complexos. O foco excessivo no progresso e na racionalidade, por exemplo, levou ao desenvolvimento de estruturas de poder desiguais e a tensões sociais. A rápida urbanização e o crescimento das cidades intensificaram a desigualdade econômica e as disparidades sociais.

Além disso, o surgimento de ideologias nacionalistas e o foco em identidades exclusivas fomentaram fundamentalismos e intolerância, pois grupos sociais começaram a defender suas visões de maneira rígida frente às mudanças e à diversidade cultural. O individualismo, também valorizado na modernidade, gerou distanciamento social, diminuindo a coesão entre comunidades e aumentando a sensação de isolamento. O consumo exacerbado, promovido pelo capitalismo, criou novos desafios, como a degradação ambiental, e a alienação do trabalho, onde as pessoas se sentem desconectadas do resultado de seu próprio trabalho.

No contexto da modernidade, a construção da identidade se torna um tema relevante, pois, com as rápidas mudanças sociais, os indivíduos precisam lidar com novas formas de pensar, agir e se relacionar. O papel tradicional da família, da religião e da comunidade passa por questionamentos, o que gera, muitas vezes, crises de identidade e de pertencimento. A modernidade promove uma multiplicidade de escolhas e estilos de vida, mas também pode gerar insegurança, já que os antigos marcos de referência – como tradições familiares e religiosas – são enfraquecidos ou relativizados.

Uma socióloga importante para entender esse cenário é Danièle Hervieu-Léger (2008). Ela trabalha com a ideia de que a modernidade não eliminou a necessidade de crença e pertencimento, mas transformou essas experiências. Segundo ela, muitos indivíduos, em meio às incertezas modernas, buscam formas de construir novas referências e sentidos de pertencimento, ainda que de maneira mais individualizada.

Assim, no contexto moderno, a identidade é constantemente negociada. O indivíduo precisa lidar com a liberdade de escolha, mas também com a sensação de estar perdido em meio a tantas possibilidades. Isso traz desafios como a solidão, a crise de sentido e a busca por novos vínculos e pertencimentos, que podem ser entendidos como tentativas de criar um "nós" em meio a um mundo fragmentado.

1 O PERFIL RELIGIOSO DOS ESTUDANTES DA ESCOLA ESTADUAL AMÉLIA SANTANA BARBOSA

Com o propósito de investigar os processos que levam estudantes dos anos finais da educação básica a se identificarem como sem-religião, selecionei como campo de pesquisa uma escola pública estadual no município de Betim/MG⁴. Dado que os sem-religião não constituem um grupo formalmente institucionalizado, a sua identificação para fins de estudo é uma tarefa desafiadora⁵. Nesse sentido, o ambiente escolar emerge como um espaço privilegiado para analisar jovens que se autodeclaram sem-religião.

A escolha pelo município de Betim/MG está relacionada ao meu vínculo com a cidade, na qual residi por 30 anos, desde a minha infância e parte da minha vida adulta. Também foi a cidade que contribuiu para os meus processos pessoais de construção das minhas identidades, pois entendo que as identidades são construídas por meio das relações que os indivíduos têm com outras pessoas intermediadas pelos lugares que estão inseridos. Logo, se faz necessário pensar as relações sociais dentro da cidade, pois, para o sociólogo e antropólogo José Márcio Barros, a cidade – assim como a cultura – é um “ato discursivo que encerra dimensões simbólicas mediadas por linguagens e investimentos de sentido em interação contínua” (Barros, 2001, p.20) e, nesse mesmo sentido, entendo que a cidade pode influenciar nos processos de construção das identidades. Ainda para Barros (2001)

A identidade passa a ser pensada como decorrência da multiplicidade de suas referências constitutivas, ora localistas, ora globalistas, da tradução da diversificação das experiências sociais e de seus sistemas de representação, inaugurando um processo contínuo de negociação e comunicação. O sujeito e a cidade contemporânea desenvolvem múltiplas e simultâneas elaborações discursivas, resultantes de um singular processo de troca entre universos cada vez mais intercambiáveis (Barros, 2001, p. 21).

Nesse sentido, se destaca como a identidade de um sujeito se molda por múltiplas referências e interações em um espaço urbano complexo como Betim. José Márcio Barros (2001) sugere que as identidades não são fixas ou unitárias, mas, ao contrário, são construídas por referências que oscilam entre o local e o global, refletindo a diversidade de experiências e

⁴ Projeto aprovado pelo CEP PUC Minas nº CAAE 66630223.4.0000.5137.

⁵ A socióloga Silvia Regina Alves Fernandes (2009), em sua pesquisa para o CERIS, também encontrou dificuldades em identificar grupos de pessoas sem religião, de modo que ela usou a mediação de membros de grupos religiosos para que estes usassem as suas redes de contato a fim de identificar indivíduos sem religião.

influências culturais que cada indivíduo vivencia em uma cidade. Esse processo contínuo de "negociação e comunicação" reforça que tanto o indivíduo quanto a cidade estão em transformação constante, construindo-se mutuamente.

No caso de Betim, uma cidade de relevância regional e industrial, as identidades dos moradores se formam em meio a uma dinâmica de troca entre diversas culturas e valores. A cidade contemporânea, como enfatizado pelo autor, é um espaço onde múltiplas narrativas se encontram e se adaptam, dando origem a identidades plurais e flexíveis. Essa interação reflete a natureza fluida da identidade urbana, onde cada vivência – seja ela local ou influenciada por aspectos globais – contribui para uma construção identitária que dialoga tanto com o passado da cidade quanto com as novas influências que ela absorve.

Betim é uma cidade mineira localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) e faz divisa com outras oito cidades: Contagem, Esmeraldas, Igarapé, Ibirité, São Joaquim de Bicas, Mário Campos, Juatuba e Sarzedo. Situada a 26 km da capital, possui uma área de 345,99 km² e uma população de 411.846 habitantes, de acordo com o CENSO de 2022. Sua história remonta a 1711, quando foi fundada como uma sesmaria pertencente a Joseph Rodrigues Betim, na Comarca do Rio das Velhas, com sede em Sabará. A cidade passou por diversas transformações até sua emancipação em 17 de dezembro de 1938. Um ponto relevante na história de Betim é sua relação com a religiosidade, evidenciada pela construção de uma capela por meio de uma provisão episcopal em 9 de novembro de 1754. Esse evento marcou a transformação do local no arraial Capela Nova do Betim, que em 1797 se tornou um distrito com o mesmo nome⁶. Em 1901, ocorre a primeira emancipação, Santa Quitéria (hoje Esmeraldas) sai de Sabará, levando o arraial Capela Nova do Betim consigo. Em 1923, Betim passa a ser um distrito do município de Santa Quitéria⁷ até ter a sua emancipação em 17 de dezembro de 1938, com o incentivo do padre Osório Oliveira Braga. De Betim, ocorrem outras emancipações, Contagem⁸, Ibirité⁹ e Sarzedo¹⁰.

⁶ O governador da Capitania das Minas Gerais, Bernardo José de Lorena, conhecido como Conde de Sarzedas criou, em agosto de 1797, vários distritos, entre eles o de Capela Nova do Betim. Essa decisão foi aprovada pela Câmara de Sabará em novembro de 1801.

⁷ Em 1938, Santa Quitéria já se chamava Esmeraldas.

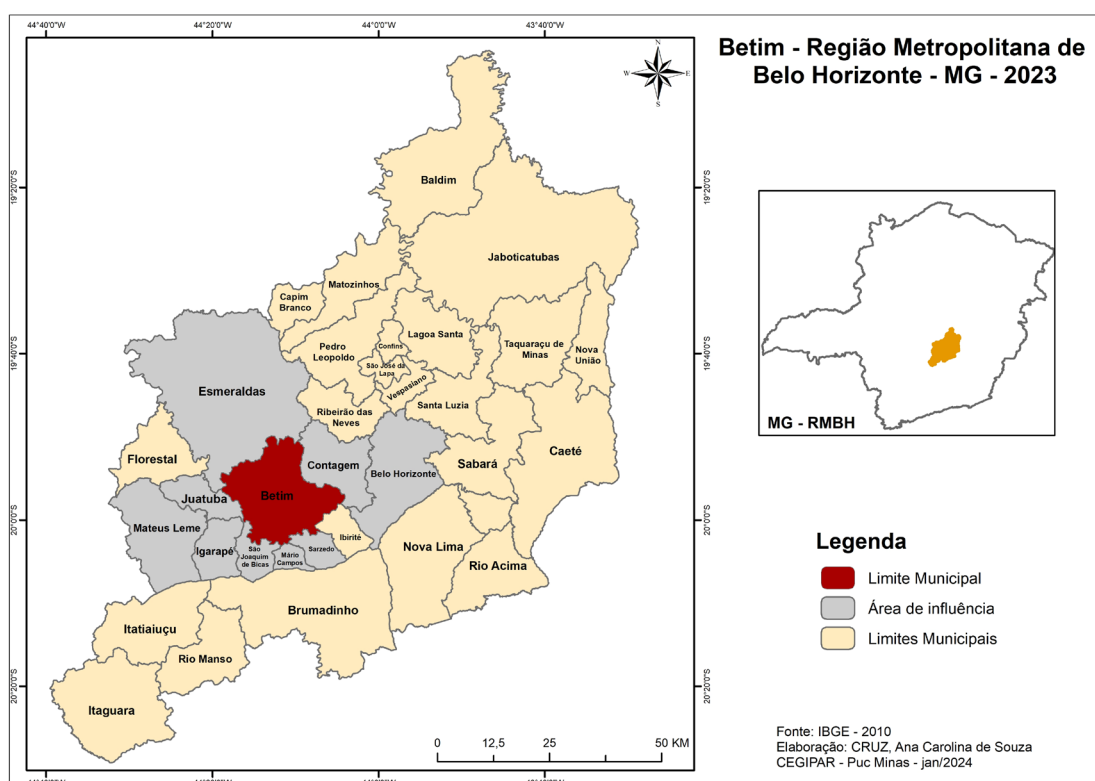
⁸ Contagem perdeu a condição de município independente em 1938, passando a ser um distrito de Betim, mas se tornando independente novamente em 1948.

⁹ Ibirité se torna um distrito de Betim em 1938, mas tem a sua emancipação em 01 de março de 1963.

¹⁰ Sarzedo se torna um distrito de Betim em 1948, mas tem a sua emancipação em 21 de dezembro de 1995.

A tradição e a reputação da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa em oferecer um ambiente seguro, acolhedor e disciplinado influencia significativamente na decisão de muitos estudantes em estudar fora do seu município de residência. Fatores como corpo docente qualificado, infraestrutura adequada e programas pedagógicos diversificados motivam esses estudantes a se deslocarem diariamente do local onde se encontra o seu domicílio ao local onde estudam. O mapa abaixo (mapa 1) representa os municípios que formam a Região Metropolitana de Belo Horizonte além dos municípios limítrofes com a cidade de Betim, onde está inserida a escola pesquisada e seu raio de influência sobre um contingente significativo de estudantes oriundos de cidades vizinhas¹¹.

Mapa 1: Área de influência da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa



Fonte: CEGIPAR (2024).

¹¹ Foram identificadas as cidades: Belo Horizonte, Contagem, Ibirité, Igarapé, Juatuba, Mateus Leme, Sarzedo, São Joaquim de Bicas.

A escolha específica dessa escola se deve à minha presença nela como professor de Sociologia¹², o que contribuiu para a compreensão por parte da gestão em relação à seriedade do trabalho a ser desenvolvido; à percepção pessoal de que ali havia estudantes de várias partes da cidade, criando a possibilidade de ter dados representativos do município de Betim.

O enfoque deste capítulo consiste em apresentar o perfil sociorreligioso dos estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, situada em Betim/MG. A Escola Estadual Amélia Santana Barbosa é uma escola reconhecida por ser uma das primeiras escolas estaduais no município. Pela sua localização central e pelo seu reconhecimento em relação ao ensino, a escola proporciona um lugar representativo das/dos estudantes de Betim, atraindo estudantes provenientes de distintas regiões da cidade¹³ (mapa 2) assim como de outros municípios, que buscam a conveniência de estudar no centro e a possibilidade de estudar em uma escola com excelência no ensino, baseado na sua nota no IDEB – Índice de Desenvolvimento da Educação Básica. Dentre os municípios limítrofes a Betim, apenas Ibirité não tem estudantes matriculados na escola¹⁴.

O mapa dos bairros de Betim, que indica a origem dos estudantes que frequentam a Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, oferece uma rica oportunidade de compreender os fatores que influenciam a mobilidade escolar na região. É possível identificar padrões de deslocamentos e motivações por trás das escolhas de estudar fora do bairro ou até mesmo do município de residência. A análise do mapa revela que a maior concentração de estudantes vem de bairros periféricos de Betim. A localização dessas áreas, geralmente mais afastadas dos centros urbanos e com menores índices de desenvolvimento, indica que esses estudantes buscam alternativas em outras localidades para suprir deficiências encontradas nas escolas locais.

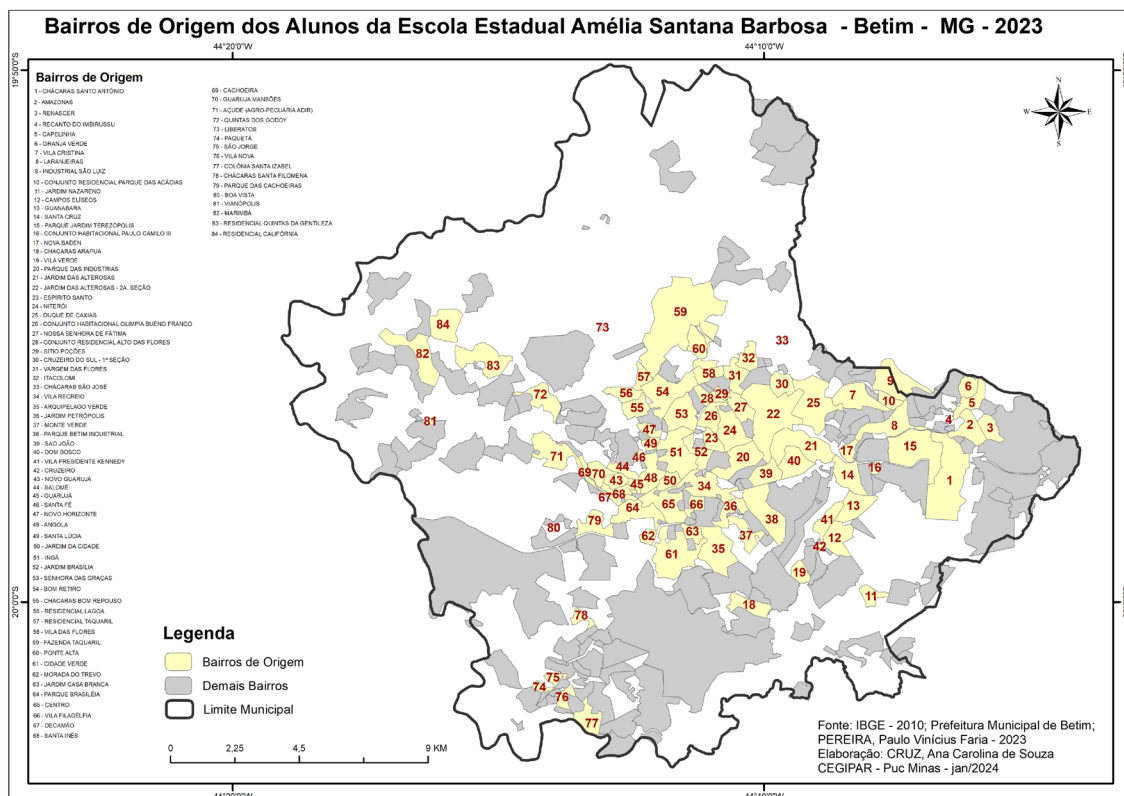
Variações significativas no nível socioeconômico, também figuram como importantes pontos de origem dos estudantes. Isso pode ser explicado pela disparidade na qualidade do ensino oferecido dentro do próprio município, motivando famílias a buscarem escolas que garantam melhor preparo acadêmico, infraestrutura de ensino e segurança escolar.

¹² No período de desenvolvimento da pesquisa, eu não estava atuando como o professor regente das aulas, de modo que não tinha vínculo direto com esses estudantes.

¹³ Dos 209 bairros no município há a presença de 85 bairros de origem dos estudantes.

¹⁴ Baseado nas informações obtidas pelo questionário.

Mapa 2: Bairros de origem dos estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa



Fonte: CEGIPAR (2024).

A criação da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, ocorreu em 1964 pelo padre Rafael Martins, com o nome Colégio Normal Oficial de Betim. Passou a se chamar Escola Estadual de Betim na década de 1970 e, diante da necessidade de nomear a escola, foi batizada com o nome de uma professora falecida, que tinha parentesco com o diretor da época, Dalírio da Silva, passando a ser conhecida como Escola Estadual Amélia Santana Barbosa.

Foto 1: personalidades históricas da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa¹⁵



Fonte: Acervo da escola

¹⁵ Da esquerda para a direita: padre Rafael Martins, professora Amélia Santana Barbosa, professor Dalírio da Silva.

Diante disso, olhar para a Escola Estadual Amélia Santana Barbosa é ver a possibilidade de encontrar um lugar, onde estudantes, por meio da sociabilidade, constroem as suas relações e identidades. Os “lugares”, para Marc Augé (2012) são espaços onde as pessoas constroem relações sociais significativas, criam identidades e experiências compartilhadas. Esses lugares estão enraizados em contextos culturais específicos e possuem uma história e uma identidade distintas. Diferente da ideia de “não lugares” que são espaços que não possuem significado cultural ou relacional forte para as pessoas que os habitam ou frequentam. Esses espaços são geralmente transitórios, como aeroportos, estações de trem, rodoviárias, shoppings, entre outros espaços onde as interações humanas são temporárias e impessoais. Em contraste, a Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, pela sua arquitetura e paisagem, possibilita o reconhecimento do seu espaço como um lugar.

Foto 2: Escola Estadual Amélia Santana Barbosa



Fonte: Acervo da escola.

Marc Augé (2012) argumenta que os não lugares estão cada vez mais presentes na sociedade contemporânea, especialmente com o aumento da globalização e da mobilidade. Ele vê os não-lugares como sintomáticos de uma cultura contemporânea que valoriza a eficiência e a rapidez sobre a profundidade das relações sociais. Para o autor, o conceito de lugar e não-lugar é uma lente através da qual se pode analisar a sociedade contemporânea e as mudanças

nas formas de interação humana. Nesse sentido, uma escola com possibilidade de ser um lugar de criação de vínculos e um espaço privilegiado para o encontro de jovens sem religião torna propício o desenvolvimento de uma pesquisa sobre a identidade de jovens sem religião.

Para atingir ao objetivo indicado acima, realizei uma atividade introdutória, concebida como uma forma de apresentação da proposta para as/os estudantes. A caracterização desse perfil sociorreligioso foi abordada por meio da aplicação de métodos quantitativos. A abordagem quantitativa visa identificar categorias gerais que permeiam os processos sociorreligiosos de autoidentificação não religiosa. Considerando que este capítulo se concentra no perfil sociorreligioso dos estudantes da escola, a abordagem quantitativa proporciona uma análise objetiva da realidade, evitando a exploração detalhada dos estudantes auto identificados como sem-religião, os quais serão objeto de estudo aprofundado no capítulo subsequente. Destarte, busca-se examinar esses dados com o intuito de traçar um perfil do grupo selecionado para esta pesquisa.

1.1 Atividade introdutória: proposição e análises

A entrada em campo ocorreu após um agendamento prévio com a direção da escola e com a professora de Sociologia, que disponibilizou algumas aulas para a aplicação das etapas da pesquisa. Porém, os trabalhos nas várias turmas aconteceram em momentos diferentes, devido à organização interna da escola, planejamento pessoal da professora e situações políticas externas que, em algumas ocasiões, paralisavam as atividades escolares.

O primeiro momento em sala de aula ocorreu mediante uma atividade preliminar, cujo objetivo era fornecer às/aos estudantes elementos que conferissem significado ao que estava sendo ensinado em sala de aula. Dessa forma, foram estabelecidos um objetivo de ensino e um objetivo de aprendizagem. O objetivo de ensino almejado era permitir que as/os estudantes compreendessem a relevância das aplicações de pesquisa e internalizassem alguns conceitos pertinentes ao tema em análise como, por exemplo, a categoria censitária sem-religião. Quanto ao objetivo de aprendizagem, buscava-se capacitar as/os estudantes a descreverem e analisarem os dados coletados, apoiando-se nas discussões em sala de aula.

Participaram da atividade introdutória as 28 turmas da escola (oito turmas de primeiro ano, 11 turmas de segundo ano e nove turmas de terceiro ano), referentes aos dois turnos de funcionamento da escola: manhã e tarde. Do total de 1100 estudantes matriculados,

participaram 797 estudantes (quantidade referente aos presentes na sala de aula no momento da atividade), totalizando 72,45% do total das matrículas). Essa etapa preliminar, também concebida como uma ambientação ao tema, proporcionou a revisitação de conceitos pelos estudantes, em relação aos tópicos que seriam abordados durante a aplicação do questionário.

A primeira atividade englobou uma dinâmica, na qual cada estudante recebeu um pedaço de papel em branco e foi solicitado responder à seguinte pergunta: "qual é a sua religião?". Apesar da aparente objetividade da pergunta, ela gerou uma ampla gama de respostas, as quais refletiram diversas interpretações do termo religião. Dentre as respostas, foi possível identificar filiações religiosas institucionais, a multiplicidade de pertencas, incerteza quanto ao tema, manifestações de espiritualidade pessoal, indecisões em relação às próprias convicções e até mesmo a formulação de novas categorias religiosas (essas informações serão detalhadas posteriormente).

Após escreverem suas respostas, que foram mantidas de forma anônima, os papéis foram recolhidos. Na sequência, as respostas foram afixadas no quadro. Se fosse observado que a resposta era a mesma, seria identificado quantitativamente, através da marcação por palitinhos, mas, se fosse uma resposta diferente, uma nova categoria seria criada. Entre as respostas foram registradas: adventista, ateu/ateia, agnóstica/o, bruxa natural (neo pagã), budista, candomblé, católica/o, católica apostólica romana, católica não praticante, catolicismo, crente, cristã/ão, cristão agnóstico, cristã/o católica/o, cristã/o evangélica/o, cristã/o protestante, cristianismo, evantólico, evangélica/o, evangélica/o protestante, evangélica não praticante, espírita, espírita kardecista, espiritismo, islã, judaísmo, judaísmo messiânico, protestante, satanismo, taoísmo, testemunha de Jeová, umbanda, umbanda omoloko, umbandista, Universal, xamanismo, wicca, não tem religião, não tem certeza se tem religião, não sabe dizer se tem religião, não quis responder, não tem uma religião específica, nunca se importou, tem fé ou apenas “acredita em Deus”, “acredita em Nossa Senhora e em Jesus” e houve quem disse que acreditava em todas. Também houve complementos de outras identidades como o time de futebol: Atlético e Cruzeiro. Ocorreu quem apenas se declarasse bolsonarista. Não foi observada homogeneidade entre as turmas, de modo que algumas tinham uma diversidade maior de respostas, enquanto noutras elas foram reduzidas a poucos grupos.

Foi proposto um momento de discussão em torno das categorias. Foi sugerido integrar algumas respostas, tais como: “católica/o, católica apostólica romana, católica não praticante, catolicismo e cristã/o católica/o”; “evangélica/o, evangélica/o protestante, evangélica não

praticante, cristã/o evangélica/o e cristã/o protestante”. Também foi discutido sobre apenas nomear como crente ou cristão/cristianismo, onde não era possível dizer se a pessoa se reconhecia como católica ou evangélica. Assim, esse foi um momento em que as/os estudantes perceberam a importância da resposta sincera e completa na autodeclaração. Em relação a categorias que não apresentavam uma instituição, aprenderam que o IBGE usa a categoria sem-religião para ateus, agnósticos e pessoas que têm uma crença, mas não se identificam com uma instituição religiosa (sem-religião sem religião, segundo o IBGE).

Muitos estudantes que se apresentaram como parte do cristianismo, de modo amplo, católico ou evangélico, complementaram suas respostas:

- “Sou católica, mas tenho curiosidade de conhecer outras religiões”; - “Católica, mas não frequento muito a igreja. Tenho outro ponto de vista sobre a criação do planeta também, mas está fora do catolicismo”; - “Católico, porém nem crente em tudo”; - “Católica, mas vou mais na evangélica”; - “Cristianismo, porém não invalido as outras, pois seguir (crer) e acreditar são coisas diferentes”; - “Minha religião é evangélica. Sou cristã! Amo Jesus”; - “Católico, mas além de tudo cristão”; - “cristão adepto”; - “Eu sou cristão, porém, não pratico nenhuma religião”; - “Sou discípula de Jesus. Faço parte de uma igreja judaica messiânica”; - “sou católica, mas respeito e gosto de pesquisar e aprender sobre outras religiões”; - “Cristã, religião monoteísta”; - “Mais para o lado do cristianismo em valores”; - “católica, mas sigo à risca”; - “Sou cristã da Igreja Católica Apostólica Romana”; - “Minha religião é em Cristo, evangélica. Acredito na minha fé e intimidade com Deus”; - “católica, porém, não sou praticamente ativa”; - “Sou cristã, acredito na existência de um Deus único, e sigo as doutrinas católicas”; - “Me considero católico, mas frequento pouco, entretanto, gosto de entender outras religiões”; - “Acho que católica. Não sou praticante e ainda não entendo, em mim mesma se acredito na ideologia”; - “crença católica”; - “Eu acredito em Deus, vulgo cristianismo”; - “Católica, mas no momento estou estudando (aprendendo) sobre outras religiões e acho todas interessantes”; - “Cristã com muito amor”; - “Sou cristã, me identificando com a igreja católica e pegando um pouco do espiritismo” (Dados da pesquisa, 2023).

Foi comum, entre as respostas dos evangélicos, o complemento “Jesus te ama” ou “Sou apaixonada/o por Jesus”. Também identifiquei declarações espontâneas como: “Fé em Deus, forte abraço. Muita paz é isso” e “evangélico fechado com o mano JC (Jesus Cristo)”. Assim, podemos pensar alguns pontos de análise: há diversidade dentro do cristianismo, pois alguns mencionaram que não são praticantes ativos, enquanto outros têm uma visão mais flexível de sua fé. Isso reflete a diversidade de interpretações e experiências dentro da religião; algumas respostas mostram uma abertura à diversidade religiosa, com estudantes expressando curiosidade e interesse em aprender sobre outras religiões; uma ênfase na experiência religiosa individual, independente da sua filiação; a religião como um processo de reflexão, seja como uma orientação moral ou como uma influência cultural.

Percebi, pelas respostas dos/as estudantes, que a pergunta: “qual é a sua religião?” não é algo objetivo, pois existe uma distância entre a intenção de quem pergunta e quem responde, sendo possível uma grande variação a partir das possíveis interpretações. Dentre elas, podemos perceber a necessidade de dar ênfase naquilo em que se acredita, as inseguranças em relação à crença e a abertura para mostrar que aceita outras religiões. Há um ponto a se observar, ou seja, que o cristianismo sozinho não é pensado como religião, mas como uma crença, de modo que houve estudante que se apresentou como cristão agnóstico, porque não tem uma religião, mas suas crenças se mostraram embasadas no cristianismo.

As múltiplas pertencas também estiveram presentes ao longo da atividade. Havia os pertencentes ao candomblé e umbanda, umbanda e xamanismo, wicca e taoísmo. E os que se declaravam católicos e evangélicos (realidade que apresentou uma nova categoria religiosa autodeclarada: os evantólicos), segundo um desses estudantes, que explicou o conceito, “sou evantólico evangélico/católico. Meu pai é evangélico e minha mãe católica”. A partir disso, defino como evantólico: um termo que descreve uma pessoa que se identifica simultaneamente como católica e evangélica, incorporando elementos das duas tradições religiosas em sua prática e crença. Essa identidade religiosa emergiu como uma nova categoria para indivíduos que têm influências tanto do catolicismo quanto do evangelicalismo em suas vidas e tradições familiares.

As respostas complementares também tentaram dar conta dessa diversidade, como: “também estudo budismo” ou que estava virando budista; “católica, com interesse de entrar para a umbanda”. Uma resposta curiosa foi: “eu sou católica e me considero umbandista ou sem nenhuma religião”. A umbanda também foi uma religião bem representada, inclusive em respostas como: “Minha religião é a ancestralidade, o amor e o cuidado. A Umbanda”.

O processo de socialização também ocorre de uma forma inconsciente entre os indivíduos, ou seja, os estudantes absorvem os padrões culturais e sociais sem necessariamente refletir sobre eles de forma consciente. Isso se torna evidente nos relatos quando passam a refletir sobre as novas realidades que enfrentam. É o momento de discernimento ou mesmo de uma crise pessoal, no qual irão lidar com a conservação ou transformação das realidades subjetivas. As respostas destacadas foram:

- "Eu era cristão quando mais novo. Hoje em dia não sigo mais, só acredito que Deus existe" / - "Meus pais são católicos então frequento a igreja católica, mas sou espírita" / - "Quando criança era católica, mas agora não tenho uma definida, eu acredito em Deus, mas não tenho religião definida" / - "Minha religião segundo os meus pais é a protestante, mas eu não sei se me considero isso, na verdade, eu não sei de nada" / -

"Ainda estou descobrindo (mas parece que sou da religião espírita) / - "Acho que católica. Não sou praticante e ainda não entendo, em mim mesma se acredito na ideologia" / - "Fui criada como evangélica, porém me descobri umbandista" / - "Não frequento nenhuma igreja..., mas fui criado (a) na organização das Testemunhas de Jeová por parte de mãe e evangélica por parte de pai" / - "Fui criado em uma família religiosa, mas acredito em tudo" / - "batizado em igreja católica, porém hoje em dia não acredito em nada" (Dados da pesquisa, 2023).

Os estudantes estão em um processo de construção da opinião sobre qual é a sua identidade religiosa. Como se pode notar, foram respostas variadas, porém, é notável um distanciamento em relação à religião da infância e/ou religião dos pais e que, nesse processo de ruptura, muitos buscam seguir aquilo em que acreditam, construindo a sua própria identidade religiosa.

Algumas das respostas foram agrupadas como pessoas sem religião. Durante a atividade, as/os estudantes receberam um texto no qual se refletia sobre quem eram os jovens sem religião, de autoria de Thais Carrança (2022)¹⁶. Entenderam que os dados agrupam pessoas agnósticas, ateias e pessoas com crença, mas sem nenhum vínculo religioso institucional. Das mais variadas respostas, eram recorrentes a necessidade de se falar que acredita em Deus, que não tem religião no momento. As respostas são:

- "Nenhuma e também não acredito em certas partes!" / - "Sou de Deus" / - "Acredito que não existe argumentos para a existência de Deus" / - "Sou ateu graças a Deus" / - "Não tenho uma religião definida, mas acredito em Deus" / - "Eu não sei, pois acredito em pouco de cada religião" / - "Não tenho uma religião definida, mas já frequentei a Testemunha de Jeová" / - "Eu era cristão quando mais novo. Hoje em dia não sigo mais, só acredito que Deus existe" / - "Não tenho uma religião. Acredito que existe, porém não tenho" / - "Sei lá. Não tenho uma certa, mas apoio quase todas" / - "Não sei, eu acredito em Deus" / - "Eu acredito em Deus acima de tudo, mas não vou muito em igreja, e fui batizada na igreja católica" / - "Não tenho fé, não tenho muitas crenças, porém não nego a possibilidade de existir. Diferente do ateu, eu não tenho certeza da existência ou não do divino e sobrenatural. (também não sou batizado)" / - "Não tenho religião, porém acredito em Jesus" / - "Não tenho religião, mas acredito em Deus" / - "Eu não tenho religião, acredito em Deus, porém em alguns momentos duvido disso" / - "Acredito em Deus, mas deixei de ser católico e evangélico = cristão" / - "Eu acredito que eu não tenho em si uma religião, apenas acredito em Deus e em suas obras" / - "Não possuo religião, entretanto, creio em Deus" / - "O Amor é minha religião. Praticar e fazer amor" / - "Não acredito em religião alguma (não suporto nenhuma) mas acredito em deus, mas um deus Bom. Não o cristão" / - "Não acredito em um ser espiritual" / - "Eu sou cristão, porém, não pratico nenhuma religião" / - "Acredito em Deus e tenho muita fé, porém não sei se sigo uma religião certa" / - "Não tenho, mas acredito em Deus" / - "Atualmente não tenho uma religião" / - "Já fui religiosa, porém hoje não sigo religião nenhuma" / - "Não tenho religião, mas acredito

¹⁶ A intenção de estudar esse texto em sala de aula foi apresentar como o IBGE lida com o conceito, de modo que não tive a pretensão de induzir uma resposta para essa categoria.

que existe mais coisas do que os olhos podem ver" / - "Somente acredito que Deus existe" / - "não tenho uma ao certo, mas pesquiso sobre várias pra entender" / - "nenhuma, pelo menos por enquanto" / - "Minha religião ainda não foi definida; não tenho religião escolhida/preferida" / - "mas não me identifico muito com nenhuma além destas" / - "não tenho nenhuma religião, mas acredito em Deus" / - "Não tenho uma religião, pois ainda não me autoconheço nesse assunto, mas acredito em Deus" / - "Até acredito que existe um criador" / - "Não tenho uma religião. Tenho uma crença, mais específico (Cristianismo)" / - "Pra mim, religião é algo fanático e superficial, que te prende. Eu acredito em Deus, que cura, ama Seus filhos e Nos acolhe" / - "sei lá, não costumo me importar sobre isso, o que importa é a fé" / - "Não possuo nenhuma religião" / - "Não gosto de rotular minha religião. Porém acredito em Deus e tenho fé nele" / - "Não tenho religião, apenas sigo Deus e acredito nele" / - "Não tenho religião, mas acredito em Deus e tenho fé" / - "Não tenho religião, acredito em todas, mas não sigo nenhuma" / - "Eu acredito em Deus" / - "Não tenho nenhuma religião, mas creio que Deus existe" / - "nunca me importei com religião" / - "Olha, eu acredito em Deus, porém não tenho uma religião certa" / - "A minha religião é aquela em que não reprime pessoas e prega amor e compaixão com o próximo, onde são livres para serem o que quiserem" / - "No momento nenhuma" / - "Eu não sigo nenhuma doutrina, mas acredito em Deus" / - "Acredito que exista alguma autoridade maior por aí, mas nenhuma específica" / - "No momento apenas uma estudante de várias religiões, com um grande interesse no Budismo" / - "Não possuo ou sigo nenhuma religião / crença. Sou ateu" / - "Não sei dizer se tenho religião, mas tenho a minha fé em Cristo e em Deus" / - "Sinceramente, não sei. Não sou ateu, acredito em deus e sigo os ensinamentos da Bíblia. Mas não vou a igreja" / "Eu não tenho uma religião exata, porém acredito e mantenho minha fé em Deus" / "Nenhuma, eu apenas acredito em várias coisas que não tem relação as outras. Não existe diabo se não existir deus!" / - "Eu acredito em Deus. Sem religião pra isso. Mas se fosse pra falar uma, envangelho" / - " Não tenho religião, pois acredito em tudo" (Dados da pesquisa, 2023).

Em continuidade ao processo de socialização, a ruptura pode ocorrer também quando esses/as estudantes não reconhecem nenhum vínculo religioso institucional. Há posicionamentos mais explícitos em relação àqueles/as que se dizem ateus ou agnósticos e, com isso, tentam fundamentar o motivo de se posicionar dessa forma. É possível perceber entre as respostas que a presença de uma crença mais individualizada, enquanto outros estão em processo de autoconhecimento, com a possibilidade em aberto de se ter ou não ter uma religião. Um ponto a se observar é a ideia de encarar a religião como um conjunto de regras, apesar da crença, de modo que uma pessoa se reconhece como cristã e diz não ter uma religião.

Em relação às discussões em torno da atividade em sala de aula, as/os estudantes foram incentivados/as a refletir sobre os dados: se eram suficientes para uma análise, se representavam a escola ou a cidade de Betim. E, havendo uma negativa, foram indagados ainda sobre quais informações faltavam. Com isso, o campo foi levado a considerar a importância de responder a um questionário mais extenso, que desse conta de levantar dados com informações relevantes para futuras análises e construção do perfil social da turma. Apesar dos dados serem insuficientes para uma análise, como foi observado com as turmas, as informações trazidas

pelos estudantes nas suas respostas, contribuem para algumas reflexões e para algumas pistas de interpretação.

O questionário, assim como a atividade de ambientação, foi aplicado em todas as turmas, sendo 28 turmas da escola (oito turmas de primeiro ano, 11 turmas de segundo ano e nove turmas de terceiro ano), referentes aos dois turnos de funcionamento da escola: manhã e tarde. Do total de 1100 estudantes, responderam ao questionário: 772 estudantes. Foram 25 estudantes a menos em relação à primeira atividade. Desse modo, a adesão nesta segunda etapa foi de 70,18%.

1.2 Perfil sociorreligioso dos estudantes

A partir do número de questionários respondidos, foi possível traçar um perfil desses estudantes. Há três estudantes estrangeiras/os, nascidas/os em Málaga (Espanha), Silver Spring (Estados Unidos) e Torino (Itália) (0,4 %). Do restante, 495 nasceram na própria cidade de Betim (64,11%), 146 nasceram na capital mineira (Belo Horizonte – 18,9%), 40 nasceram em Nova Lima (5,2%), 19 nasceram em Contagem (2,5%), e outras cidades do Estado de Minas Gerais ou do país (7,59%).¹⁷ Um disse não saber onde nasceu e 10 pessoas não responderam (1,3%).

Embora o objetivo final seja o de compreender as afiliações religiosas das/os estudantes, considero igualmente importante conhecer a proporção desses jovens a partir dos segmentos sociais que estão inseridos, seja a faixa etária, a identidade de gênero, a orientação sexual e a autodeclaração racial. Intencionalmente, a ideia de visibilizar essas informações, assim como o seu detalhamento, é mostrar que a escola é um espaço de diversidade e, por isso, não cabe trazer estereótipos para esse segmento, a juventude.

¹⁷ Águas Formosas, Araçuaí, Barra do Piraí, Barueri, Bocaiúva, Bom Sucesso, Brasília, Camaçari, Curitiba, Curvelo (duas pessoas), Conselheiro Lafaiete, Divinópolis, Esmeraldas, Franca, Guarulhos, Ibirité, Ipatinga (duas pessoas), Itabirito, Itaperuna, Jacinto, Jequitinhonha, João Monlevade, Juatuba, Lavras, Mirabela, Nova Serrana, Osasco (duas pessoas), Ouro Branco, Padre Paraíso, Passos, Patrocínio, Pedra Azul, Pedro Leopoldo, Rio de Janeiro, Santos, São Bernardo, São Paulo (cinco pessoas), Sete Lagoas, Sobral, Suzano, Timóteo, Uberaba, Uberlândia, Várzea da Palma, e Vitória da Conquista. E alguns apenas disseram o nome do estado que nasceram, como Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais (quatro pessoas).

QUADRO 1: Perfil dos estudantes

Feminino 445 (57,65%)			Masculino 317 (41,05%)			Não-binário 10 (1,3%)		
		TOTAL			TOTAL			TOTAL
Idade	14 anos	0%	Idade	14 anos	0,78%	Idade	14 anos	0,13%
	15 anos	14,51%		15 anos	7,25%		15 anos	0,52%
	16 anos	19,95%		16 anos	13,34%		16 anos	0,13%
	17 anos	16,58%		17 anos	14,25%		17 anos	0,39%
	18 anos ou mais	6,61%		18 anos ou mais	5,44%		18 anos ou mais	0,13%
Orientação sexual	Assexual	0,65%	Orientação sexual	Assexual	0,4%	Orientação sexual	Assexual	0,26%
	Bissexual	11,79%		Bissexual	1,68%		Bissexual	0,13%
	Heterossexual	42,88%		Heterossexual	37,31%		Heterossexual	0,39%
	Homossexual	1,81%		Homossexual	1,42%		Homossexual	0,52%
	Não responderam	0,52%		Não responderam	0,26%		Não responderam	0%
Autodeclaração racial	Amarela	0%	Autodeclaração racial	Amarelo	0,52%	Autodeclaração racial	Amarela	0,13%
	Branca	24,87%		Branco	17,61%		Branca(o)	0,52%
	Morena	0,78%		Moreno	1,42%		Morena(o)	0%
	Negra	2,20%		Negro	2,46%		Negra(o)	0%
	Parda	24,22%		Pardo	13,47%		Parda(o)	0,39%
	Preta	5,57%		Preto	5,57%		Preta(o)	0,26%

Fonte: elaborado pelo autor (2024).

As informações acima destacadas, faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual e autodeclaração racial são variáveis independentes que, a princípio, não têm a intenção de mostrar como essas características se relacionam com a escolha religiosa. Elas são importantes diante do contexto da delimitação do perfil social do qual busco traçar um perfil religioso e, mais ainda, por se apresentarem como elementos constituintes de suas identidades religiosas. Como afirma a socióloga francesa Danièle Hervieu-Léger (2008),

[...] se assumirmos a via da exploração das crenças contemporâneas, deveremos admitir rapidamente que o religioso não se define unicamente pelos objetos sociais (“as religiões”) nas quais ele se manifesta de maneira compacta e concentrada. O religioso é uma dimensão transversal do fenômeno humano que trabalha, de modo ativo e latente, explícito ou implícito, em toda extensão da realidade social, cultural e psicológica, segundo modalidades próprias a cada uma das civilizações dentro das quais se tenta identificar sua presença (Hervieu-Léger, 2008, p. 21-22).

Dessa forma, antes de falar sobre o que é propriamente religioso, é preciso compreender os outros lugares sociais dos quais esses jovens fazem parte. Por isso, o levantamento sobre faixa etária, identidade de gênero, orientação sexual, autodeclaração racial, núcleo familiar, consumo e religião. Diante disso, ao se observar o quadro acima, não se vê apenas grupos distintos, mas, sob um olhar interseccional, se veem grupos sobrepostos, ou seja, buscando compreender como os marcadores sociais da diferença também correspondem a construção da

identidade. Por isso, diante da perspectiva de um grupo social estudantil, se percebe que há, de fato, vários grupos sociais interagindo entre si. E essa interação influencia no modo como eles se veem e como são vistos. Portanto, ao traçar um perfil dos estudantes, acatei como respostas a autodeclaração racial da forma como se reconhecem: morena/o, negra/o, parda/o e preta/o e não negras/os (pretas/as e pardas/os), apesar de reconhecer o seu uso censitário e formalmente utilizado na organização de dados sociodemográficos.

1.2.1 Perfil familiar dos estudantes

O presente tópico apresenta uma descrição do perfil familiar das/dos estudantes, buscando uma compreensão abrangente das dinâmicas sociais que permeiam suas vidas cotidianas. Através de questionamentos cuidadosamente elaborados acerca da composição familiar, número de irmãs/irmãos e envolvimento em atividades educacionais e laborais, o levantamento visa identificar a complexidade das interações familiares e seus reflexos na socialização e desenvolvimento dos estudantes. Os vários arranjos familiares distintos identificados, juntamente com as diversas respostas fornecidas, oferecem um quadro em que se pode verificar algum nível de ruptura com estruturas familiares normativamente estabelecidas.

Desse modo, para conhecer um pouco mais sobre as/os estudantes, foram feitas perguntas relacionadas ao contexto familiar, de modo a compreender como é constituída a instituição social família, na qual ocorrem interações importantes no seu processo de socialização. A primeira pergunta, “com quem você mora?”, identificou 40 arranjos familiares. Entre eles, se destacam os que moram “apenas com a mãe” (115 pessoas), “apenas com o pai” (21 pessoas), “mãe e pai” (152 pessoas, sendo que duas incluíram os animais domésticos), “mãe, pai, irmãs/irmãos” (286 pessoas), “mãe, pai, irmãs/irmãos e outros membros¹⁸” (27 pessoas), “mãe e irmãs/irmãos” (67 pessoas, sendo que cinco incluíram os animais domésticos), “mãe, irmãs/irmãos e outros membros¹⁹”, “mãe, pai e outros membros²⁰” (12 pessoas), “mãe e padrasto/madrasta” (três pessoas, sendo que uma respondeu madrasta), “mãe, padrasto e

¹⁸ Além da mãe, pai, irmãs/irmãos: com avó/avô: 16 pessoas; com tias/tios: 2 pessoas; com avó/avô, tias/tios: 6 pessoas; com sobrinhos: 3 pessoas.

¹⁹ Além da mãe, irmãs/irmãos: com avó/avô: 7 pessoas (1 respondeu com a bisavó); com tias/tios: 1 pessoa; com avó/avô, tias/tios: 1 pessoa; com sobrinhos: 1 pessoa.

²⁰ Além da mãe e pai: com avó/avô: 7 pessoas; com tias/tios: 4 pessoas; com avó/avô, tias/tios: 1 pessoa.

irmãs/irmãos” (oito pessoas), “mãe, padrasto e outros membros²¹” (duas pessoas), “mãe e outros membros²²” (16 pessoas), “pai e irmãs/irmãos” (três pessoas), “pai e madrasta” (uma pessoa), “pai, madrasta, irmãs/irmãos e outros membros – avó/avô” (uma pessoa), “pai, irmãs/irmãos e outros membros - avó/avô” (uma pessoa), “pai e outros membros²³” (quatro pessoas), “avó e/ou avô” (17 pessoas), “avó e/ou avô e tias/tios” (quatro pessoas), “tias/tios” (oito pessoas), “irmãs/irmãos” (uma pessoa), “irmãs/irmãos e outros membros²⁴” (três pessoas), “mora sozinha/sozinho” (duas pessoas), uma pessoa disse que mora com um padrinho, uma não soube responder porque a cada semana vive com um grupo diferente, já que afirmou ter três casas e, por fim, três pessoas não responderam.

Percebe-se, pelos dados expostos, a prevalência de arranjos familiares tradicionais, como "mãe e pai", bem como configurações mais complexas que incluem outros membros. É importante destacar que muitos estudantes referem a seus padrastos e madrastas como pais e mães, respectivamente, pois reconhecem que foram estes que os criaram como filhas e filhos. Foram destacadas pelo campo a importância de se considerar as relações de cuidado e com a criação ao se analisar os arranjos familiares. Logo, a compreensão de família não está baseada apenas em relações biológicas, mas também nas relações de afetos.

A segunda pergunta foi “quantas irmãs/os você tem no total?”. As respostas foram: “nenhum” com 129 respostas, “um” com 328 respostas, “dois” com 166 respostas, “três” com 69 respostas, “mais de três” com 80 respostas. A considerável quantidade de estudantes (127) que indicaram não ter nenhum irmão destaca a presença de indivíduos em famílias nucleares sem irmãos. Em contraste, os 326 estudantes que relatam ter apenas um irmão sugerem uma prevalência significativa de famílias pequenas, enquanto os 166 que têm dois irmãos indicam um padrão similar. A presença de 68 estudantes com três irmãos evidencia famílias um pouco maiores, mas ainda dentro dos padrões tradicionais. Intrigante é o grupo de 80 estudantes que indicam ter mais de três irmãos, sugerindo configurações familiares numerosas e complexas, ou seja, vários agentes socializadores participam da vida desses indivíduos.

As perguntas três e quatro estão relacionadas, sendo que a primeira buscou saber entre os estudantes se somente estudam ou se estudam e trabalham, seguido do tipo de trabalho que

²¹ Além da mãe e padrasto: avó/avô e tia/tio com uma resposta cada.

²² Além da mãe: com avó/avô: 9 pessoas; com tias/tios: 2 pessoas; com avó/avô, tias/tios: 5 pessoas.

²³ Além do pai: com avó/avô: 3 pessoas; com avó/avô, tias/tios: 1 pessoa.

²⁴ Além das irmãs/irmãos: com avó/avô: 1 pessoa; com avó/avô, tias/tios: 2 pessoas.

exercem. Do total de estudantes que responderam ao questionário, 475 apenas estudam (61,4%) enquanto 298 estudam e trabalham (38,6%). Entre os que trabalham, 50 afirmaram ser donos do próprio negócio, 465 afirmaram que não trabalham, 46 trabalham em negócio familiar sem remuneração”, e 207 trabalham com remuneração. A divergência de respostas nas duas perguntas entre os que apenas estudam e os que confirmaram que não trabalham se deve àqueles que trabalham em negócio familiar sem remuneração, de modo que veem o trabalho não remunerado dentro do contexto familiar, apenas como mais uma atividade doméstica.

Na questão cinco, em que se perguntava sobre “qual a sua participação na vida econômica do grupo familiar?”, 462 pessoas responderam “não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas” (59,7%), 211 pessoas responderam “trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas” (27,4%), 46 pessoas responderam “trabalho e sou responsável apenas por meu próprio sustento” (6%), 42 pessoas responderam “trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família” (5,5%), três pessoas responderam “trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família” (0,4%), duas pessoas responderam “trabalho e sou sustentado por minha família e outras pessoas” (0,3%) e seis pessoas deram outras respostas que não foram pré-definidas (0,7%), tais como “Recebo Pensão/ ajudando meus pais/ uma vez no mês recebe dinheiro do meu pai e com ele ajudo como posso nas contas de casa/ Trabalho com meus responsáveis e ganho meu salário/ trabalho sou sustentado parcialmente por meus pais, entre tudo contribuo um pouco para o sustento da minha família” e uma não quis responder.

Esses dados revelam a diversidade e complexidade das estruturas familiares e das responsabilidades econômicas das/dos estudantes, destacando a importância de abordagens sensíveis e flexíveis ao lidar com as necessidades individuais dentro da comunidade estudantil. Pois, a forma como se veem e como são vistos dentro dos seus núcleos familiares impactam na forma como se relacionam com os outros membros familiares, afetando, portanto, nos seus processos de socialização.

1.2.2 O perfil religioso

O presente tópico busca traçar o perfil religioso dos estudantes, baseado em um bloco de 14 perguntas relacionadas à religião, que buscaram captar várias percepções religiosas das/dos estudantes, tais como a crença, o pertencimento e a referência. A primeira pergunta não

foi direcionada ao aspecto religioso institucional, mas à crença que carregam. Diante da pergunta “você tem fé?”, 93,52% dos estudantes (722) responderam que sim (também foram registradas as respostas como “claro”, “com certeza”), 6,35% (49) responderam que não, e 0,13% (1) respondeu que talvez.

A segunda pergunta foi “você tem religião? Se sim, qual(is)?”, de modo a identificar o pertencimento religioso e ainda se há uma dupla pertença. Porém, a partir das respostas do questionário, não foi possível obter todas as respostas coletadas na primeira atividade, pois os mesmos estudantes não estavam presentes nas duas atividades. Houve estudantes que participaram somente da primeira atividade, alguns somente da segunda e outros de ambas. Entre as respostas, a distribuição foi:

- Agnósticos: 11 pessoas (1,43%)
- Ateus: 4 pessoas (0,52%)
- Bruxa natural: 1 pessoa (0,13%)
- Budista: 1 pessoa (0,13%)
- Candomblecistas: 2 pessoas (0,26%) (um destes afirmou ser do candomblé de Angola)
- Católicos²⁵: 269 pessoas (34,89%) (um afirmou não ser praticante)
- Crentes: 2 pessoas (0,26%)
- Cristãos não definidos: 115 pessoas (14,92%)
- Espíritas: 13 pessoas (1,69%)
- Evangélicos²⁶: 197 pessoas (25,55%) (um declarou não ser praticante)
- Protestantes: 4 pessoas (0,52%) (sendo um batista)
- Hindu: 1 pessoa (0,13%)
- Judeu: 1 pessoa (0,13%)
- Judeu messiânico: 1 pessoa (0,13%)
- Umbandomblé²⁷: 1 pessoa (0,13%)

²⁵ Em católicos foram registradas as respostas: católica (o), cristã católica (o), cristianismo católico, catolicismo, católica (o) apostólica (o) romana (o).

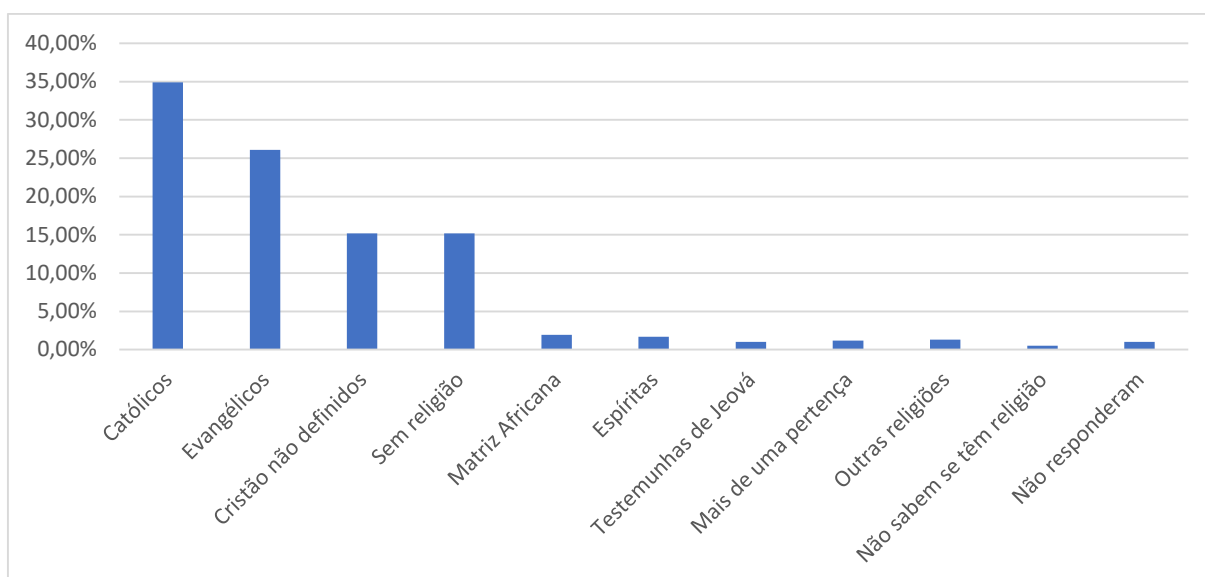
²⁶ Em evangélicos foram registradas as respostas: evangélica (o), cristã (o) evangélica (o), evangelismo, evangelista.

²⁷ Umbandomblé é uma expressão usada para descrever a prática conjunta ou a fusão de elementos das religiões Umbanda e Candomblé, ambas de matriz africana e afro-brasileira. Essa junção combina aspectos do culto aos orixás e entidades espirituais, associando rituais e tradições das duas religiões, frequentemente resultante de influências regionais e de adaptações culturais no Brasil.

- Politeístas: 3 pessoas (0,39%)
- Testemunhas de Jeová: 8 pessoas (1,04%)
- Umbandistas: 12 pessoas (1,56%)
- Wiccas: 2 pessoas (0,26%)
- De todas as religiões: 2 pessoas (0,26%)
- Não sabem se têm religião: 4 pessoas (0,52%)
- Não responderam: 8 pessoas (1,04%)
- Não têm religião: 102 pessoas (13,26%) (apenas um se declarou como sem religião)
- Dupla pertença: 7 pessoas (0,91%)

Apesar de as respostas relacionadas ao cristianismo confirmarem uma maioria, elas não correspondem à totalidade, indicando uma pluralidade de identidades religiosas entre os/as estudantes.

Gráfico 1: Pertencimento religioso



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

Em relação à dupla pertença entre as pessoas do campo, observei uma interessante interseção de crenças, onde indivíduos abraçam duas tradições espirituais distintas. Os casos notáveis incluem uma pessoa que se identifica como da wicca e do budismo, outra que se declara católica e espírita, além de duas que afirmam serem católicas e umbandistas. A complexidade dessa dualidade é ainda mais evidente com uma estudante que se autodenomina cristã e espírita,

reinterpretando o espiritismo não como uma vertente cristã, mas como parte de uma dupla pertença. E três pessoas afirmaram serem evangélicas e católicas, sem mencionarem o termo evantólico presente na primeira atividade.

Entre os que afirmaram não ter religião, 10,78% (11) justificaram: acredito em Deus; acredito em cada religião; acredito em tudo e mais um pouco; ainda não me encaixei em apenas uma; não tenho religião, mas tenho fé; não tenho uma específica; não tenho uma religião definida; não, acredito em tudo; não, creio em algo, mas não em uma religião; não tenho, porém, sou aberta as opções. E “acredito em Nibirú,²⁸ o asteroide que vai se chocar com a terra. Também acredito em aliens e cowboys”.

A terceira questão reflete sobre a realidade do trânsito religioso, pois foi perguntado “você teve alguma religião antes da atual? Se sim, qual (is)?”. Diante dessa pergunta, 601 afirmaram não ter mudado de religião, uma estabilidade nas convicções espirituais de uma parcela significativa do grupo. Do grupo, dois disseram não saber responder (um disse achar que era cristão), sendo que 168 passaram pelo trânsito religioso, revelando uma dinâmica mais fluida, indicando que o trânsito religioso é uma realidade para uma considerável porção dos estudantes. Desses, a maioria mudou apenas uma vez e poucos passaram por mais de duas instituições religiosas. Dentre as respostas:

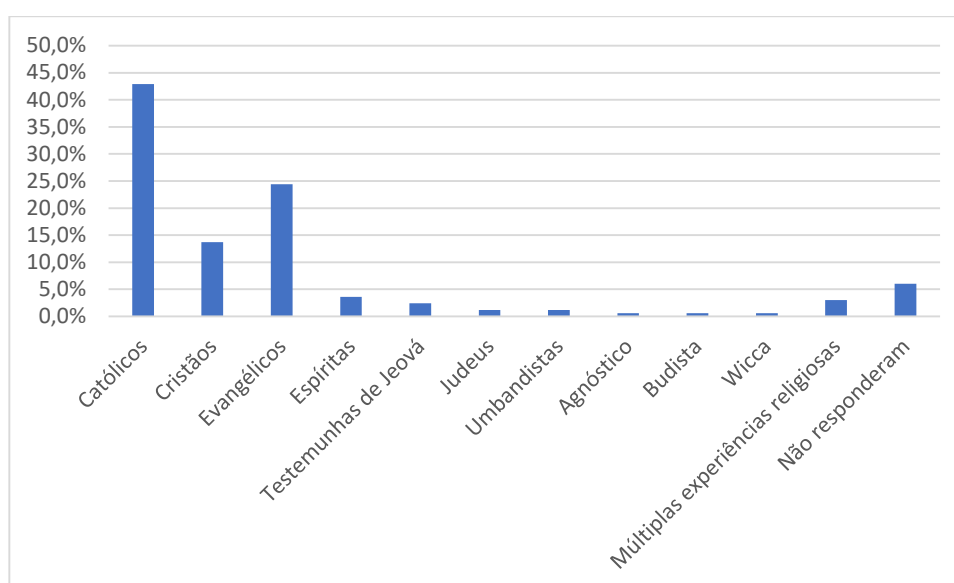
- Católicos: 72 pessoas — 42,9%
- Cristãos não definidos: 23 pessoas — 13,7%
- Evangélicos: 41 pessoas — 24,4%
- Sendo:
- Pentecostal: 1 pessoa — 0,6%
- Protestantes: 3 pessoas — 1,8%
- Espíritas: 6 pessoas — 3,6%
- Testemunhas de Jeová: 4 pessoas — 2,4%
- Judeus: 2 pessoas — 1,2%
- Umbandistas: 2 pessoas — 1,2%

²⁸ Nibiru é um conceito frequentemente mencionado em teorias de conspiração, especialmente relacionadas à astronomia. Originado de interpretações questionáveis de textos antigos, como os da mitologia suméria, Nibiru é proposto como um planeta supostamente em rota de colisão com a Terra. No entanto, é importante salientar que não há evidências científicas confiáveis para sustentar essa teoria. A comunidade científica e agências espaciais, como a NASA, negam a existência de Nibiru como um corpo celeste significativo próximo ao nosso sistema solar.

- Agnóstico: 1 pessoa — 0,6%
- Budista: 1 pessoa — 0,6%
- Wicca: 1 pessoa — 0,6%
- Múltiplas experiências religiosas²⁹: 5 pessoas — 3,0%
- Não responderam: 10 pessoas — 6%

A seguir pode-se ver o gráfico sobre o trânsito religioso

Gráfico 2: Trânsito religioso



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

As perguntas seguintes estão ligadas às referências. A quarta pergunta “em relação à religião, você diria que sua família (a maioria dos seus familiares) é?”. Dentre as respostas têm: agnóstico (uma resposta), budistas (uma resposta), católicos (297 respostas), evangélicos (148 respostas, sendo dois como maioria evangélica, dois responderam protestante e um respondeu Universal), crentes (três respostas), espíritas (oito respostas), cristãos (126 respostas), testemunhas de Jeová (sete respostas), umbandistas (três respostas), umbandomblé (uma resposta), católicos e espíritas (duas respostas), espíritas e cristãos (uma resposta), católicos, espíritas e agnósticos (uma resposta), católicos e evangélicos (12 respostas sendo que um

²⁹ Respostas presentes: catolicismo e budismo, catolicismo e espiritismo, catolicismo e evangelicalismo, evangelicalismo e catolicismo, cristianismo e testemunha de Jeová, espiritismo, umbanda e ateísmo.

respondeu católicos e protestantes), católicos e testemunha de Jeová (uma resposta), cristãos e umbandistas (uma resposta). Porém, 123 pessoas não especificaram as religiões, sete não responderam (sendo que um afirmou que na família eles são animados e um disse que a maior parte dos seus familiares são do diabo), três não souberam responder. A ausência de especificações religiosas em 123 respostas e a não resposta por parte de sete participantes apontam para a complexidade e, em alguns casos, a possibilidade de desconexão ou ambiguidade em relação à fé familiar. E, por fim, 22 respostas foram de famílias que não têm religião (apenas uma resposta disse que a família é sem-religião e outro disse que eles são "não praticantes").

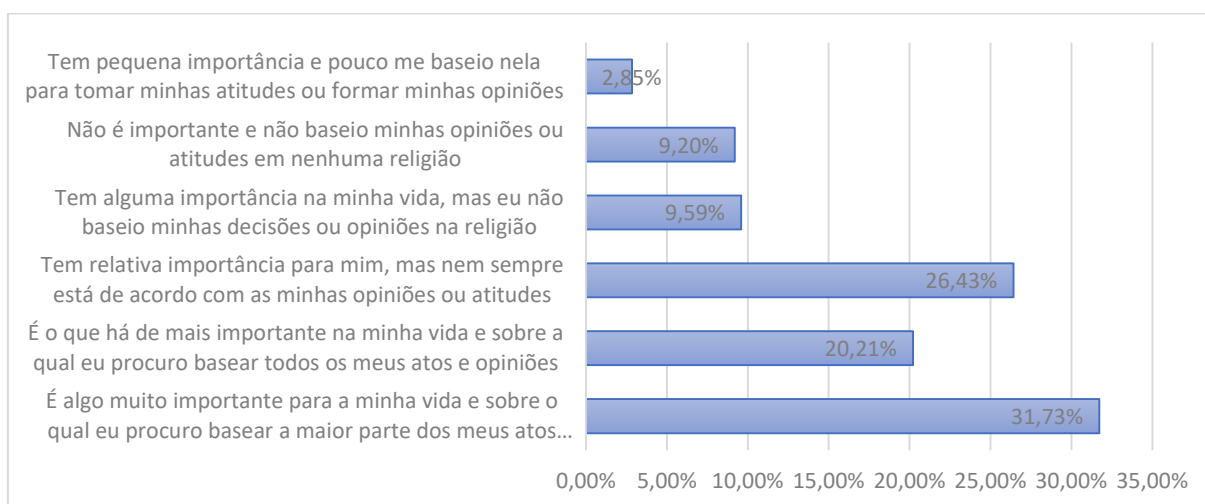
Também é possível perceber o trânsito religioso entre os familiares diante da quinta pergunta “sua família segue/seguiu a mesma religião?”. Dentre as respostas, 617 (79,92%) disseram que a família segue/seguiu a mesma religião. O restante (20,08%) respondeu de várias formas: a maioria sim (oito respostas), a minoria (duas respostas), uma parte sim (duas respostas), alguns, sim, outros não (quatro respostas), apenas os pais (uma resposta), apenas a família por parte de mãe (uma resposta), apenas a mãe (uma resposta), depende (uma resposta), parcialmente (duas resposta), nem todos (duas repostas), não e sim (uma resposta), não seguem a mesma religião (119 respostas), não souberam responder (quatro respostas), nunca (uma resposta). Outros não responderam categoricamente, mas identificaram os membros: “a maioria é cristão não praticante” (uma resposta), “metade católica; metade evangélica (uma resposta), “Não. Alguns são católicos, outros evangélicos” (uma resposta), “Não. Alguns são: católicos, espíritas, evangélicos e outros de matrizes africanas” (uma resposta), “Não. Todos não são iguais” (uma resposta) e uma que falou de si mesma em relação à família: “Não. Sou do contra. Graças a Deus fui liberta,” oferecendo uma perspectiva individualizada e talvez até de resistência dentro do contexto familiar.

A sexta pergunta “você segue a mesma religião da sua família?” mostra a relação deles com seus familiares. Sendo que 608 (78,76%) seguem a religião dos familiares e 164 (21,24%) não seguem a religião dos familiares, indicando a autonomia e uma possível liberdade dos estudantes na escolha de suas próprias crenças. Um detalhe em relação à pergunta sobre o trânsito religioso, onde se teve 168 respostas, pode-se intuir que cinco passaram pelo trânsito com a família. Também dentro do ambiente familiar, surge o questionamento (sétima pergunta): “você recebeu algum tipo de educação religiosa na infância?”, a maioria recebeu algum tipo de educação religiosa, 696 (90,15%) e apenas 76 (9,85%) não receberam nenhum tipo de educação

religiosa. Essa disparidade sugere uma forte presença de influências religiosas durante a fase formativa dos estudantes, moldando, assim, suas perspectivas espirituais desde a infância. Essa instrução religiosa ajuda a entender a interconexão entre a experiência familiar, o trânsito religioso na construção das identidades religiosas dos estudantes.

A oitava pergunta que versava sobre “qual o papel que sua religião ou crença tem na sua vida?” teve as respostas pré-definidas de modo que marcassem a que mais tivesse relação com a sua realidade. As opções foram: “é algo muito importante para a minha vida e sobre o qual eu procuro basear a maior parte dos meus atos e opiniões” com 31,73% (245 respostas), sugere uma influência da religião entre uma parte significativa do grupo; “é o que há de mais importante na minha vida e sobre a qual eu procuro basear todos os meus atos e opiniões” com 20,21% (156 respostas), sugere uma dedicação ainda mais intensa com a religião; “tem relativa importância para mim, mas nem sempre está de acordo com as minhas opiniões ou atitudes” com 26,43% (204 respostas), indicando uma relação mais fluida, onde a fé pode coexistir com visões pessoais diversas; o mesmo ocorre com “tem alguma importância na minha vida, mas eu não baseio minhas decisões ou opiniões na religião” com 9,59% (74 respostas); “não é importante e não baseio minhas opiniões ou atitudes em nenhuma religião” com 9,20% (71 respostas); e, “tem pequena importância e pouco me baseio nela para tomar minhas atitudes ou formar minhas opiniões” com 2,85% (22 respostas). As duas últimas respostas revelam que, mesmo dentro do contexto religioso, há nuances e diversidade de experiências, incluindo processos de ruptura onde a religião desempenha um papel menos proeminente.

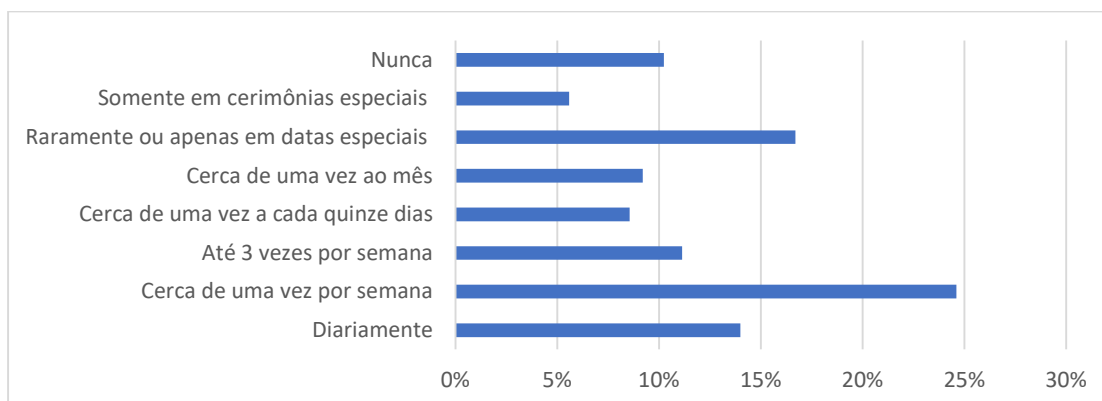
Gráfico 3: papel da religião na vida



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A nona pergunta “com que frequência você participa das atividades religiosas da sua religião?” teve as respostas pré-definidas de modo que marcassem a que mais tivesse relação com a sua realidade. As opções foram: “diariamente” com 14% (108 respostas), “até três vezes por semana” com 11,14% (86 respostas), “cerca de uma vez por semana” com 24,61% (190 respostas), “cerca de uma vez a cada quinze dias” com 8,55% (66 respostas), “cerca de uma vez ao mês” com 9,20% (71 respostas), “raramente ou apenas em datas especiais (Natal, Páscoa, dias sagrados etc.)” com 16,70% (129 respostas), “somente em cerimônias especiais (casamento, funeral etc.)” com 5,58% (43 respostas) e “nunca” com 10,23% (79 respostas). Em relação à frequência nas atividades religiosas, se percebe desde o comprometimento diário até a ausências totais, sendo que uma parte significativa se envolve ativamente nas práticas religiosas, enquanto outros são mais flexíveis nas atividades religiosas.

Gráfico 4: Frequência das atividades religiosas

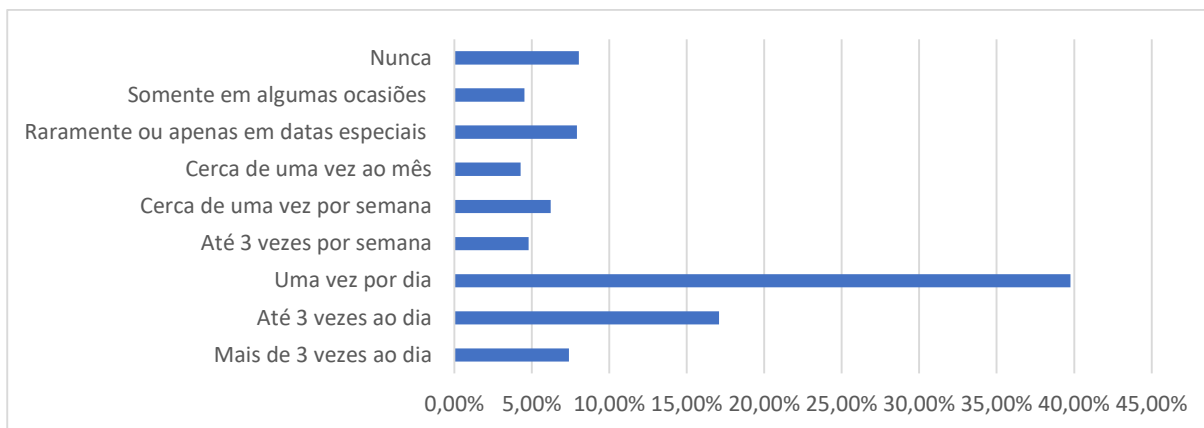


Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A décima pergunta “com que frequência você faz suas orações?” teve as respostas pré-definidas de modo que marcassem a que mais tivesse relação com a sua realidade. As opções foram: “mais de 3 vezes ao dia” com 7,39% (57 respostas); “até 3 vezes ao dia” com 17,09% (132 respostas); “uma vez por dia” com 39,77% (307 respostas); “até 3 vezes por semana” com 4,79% (37 respostas); “cerca de uma vez por semana” com 6,22% (48 respostas); “cerca de uma vez ao mês” com 4,27% (33 respostas); “raramente ou apenas em datas especiais (Natal, Páscoa, dias sagrados etc.)” com 7,90% (61 respostas); “somente em algumas ocasiões (morte de ente querido, doença etc.)” com 4,53% (35 respostas) e “nunca” com 8,03% (62 respostas). Os dados

chamam a atenção para a frequência da oração na vida desses estudantes, mostrando que, apesar de relativizarem ou flexibilizarem práticas e preceitos religiosos, a oração tem um aspecto fundamental no cotidiano.

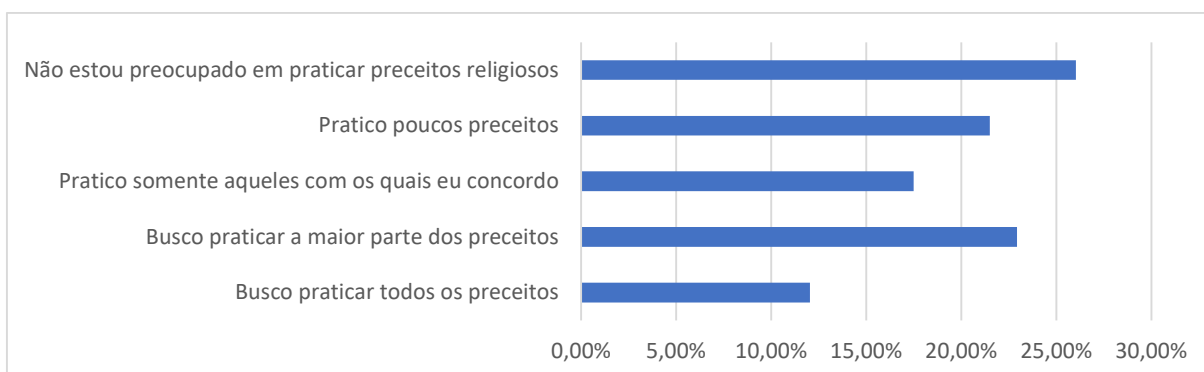
Gráfico 5: Frequência das orações



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

A décima primeira pergunta “você pratica os preceitos (regras, mandamentos, rituais, proibições, jejuns etc.) de sua religião?” teve as respostas pré-definidas de modo que marcassem a que mais tivesse relação com a sua realidade. As opções foram: “busco praticar todos os preceitos” com 12,04% (93 respostas); “busco praticar a maior parte dos preceitos” com 22,93% (177 respostas); “pratico somente aqueles com os quais eu concordo” com 17,49% (135 respostas); “pratico poucos preceitos” com 21,50% (166 respostas) e “não estou preocupado em praticar preceitos religiosos” com 26,03% (201 respostas). Entre as respostas, é possível perceber que existem: uma dedicação total, uma dedicação substancial, uma dedicação seletiva, uma dedicação crítica, uma dedicação flexível e uma dedicação descompromissada.

Gráfico 6: prática dos preceitos religiosos



Fonte: elaborado pelo autor (2024).

As três últimas perguntas foram direcionadas apenas àqueles que responderam que não tinham religião. Dessas, a primeira foi “se você não tem religião. Você já teve religião?”. Dos 210 respondentes, 154 afirmaram que tinham alguma religião (73,33%) e 56 que não tinham religião (26,67%). Percebe-se aqui um problema de interpretação, pois na segunda pergunta sobre religião, apenas 101 disseram não ter religião. O mesmo ocorre com a pergunta seguinte onde tinham que responder “se você já teve religião, informe qual(quais):”. Foram registradas 162 respostas, dentre elas têm: agnóstico (uma resposta), agnóstico e cristão (uma resposta), católica (48 respostas), católica e budismo (uma resposta), católica e espírita (duas respostas), católica, espírita e Wicca (uma resposta), católica e evangélica (seis respostas), católica, evangélica e testemunha de Jeová (uma resposta), católica e umbanda (uma resposta), cristianismo e Testemunha de Jeová (uma resposta), cristianismo e umbanda (uma resposta), crente (uma resposta), cristianismo (22 respostas), espírita (duas respostas), evangélico (34 respostas), evangélico e xamanismo (uma resposta), judaísmo (uma resposta), hinduísmo e terreiro (uma resposta), testemunha de Jeová (três respostas), umbanda (uma resposta), protestante (uma resposta) um afirmou que todas, um não especificou qual e 29 não responderam.

Essas nuances sugerem a necessidade de abordagens mais abertas e flexíveis ao explorar a espiritualidade dos participantes, reconhecendo as diversas formas como ela pode se manifestar ao longo de suas vidas. Assunto que será abordado no próximo capítulo, focado especificamente nos estudantes que se declararam sem-religião.

1.3 Considerações finais

Nesse capítulo foi possível perceber como se evidenciam a importância de compreender a pluralidade e diversidade do perfil religioso dos estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa. A análise quantitativa revelou um cenário complexo, em que múltiplas identidades religiosas coexistem e interagem. Os dados coletados mostram uma variação significativa de práticas e crenças, com jovens que frequentemente transitam entre diferentes tradições religiosas ou se identificam com mais de uma, refletindo um contexto multicultural e dinâmico.

A escola se destaca como um espaço privilegiado para observar essas interações, funcionando como um microcosmo da sociedade brasileira, onde diferentes crenças e identidades são negociadas e ressignificadas. No ambiente escolar, os jovens não apenas

aprendem conteúdos acadêmicos, mas também desenvolvem suas identidades em contato com uma variedade de influências culturais e sociais. É nesse espaço de socialização que muitas vezes se consolidam, ou são questionadas, as identidades religiosas e não religiosas, evidenciando a relevância da escola como lugar de construção identitária.

Diante disso, é necessário um olhar que reconheça a complexidade do campo religioso contemporâneo e as implicações dessa diversidade para a formação juvenil. A pesquisa sugere que, ao abordar o perfil religioso dos estudantes, deve-se considerar as múltiplas camadas de suas identidades, que são moldadas por fatores sociais, culturais e familiares. Assim, esse capítulo prepara o terreno para uma análise mais profunda das identidades não religiosas, que serão exploradas em maior detalhe no próximo capítulo, focando nos aspectos qualitativos e subjetivos das experiências dos jovens sem religião.

2 O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NÃO RELIGIOSA

O ponto de partida dessa discussão se dá em torno do conceito juventude, destacando que, além de ser definida por uma faixa etária (geralmente entre 15 e 24 anos), a juventude envolve aspectos sociais, culturais, de classe, raça e gênero, de modo que o seu uso se compreende em um contexto interseccional. Portanto, é mais adequado falar em "juventudes", reconhecendo a diversidade de experiências juvenis. A juventude é um período crucial de formação intelectual, moral e ideológica, com a escola desempenhando um papel central nessa construção. No ensino médio, por exemplo, a discussão com esses atores sociais sobre esse conceito pode ajudar os jovens a refletirem sobre sua identidade, estilo de vida e expectativas para o futuro, abordando o conceito de juventude de forma multidisciplinar e atual.

Segundo Andreia dos Santos (2021), o conceito de juventude, ao contrário do que se pensa, não é um termo natural, mas uma construção social, histórica e biológica. Surgido na modernidade, o conceito de juventude foi definido junto com as "idades da vida"³⁰, com variações nas faixas etárias estabelecidas.

De acordo com Alain Touraine, a modernidade trouxe uma separação clara entre o espaço privado, principalmente familiar, e o mundo exterior, que abrange a escola, o trabalho e a vida pública. Essa distinção foi fundamental para o surgimento de categorias de idade mais marcadas, como a juventude, que passou a ser vista não apenas como uma transição entre a infância e a vida adulta, mas como uma fase específica com características próprias.

Para Touraine, essas "idades da vida" não são apenas categorias biológicas, mas também construções sociais que carregam significados culturais e expectativas de comportamento e papel social. A modernidade, ao redefinir essas idades, criou novos desafios e possibilidades para cada fase da vida, especialmente para a juventude, que passou a ser vista como um período crucial para a formação da identidade, autonomia e inserção social.

Assim, Touraine argumenta que a juventude, como uma categoria social, é um produto da modernidade, refletindo as mudanças nas estruturas familiares, educativas e laborais, e o surgimento de uma cultura juvenil própria. As expectativas e pressões sociais para cada fase da

³⁰ Alain Touraine, sociólogo francês, é conhecido por suas análises sobre as transformações sociais decorrentes da modernidade. Em seu trabalho, ele explora como a modernidade redefiniu e estabeleceu categorias distintas de "idades da vida," criando fronteiras mais nítidas entre diferentes fases, como a infância, juventude, vida adulta e velhice.

vida foram redefinidas, estabelecendo novos padrões de comportamento e objetivos a serem alcançados em cada uma delas.

A juventude não é vivida de forma homogênea, pois jovens de diferentes classes sociais enfrentam experiências distintas. Enquanto alguns se dedicam aos estudos, outros ingressam precocemente no mundo adulto, trabalhando e sustentando suas famílias, conforme pôde ser observado nos questionários respondidos pelos estudantes e apresentados no capítulo anterior. Andreia dos Santos (2021) também destaca a contradição entre a institucionalização da juventude e sua busca por autonomia, apontando a diversidade de identidades juvenis e as desigualdades sociais que impactam suas experiências.

Juventude, portanto, não é um termo imutável, mas em constante transformação, dependendo do contexto histórico, social e cultural. Juarez Dayrell (2003) sugere que a juventude pode ser vista de três maneiras: como uma fase de transição, em que o jovem se prepara para a vida adulta; como um período associado ao prazer e ao consumo, influenciado pela indústria cultural dos anos 1960; e como um momento de crise, marcado por conflitos internos e distanciamento familiar. O autor reforça que a juventude não pode ser definida por critérios rígidos, mas deve ser entendida em sua diversidade, considerando aspectos sociais, culturais, de gênero e regionais. Assim, é mais apropriado falar em "juventudes" no plural, refletindo as diferentes experiências e contextos vividos pelos jovens.

Ao propor falar sobre jovens sem religião, tomo como ponto de partida a dificuldade em dizer quem são os jovens. Diante das dificuldades e da própria diversidade que os jovens representam, assumo como delimitação que esses jovens são indivíduos que compartilham o mesmo momento histórico, de modo que a juventude aqui é compreendida como pessoas que

estão fadadas a passar a vida juntas, atravessando as mesmas vicissitudes políticas e econômicas. Se são todas nascidas no Brasil e continuam no país na sua juventude, então é de se esperar que a maioria vivencie a realidade brasileira ao mesmo tempo e em estágios vitais semelhantes: juntas terminarão os estudos, casarão e terão filhos, farão carreira, se engajarão em movimentos políticos, sociais, culturais etc. etc. (Singer, 2005, p. 27).³¹

³¹ Essa mesma ideia também pode ser encontrada no pensamento do sociólogo alemão Karl Mannheim ao tratar dos problemas das gerações. Em seu ensaio "O Problema Sociológico das Gerações" (1952), Mannheim argumenta que uma geração não é apenas um grupo etário, mas sim uma comunidade de experiência que compartilha uma posição histórica específica.

Desse modo, reconheço que no espaço social escolhido para compreender como se dá os processos de construção da identidade – a escola – a vida de vários jovens será influenciada e transpassada pelas vidas daqueles que os rodeiam.

2.1 Perfis das pessoas entrevistadas

Após a conclusão da primeira etapa da pesquisa, na qual foram estabelecidas correlações entre a variável dicotômica — uma variável que assume apenas dois valores distintos, como no caso de "religião" e "sem religião" — e outras variáveis, avançou-se para a realização de entrevistas, com o objetivo de aprofundar a compreensão dos resultados obtidos e explorar as nuances dos fenômenos observados.

Tendo em vista o caráter subjetivo-discursivo da realidade social de interesse desta proposta de pesquisa optou-se pela pesquisa qualitativa, em específico, a técnica da História Oral Temática. A geração e coleta de dados se dividiu: na elaboração e realização da História Oral Temática com os jovens sem religião da Escola Estadual Amélia Santa Barbosa em Betim/MG e na transcrição literal das entrevistas (anexo), de forma detalhada. Segundo Samantha Castelo Branco (2020),

Em se tratando da História Oral Temática, busca-se, a partir de um assunto específico, a narrativa de um entrevistado sobre evento definido, preestabelecido. Os detalhes da vida do narrador e as experiências pessoais adquirem interesse à medida que revelam aspectos vinculados à temática central (Branco, 2020, p. 12).

A esta altura, em que já se definiu o horizonte metodológico da coleta de informações, surgem as indagações referentes ao número de pessoas a serem selecionadas para a História Oral Temática. Foram realizadas 14 entrevistas, com duração média de 18 minutos, sendo dez mulheres (71,4%) e quatro homens (28,6%); a faixa etária foi entre 16 e 18 anos, sendo cinco estudantes com 16 anos (35,7%), sete estudantes com 17 anos (50%) e dois estudantes com 18 anos (14,3%). Na autodeclaração racial, temos três brancos (21,4%), dez negros (71,44%), sendo que destes, oito se declararam pardos (57,1%) e dois se declararam pretos (14,3%) e apenas uma pessoa não soube responder a autodeclaração (7,1%). Esse perfil de pessoas entrevistadas não foi previamente decidido, mas partiu do retorno das pessoas que aceitaram participar dessa etapa da pesquisa.

A coleta das informações ocorreu por meio da gravação de áudio das entrevistas com os estudantes identificados como sem-religião. As entrevistas foram realizadas ao longo de um intervalo de duas semanas, respeitando a disponibilidade dos estudantes, especialmente em relação às atividades avaliativas. Essas entrevistas ocorreram na escola em data e horários previamente combinados, com ciência da direção escolar e dos responsáveis legais dos estudantes (por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), quando menores de 18 anos de idade, para que os responsáveis tomassem ciência que os estudantes selecionados foram convidados a participarem de uma pesquisa. Os estudantes participaram da entrevista após tomarem conhecimento da natureza da pesquisa, a justificativa e seus objetivos. As entrevistas tiveram como perguntas norteadoras a autoidentificação como sem-religião, de modo que a condução das entrevistas e a duração delas variou entre os entrevistados. A duração das entrevistas variou conforme o perfil de cada participante, pois alguns demonstraram maior fluidez ao falar, enquanto outros foram mais sucintos e objetivos em suas respostas.

Após as entrevistas, as gravações foram transcritas por meio de software próprio para este fim, pois a transcrição visava facilitar na análise dos dados qualitativos. Para proteger a identidade dos jovens, utilizei nomes fictícios.

O método adotado para a condução das entrevistas foi a História Oral Temática. Segundo Samantha Castelo Branco (2020), a História Oral Temática é um método de pesquisa que se concentra em coletar e analisar relatos orais sobre temas específicos, com o objetivo de construir uma narrativa mais rica e detalhada sobre determinados eventos, experiências ou questões. Diferente da história oral tradicional, que pode ser mais ampla e aberta, a História Oral Temática direciona a conversa para aspectos específicos previamente definidos pelo pesquisador/a. Esse método é especialmente útil quando se busca entender as percepções, sentimentos e experiências de pessoas sobre um determinado assunto, permitindo uma análise profunda e contextualizada das narrativas coletadas. Por isso, foram selecionados os estudantes que tinham alguma relação com o objeto, ser sem-religião.

2.1.1 Entrevista A: Simone

Simone, é uma jovem de 16 anos, identificada com o gênero feminino e de cor preta. Ela é uma adolescente que passou por uma formação religiosa católica, incluindo batismo,

catequese e crisma³², mas que atualmente se encontra em um estágio de dúvida e descrença em relação à religião. Ela expressa uma visão cética sobre a existência de um ser onipotente, preferindo acreditar na ciência devido à falta de evidências concretas apresentadas pela religião. Para ela ser sem-religião é: “a pessoa não faz questão de acreditar em uma coisa ou tipo assim, pra ela tá tudo bem ela não acreditar no que ela quiser porque tem gente que vive super bem com isso”. No entanto, ela não descarta totalmente a possibilidade da existência de um ser superior, mantendo uma postura de incerteza e indiferença em relação à fé.

Ah, é porque tipo assim, eu mesmo tempo que eu acredito, eu não acredito, só que eu acho muito improvável de existir algo assim que criou tudo sem deixar nenhum tipo de evidência assim à mostra, porque eu acho que eu prefiro mais acreditar na ciência do que nisso. Porque querendo ou não, sim, ciência sabe mostrar pra gente evidência de como isso aconteceu, todas essas coisas. Já a religião é só tal coisa que aconteceu. E também não faz muito sentido uma pessoa, tipo, tá, o Deus criou tudo isso, depois muita coisa assim (Entrevistada A: Simone).

Eu pergunto para a entrevistada: “você falou um acredito, mas não acredito. Aí você explicou o não acredito. E o acredito, o que fica pra você de uma crença?” e Simone responde indicando características de um agnosticismo: “o acredito é porque eu não posso afirmar que realmente não existe, porque eu não sei de nada. [...] É, mas se existe, ou não existe, pra mim tanto faz. [...] Não é uma coisa que tipo, ah, nossa, existe que massa ou não existe, é tanto faz!”.

Em relação a si mesma, Simone demonstra uma preocupação com os julgamentos externos, especialmente em relação à sua aparência e comportamento, o que influencia suas interações sociais. Ela valoriza o conforto e a aceitação que encontra em seu grupo de amigos, com os quais se sente à vontade para ser quem realmente é, sem medo de julgamentos. No ambiente familiar, evita discutir suas dúvidas religiosas devido ao temor de gerar conflitos, especialmente com sua mãe, que é católica praticante. Essa relação familiar revela um contraste entre as expectativas religiosas impostas e suas próprias crenças, que ela internaliza de forma a evitar confrontos: “É, tipo assim, se eu falar que eu não acredito em Deus, a minha mãe vai me xingar. Eu sou isso, pra mim tanto faz, mas se eu falar isso pra ela, ela vai me xingar”. Em termos de influência, Simone, parece seguir suas próprias convicções, não sendo fortemente

³² Batismo, Catequese e Crisma são partes essenciais do processo de iniciação cristã na Igreja Católica. O Batismo marca a entrada na comunidade cristã, enquanto a Catequese é a instrução religiosa que prepara o fiel para a vivência da fé. A Crisma, também chamada de Confirmação, é o sacramento em que o cristão, já batizado e catequizado, recebe o Espírito Santo de forma plena, reafirmando seu compromisso com a fé e sua maturidade espiritual.

influenciada por outros em relação à religião. Seu grupo de amigos também parece respeitar essa postura, permitindo que ela mantenha suas crenças ou dúvidas sem pressões. No final, quando perguntei o que achou sobre o tema da entrevista, Simone respondeu: “eu não ligo pra isso não, se a pessoa crê, ela acredita no que ela quiser, ninguém deve se forçar a acreditar em algo que a sociedade imponha, falando que é certo que é errado”. Em resumo, é uma jovem em transição entre a educação religiosa recebida e suas próprias reflexões críticas sobre o assunto, mantendo-se em um estado de dúvida e questionamento que é característico de sua fase de desenvolvimento e das influências sociais que a cercam.

2.1.2 Entrevista B: Raquel

Raquel é uma jovem de 18 anos, mulher, que se autodeclara como parda. Raquel cresceu em uma família evangélica, mas sua experiência religiosa foi mais informal e não muito rigorosa em termos de doutrinas específicas. Ela mencionou que a religião evangélica de sua família não seguia muitas doutrinas estritas, mas ainda assim, impôs certas restrições na sua infância e adolescência. Ela não conhece detalhes sobre o segmento evangélico específico de sua família, apenas que era algo relacionado à "Palavra da Vida". Apesar de ter sido criada em um ambiente religioso, Raquel não se sentiu conectada com essa religião. Ela tentou se encaixar e seguir as práticas da religião durante a infância e adolescência, mas nunca despertou um verdadeiro interesse ou fé.

Ela não se sente constrangida ao falar sobre religião e não acredita em uma religião específica atualmente. Sua ruptura com a religião começou na adolescência e foi influenciada, segundo ela, pela rebeldia comum dessa fase, assim como pelas redes sociais e pela influência de sua irmã mais velha. Houve um interesse pelo hinduísmo, sendo esse uma fase de curiosidade, mas não se tornou para uma crença consolidada.

Raquel tem uma visão crítica sobre como as religiões, em geral, podem ser usadas para favorecer certos grupos, especialmente em relação ao papel das mulheres. Ela mencionou que muitos aspectos das religiões são moldados para privilegiar o homem e que essa percepção a levou a questionar mais profundamente sua própria fé. Quando ela comenta que as religiões privilegiam o homem, questiono “esse homem que você falava é o homem no aspecto de gênero ou o homem no sentido de ser humano?” e ela responde:

Ser humano, mas... principalmente de gênero. O ser humano em geral, mas a maior parte do homem em si. Porque 90% das religiões que existem, o homem é o que se chama o superior, como autoridade, e a mulher tem que ser submissa a ele, tem que servir, tem que ser a senhora, da casa e procriar e é isso, só procriar e servir. E por isso que eu acho que muitas coisas de algumas religiões, não a religião inteira, mas muitas coisas delas, de algumas delas, são o homem simplesmente querendo ser privilegiado de uma forma (Entrevistada B: Raquel)

Raquel observa que as religiões muitas vezes se apropriam de certos temas, como a morte, e usa o exemplo do hinduísmo para ilustrar como a religião pode ser vista sob uma nova luz. Ela também menciona que sua percepção das religiões mudou ao longo do tempo, movendo-se de uma curiosidade temporária para uma visão mais crítica e reflexiva. O consumo de séries e mídias que abordam temas contrários às suas crenças religiosas influenciou sua visão e afastamento da religião. Séries como "BoJack Horseman"³³ e "The Midnight Gospel"³⁴ tiveram impacto em sua formação de opinião, ajudando a moldar seu pensamento crítico sobre temas relacionados à religião e à vida.

Embora tenha sido criada em um ambiente religioso, Raquel não mantém uma relação próxima com seus pais, especialmente em questões de religião. Eles não discutem suas crenças atuais e ela sente que sua formação religiosa, embora tenha sido uma parte importante de sua vida, não define sua identidade atual. Ela aspira a se tornar psicóloga e acredita que sua formação em psicologia ajudará a entender melhor como as crenças e a religião influenciam o comportamento humano. Raquel vê o estudo da mente humana e da criatividade como um fator importante na compreensão das diferentes perspectivas religiosas.

2.1.3 Entrevista C: Clara

Clara é uma jovem de 18 anos. Ela se identifica como uma mulher branca e bissexual. A entrevistada se considera sem religião, embora reconheça a existência de uma força superior sem se alinhar a nenhuma crença ou dogma específico. Quando perguntada sobre o que é ser

³³ **BoJack Horseman** é uma série de animação que acompanha BoJack, um cavalo antropomórfico e ex-estrela de uma sitcom dos anos 90, enquanto ele lida com os altos e baixos da fama, depressão, vícios e suas próprias falhas. A série, conhecida por sua mistura de humor ácido e drama profundo, explora temas como a busca por significado e redenção. A religião aparece de forma sutil, sendo abordada em episódios que lidam com questões de moralidade, morte e o pós-vida, oferecendo reflexões sobre espiritualidade e a complexidade da natureza humana.

³⁴ **The Midnight Gospel** é uma série de animação que segue Clancy Gilroy, um "spacecaster" que viaja por mundos simulados, onde entrevista personagens sobre temas profundos como morte, espiritualidade e consciência. A religião e a espiritualidade estão no centro de muitos episódios, explorando práticas e crenças de várias tradições. A série aborda temas como a reencarnação, o carma, a natureza da consciência, e o impacto das drogas psicodélicas na experiência espiritual

sem religião, ela respondeu: “que não tem nenhuma religião... é uma pessoa que só assim não se identificava com nenhum grupo de dogmas que uma religião já tem”.

Ela tem uma relação complexa com a religião, marcada pela obrigatoriedade imposta por sua mãe, que é católica praticante. Apesar de ter completado os ritos católicos, como a Crisma, sua experiência foi negativa, resultando em um distanciamento tanto da fé católica quanto de sua mãe. Seu pai, embora cristão, não tem prática em igrejas, o que influenciou a visão da entrevistada de que não é necessário frequentar uma instituição religiosa para exercer a espiritualidade.

Além disso, a entrevistada mostra uma postura crítica em relação à hipocrisia que observou em alguns líderes religiosos durante sua experiência na Crisma, o que reforçou seu afastamento da religião institucional. Ela também menciona que, apesar de sua postura crítica, sempre teve boas relações com amigos cristãos, indicando uma capacidade de manter laços sociais independentemente de diferenças religiosas.

Clara, ao refletir sobre o futuro, afirmou que não prevê uma mudança significativa em sua identidade em relação à religião: “não quero entrar em nenhuma religião agora, por mim. Não me interessa por isso. Só que eu sinto falta de exercer minha espiritualidade de alguma forma”. Ela se vê continuando a explorar questões de espiritualidade de forma crítica e independente, sem a necessidade de se filiar a uma religião específica.

Nesse sentido, questionei “como é que você vê essa espiritualidade? Como você diferencia a espiritualidade da religião?”, de modo que ela responde:

Deixa eu ver. A religião é a gente se colocar à frente nessa religião, falar eu sou evangélica, eu sou católica, eu sigo esses dogmas, eu me identifico com esses valores, acho que não precisa ser todos. Me identifico com esses valores que eles estão pregando e vou levar a palavra à frente. É isso que é uma religião pra mim. Aí, expressar... expressar minha espiritualidade, praticar ela seria uma forma de oração, algum ritual. Estudar sobre ela e aplicar ela na minha vida de uma maneira mais pessoal. [...] Eu vejo a fé, a crença como um jeito da gente. Deixa eu ver. De a gente pegar alguns valores que estão sendo colocados pra gente e encaixar eles na nossa vida. E de alguma forma agregar pra eles também, pra esse movimento, pra essa filosofia de vida. Acho que é de uma forma, eles estão aí de uma forma a complementar a nossa identidade. E dar conforto (Entrevistada C: Clara).

No entanto, ela mantém uma mente aberta em relação a novas experiências que possam, eventualmente, moldar sua identidade.

2.1.4 Entrevista D: Hannah

Hannah é uma jovem de 16 anos que vive com sua mãe e padrasto, a quem considera como pai de coração. Ela se identifica como uma pessoa cisgênero e, embora tenha dúvidas sobre sua sexualidade, se inclina atualmente para a bissexualidade. Autodeclarada parda, Hannah explica que, apesar de muitos a considerarem branca, prefere se identificar dessa forma devido à sua herança familiar, já que seu pai biológico e grande parte de sua família são negros.

Quando questionada sobre o que é ser sem religião, Hannah responde:

Uma pessoa sem religião. Na verdade, eu sinceramente não sigo uma religião. Por diversos motivos, se você quiser eu falo depois, mas não é num grau, não é uma coisa que precisa. Eu sou meio que depois que eu já fui para o Olinda, já frequentei tanto a Umbanda, quanto a Igreja Católica, quanto a evangélica. Já fui com dessas três. Já fui no Centro Espírita também, mas só uma vez. Mas eu acho que depois de ver tanta coisa diferente, eu percebi que eu meio que não me identificava com nenhuma delas. Não que eu não acredite em alguma coisa, é só que eu não acredito em uma religião. Sabe, se eu posso acreditar que talvez eu vou morrer, sei lá, vou morrer. Morri, pronto, não tem mais nada. Mas eu tenho um ponto de dúvida, por exemplo, sei lá, a origem do universo é uma coisa parecida, qual foi o estalo? Eu tenho um ponto de dúvida, eu acho só isso, mas em um ser maior, eu acho que ainda não tô a esse nível de acreditar ainda não. Eu acho que é por isso, assim, eu pessoalmente, como pessoa sem religião, eu pensaria isso. Uma pessoa que, tipo assim, às vezes acredita em alguma coisa, mas não ser superior exatamente. Não segue uma religião específica. Eu acho que, pessoalmente, é isso (Entrevistada D: Hannah).

Hannah menciona estar enfrentando alguns transtornos de saúde mental e física, mas nada que considere grave. Em relação à sua formação religiosa, Hannah já frequentou diversas igrejas, como a católica, evangélica e até um centro espírita. Ela fez a primeira Eucaristia, mas não completou a Crisma. Com o tempo, e principalmente após a pandemia, Hannah se distanciou da religião, sentindo-se desconfortável com certos aspectos e práticas que vivenciou.

Apesar de ter sido criada em um ambiente onde a maioria dos familiares segue alguma religião, Hannah não se identifica com nenhuma delas e se considera cética.

Olha, eu acho que continuar sem religião vai depender, porque, por exemplo, às vezes eu acho uma religião que pense da mesma forma que eu, por exemplo, que não existe um ser maior assim, mas que teve talvez alguma coisa que possa ter incentivado, mas não necessariamente isso. Porque assim, eu fico muito na dúvida, será que existe ou não existiu? Na dúvida eu prefiro pensar, deve ter existido alguma coisa, mas sinceramente assim, lá no fundo eu fico meio cética, assim, um pouquinho cética (Entrevistada D: Hannah).

Ela reconhece a possibilidade de acreditar em algo maior, mas não se sente conectada a uma religião específica. Sua relação com a fé e espiritualidade é marcada por dúvidas e reflexões pessoais, influenciadas por suas experiências ao longo da vida.

2.1.5 Entrevista E: Maria

Maria é uma jovem de 16 anos, de gênero feminino e autodeclarada parda. Ela se considera, em grande parte, sem religião, com uma inclinação ocasional para o agnosticismo. Maria foi criada principalmente por sua mãe, que é católica, mas não frequenta assiduamente a igreja. Ela fez a catequese por volta dos 12 anos, mas após concluí-la, tanto ela quanto sua mãe deixaram de ir à igreja.

Sobre ser sem religião Maria descreve:

Eu diria que pode ser uma pessoa que não tem nenhuma religião tipo, definida, então ela pode tanto frequentar terreiro de Umbanda, quanto uma Igreja Católica, quanto um centro espírita, ou então simplesmente uma pessoa que não acredita em nada. Eu estaria mais pra essa pessoa que não acredita em nada. Eu estaria quase como agnóstica. Mas às vezes eu acredito em alguma coisa, então eu considero isso uma religião (Entrevistada E: Maria).

Maria mencionou que sua descrença em uma figura divina começou durante sua catequese, motivada pela dificuldade de sentir a presença de Deus e pelas incoerências que via entre os ensinamentos religiosos e as realidades difíceis do mundo, como a fome e a violência. Apesar de não se identificar com a religião cristã, ela não exclui a possibilidade de explorar outras crenças no futuro, demonstrando interesse particular pela Umbanda, influenciada por um trabalho escolar recente com a professora de Filosofia. Sobre a Umbanda, ela se posiciona:

Eu acho que tipo, se eu for no terreiro de Umbanda e eu ver com os meus próprios olhos, eu acho que eu acreditaria. [...] Eu tava pensando em frequentar um terreiro de Umbanda, eu acho muito bonitinho. Tipo os orixás, as entidades, eu tava querendo conhecer mais. E se eu frequentar um talvez eu me ligue na religião. [...] Uma menina lá [do curso], algumas pessoas comentaram lá tipo, da experiência dela dentro da Umbanda, aí eu fiquei muito curiosa, e a Umbanda sempre foi uma religião que eu achei muito interessante, aí eu tava querendo, quando eu tiver uma liberdade maior, frequentar um terreiro pra ver se eu venho identificar ou não, se eu vou acreditar, se eu vou ter a fé (Entrevistada E: Maria).

Na convivência com amigos, que em sua maioria são cristãos, Maria se posiciona de forma curiosa e aberta a entender diferentes perspectivas religiosas, embora critique a imposição de crenças cristãs como únicas e necessárias para a felicidade.

No que diz respeito à família, Maria tem uma irmã por parte de pai, mas mora apenas com a mãe. Ela também teve uma figura paterna importante na figura do ex-marido de sua mãe, que era ateu, o qual ela reconhece ter contribuído para sua visão crítica em relação à religião.

2.1.6 Entrevista F: Rita

Rita é uma jovem de 17 anos. Ela se autodeclara mulher, cisgênero e hétero. Racialmente, Rita é branca. Ela descreve sua identidade como complexa, dizendo que não se identifica com uma religião específica, mas acredita em várias crenças, como meditação, universo, espíritos e demônios, embora não acredite em um Deus cristão.

Quando questionada sobre ser sem religião, Rita respondeu:

No dia quando eu coloquei sem religião, é porque eu realmente não tenho uma religião que eu diga ah eu vou me denominar sendo dessa religião. Mas eu acredito em muitas coisas, então eu não tenho religião, mas eu tenho muitas crenças. Então é... é um pouco complexo, porque eu não nutro... Não consigo me encaixar numa religião porque eu creio que a religião seja algo muito sério e que tem que ser levada muito sério e eu não quero entrar em algo pra depois eu acabar desviando, me perdendo, essas coisas. Então eu me denomino sem religião, mas com várias crenças (Entrevistada F: Rita).

Rita vive com seus pais e um irmão. Seus pais são cristãos evangélicos, e seu irmão não tem uma religião definida, mas acredita em Deus. Ela mesma foi batizada e frequentou a igreja até 2023, quando decidiu interromper sua participação devido a um processo de reflexão e desilusão com a instituição religiosa. Esse processo começou no início da pandemia, em 2019, e envolveu um estudo mais aprofundado sobre religião e suas próprias crenças.

Durante sua trajetória na igreja, Rita participou de um grupo de dança, mas enfrentou julgamentos e conflitos que a levaram a questionar sua fé e afastar-se da comunidade. Sua ruptura com a igreja também foi marcada por um distanciamento dos amigos que fazia parte do grupo, refletindo uma mudança significativa em sua vida social.

Além disso, Rita demonstra interesse em religiões de matriz africana, tendo frequentado uma cerimônia com um amigo de sua mãe que é versado em diversas tradições religiosas. Ela considera esse amigo uma figura importante em sua vida, similar a um padrinho. Sobre a

possibilidade de ter alguma religião, Rita respondeu: “não procuro, mas acho que não seja decisivo, mas não é o que eu tenha procurado. Porque eu gosto de ver da forma que eu vivo, não tendo uma religião, eu tendo algo que vai me cobrar a fazer ou ser alguém”. Embora não tenha uma religião definida, Rita mantém uma mente aberta para novas descobertas e explorações espirituais, sem um foco específico em seguir uma religião organizada.

2.1.7 Entrevista G: Charles

Charles, de 17 anos, é um jovem pardo e do gênero masculino que se identifica como homossexual e cisgênero. Atualmente, ele se considera sem religião, uma escolha que reflete sua dificuldade em argumentar sobre crenças específicas, sejam teístas ou ateístas. Charles optou por essa identificação devido à falta de argumentos para defender uma posição clara sobre religião e ao desejo de evitar julgamentos.

A estrutura religiosa de sua família não é muito forte; ele acredita que todos os membros são católicos, mas não praticam a religião de forma ativa. Sua experiência religiosa foi limitada a batismo e catequese, e ele não frequenta igrejas atualmente. Durante a pandemia, Charles começou a refletir mais sobre questões religiosas, o que o levou a se identificar como sem religião.

Charles se descreve como uma pessoa retraída, o que é um reflexo de sua criação e das experiências passadas. Ele gostaria de ser mais aberto, mas enfrenta dificuldades em se comunicar e socializar. Esse comportamento fechado não se restringe apenas à religião, mas também a outros aspectos de sua vida e relacionamentos. A dificuldade de comunicação com a família, que não era uma prática comum, contribui para seu comportamento introvertido.

2.1.8 Entrevista H: Alberto

Alberto é um jovem de 17 anos que se identifica como homem. Ele não tem uma autodeclaração racial clara e menciona que a família não tem uma prática religiosa consistente. Na infância, ele não participou de atividades religiosas regulares e a discussão sobre religião em casa é esporádica.

Atualmente, Alberto frequenta uma igreja, impulsionado pela curiosidade e pela influência de sua mãe, que o apresentou ao local. Ele frequenta os cultos de jovens e, apesar de

sentir uma sensação de paz e acolhimento no ambiente da igreja, ainda não acredita profundamente nos princípios religiosos e não considera que tem uma religião. Seus amigos não o influenciam nessa área e ele ainda está em um processo de exploração. Alberto não acredita que sua participação na igreja alteraria sua visão sobre ter ou não uma religião no momento.

2.1.9 Entrevista I: Bell

Bell, de 16 anos, se identifica como parda e gênero feminino. Ela se define como alguém sem religião, o que para ela significa não acreditar em uma força divina ou maior responsável pela sua existência. A formação religiosa de Bell foi influenciada principalmente por sua mãe, que foi espírita praticante em uma associação chamada União do Vegetal³⁵ e utilizava a ayahuasca³⁶. No entanto, com o tempo, sua mãe se afastou da prática, e atualmente ela mantém uma abordagem mais pessoal e não institucional em relação à espiritualidade.

Seu pai é ateu, o que gerou um confronto de ideias religiosas dentro de sua casa. Bell menciona que, embora tenha sido exposta a crenças diferentes, foi a visão do pai que mais ressoou com ela, influenciando sua própria visão de mundo. Ela relata que sua decisão de se considerar sem religião veio após uma fase difícil de sua adolescência, marcada por *bullying* e crises de ansiedade, que a levaram a questionar a existência de um ser divino.

Bell também expressa que a natureza é a sua forma de entendimento do mundo, em vez de uma entidade divina. Ela acredita que a Mãe Natureza, em vez de um Deus tradicional, é a força que molda e dá significado à vida.

Em relação às suas amizades, ela tem amigas de diferentes crenças (católica e evangélica), e apesar de suas diferenças de crença, essas amizades são importantes para ela. Bell percebe que há um estigma associado às pessoas sem religião, mas se posiciona contra essa

³⁵ A União do Vegetal (UDV) é uma entidade religiosa fundada no Brasil em 1961 pelo seringueiro José Gabriel da Costa. Ela combina elementos do cristianismo com tradições indígenas e afro-brasileiras, tendo como um dos principais sacramentos o uso da ayahuasca (ou "vegetal"), uma bebida feita da combinação de plantas amazônicas que possui propriedades enteógenas. Seus adeptos veem a bebida como meio de autoconhecimento e conexão espiritual, e a UDV é uma das poucas organizações com permissão legal para o uso ritual da ayahuasca no Brasil. (Brissac, 2004).

³⁶ A ayahuasca é uma bebida de origem indígena amazônica, tradicionalmente preparada a partir da mistura do cipó *Banisteriopsis caapi* e das folhas da planta *Psychotria viridis*. Suas propriedades psicoativas devem-se à presença de *dimetiltriptamina* (DMT), que, combinada com inibidores da enzima MAO presentes no cipó, permite uma experiência enteógena. Utilizada em rituais religiosos e cerimônias de cura, a ayahuasca é considerada pelos praticantes um meio de introspecção e conexão espiritual. No Brasil, seu uso é regulamentado para fins religiosos por algumas entidades, como o Santo Daime e a União do Vegetal. (Costa, 2005)

visão, ressaltando que sua falta de crença em um Deus não a impede de encontrar significado e valor na vida por meio da natureza.

2.1.10 Entrevista J: Martha

Martha tem 16 anos e se identifica como parda. Ela vive com seus pais, sendo filha única. Sua mãe é agnóstica, acreditando em Deus mas sem seguir uma religião específica, tendo explorado várias religiões sem se identificar com nenhuma. Seu pai é católico, mas não pratica ativamente e a família não frequenta igrejas ou centros religiosos com regularidade. Martha define ser sem religião como “seria uma pessoa que não necessariamente precisa acreditar em algo como Deus, uma religião”.

Martha foi batizada na Igreja Católica quando era pequena, mas não participou de formação religiosa significativa após isso. Ela tentou fazer catecismo na infância, mas abandonou após os 12 anos devido à falta de interesse e desacordo com as atividades e ensinamentos. Recentemente, teve uma experiência em um centro de umbanda, mas não considerou essa experiência como tendo um impacto significativo em sua vida. Martha observa que, apesar de sua família ser diversificada em termos de crenças, eles respeitam sua decisão de não seguir uma religião.

Em relação ao conceito de "sem religião", Martha associa isso à ciência, sugerindo que uma pessoa sem religião pode ter uma visão mais científica da vida. Ela expressa uma visão crítica sobre práticas religiosas e símbolos, como a figura de Jesus na cruz, e valoriza a liberdade de crença pessoal. Martha, a partir do ser sem religião, se considera atea.

2.1.11 Entrevista K: Gabriel

Gabriel é um jovem de 17 anos e se considera moreno, embora sua família seja predominantemente de pele clara.

Apesar de ter sido criado em uma família católica, Gabriel não se identifica com uma religião específica. Ele acredita que há algo que criou o universo devido à complexidade das condições necessárias para sua formação, mas não se alinha a nenhuma religião organizada. Gabriel fez a primeira Eucaristia e participou da catequese na infância, mas essas experiências não foram suficientes para moldar uma crença religiosa definida em sua vida adulta.

Sua mãe é uma católica, frequentando a igreja todos os domingos e rezando o terço, enquanto seu padrasto às vezes a acompanha. Sua irmã, embora também católica, está mais afastada da prática religiosa. Gabriel não costuma discutir sua falta de religião com sua família, e quando o fez, foi de maneira casual, sem muita reação dos familiares.

Gabriel não tem um problema com a religião em si, mas não encontrou uma que se encaixe em sua visão pessoal. Sua ruptura com a religião começou quando sua mãe parou de insistir para que ele e seus irmãos frequentassem a igreja, o que permitiu que ele começasse a refletir sobre suas próprias crenças. Ele não tem resistência a religiões específicas, mas prefere não se vincular a nenhuma delas, evitando as restrições que algumas podem impor.

2.1.12 Entrevista L: Raissa

Raissa, é uma jovem de 17 anos que se identifica como preta clara e mulher. Ela é homossexual e não se associa a uma religião específica, embora tenha sido batizada na Igreja Católica e tenha frequentado a igreja evangélica durante a infância. Raissa diz “eu acredito em tudo. Por isso que eu coloquei isso sem religião”.

Raissa descreve sua relação com a religião como não convencional. Embora ela acredite em conceitos como Deus, o bem e o mal, e tenha suas próprias práticas de oração, não se sente confortável em seguir um caminho religioso institucionalizado. Ela valoriza a flexibilidade de acreditar em várias coisas sem se prender a um conjunto específico de práticas religiosas. Para ela, a religião deve ser algo que agregue valor à sua vida e não uma imposição de regras ou padrões.

A escolha de não se prender a uma religião específica também está ligada à sua identidade sexual. Raissa expressa preocupações sobre como sua orientação sexual pode ser recebida em diferentes ambientes religiosos. Ela evita ambientes onde sente que não seria bem-vinda e considera a possibilidade de preconceito. No entanto, ela não sente que isso seja uma questão geral com todas as religiões, mas sim uma preocupação específica para ela.

No que diz respeito à sua experiência de vida, Raissa afirma que sua decisão de não se identificar com uma religião foi um processo gradual e de autodescoberta, que começou na escola e não foi influenciado significativamente pelos amigos ou pela mídia. Ela se sente confortável e apoiada em casa, onde a diversidade religiosa é discutida e respeitada. Embora

tenha enfrentado preconceitos relacionados à sua orientação sexual e identidades não religiosas em diferentes contextos sociais, ela se sente segura em seu ambiente familiar e escolar.

2.1.13 Entrevista M: Túlio

Túlio é um jovem pardo de 17 anos. Se declara como um homem cis e gay. Desde cedo, sua mãe se destacou como a principal figura de apoio e acolhimento, enquanto seu pai demonstrou resistência e dificuldades em lidar com a identidade de Túlio. A relação com o pai foi marcada por tensão, especialmente quando Túlio se assumiu como gay. Embora seus pais soubessem de sua sexualidade, o processo de aceitação foi desafiador, com seu pai enfrentando dificuldades para aceitar plenamente sua identidade e expressando resistência a mudanças, incluindo preconceitos em relação a outros membros da família e à comunidade LGBT.

Túlio passou por uma jornada significativa em relação à sua fé e identidade religiosa. Inicialmente, tentou encontrar uma conexão religiosa através da Igreja Evangélica, mas a experiência foi marcada por conflitos devido à homofobia e intolerância que encontrou. Ele vivenciou uma busca intensa por aceitação religiosa e curas espirituais, o que o levou a uma fase de agnosticismo e ateísmo. Túlio relatou dificuldades para reconciliar sua identidade com as doutrinas religiosas que não acolhiam sua orientação sexual. Em sua busca por um entendimento mais aberto e inclusivo, ele começou a explorar outras religiões, incluindo a Umbanda e a Wicca, com a ajuda de amigos e novas experiências.

Em 2023, Túlio encontrou um novo caminho ao se envolver com novos grupos sociais e profissionais. Trabalhando e estudando em diferentes ambientes, ele encontrou pessoas que contribuíram para uma visão mais ampla e inclusiva do mundo. Túlio se conectou com pessoas da comunidade LGBT e outras minorias, que ajudaram a moldar sua identidade e visão de mundo. Suas interações com pessoas envolvidas em diferentes religiões e filosofias também foram significativas, permitindo-lhe explorar novas perspectivas e encontrar um senso de pertencimento.

2.1.14 Entrevista N: Graziele

Graziele é uma jovem de 17 anos que se identifica como uma mulher cisgênero e homossexual. Ela se autodeclara branca, embora não tenha refletido profundamente sobre sua

identidade racial até o momento. Em termos de religião, Graziele se considera sem religião, apesar de acreditar em Deus. Ela demonstra desconforto ao ser questionada sobre sua religiosidade, preferindo não se identificar abertamente como sem religião, pois associa isso à ideia de não acreditar em nada.

Graziele tem uma relação ambígua com as práticas religiosas, frequentando ocasionalmente a igreja, mas sentindo-se desconfortável, especialmente em ambientes evangélicos, devido ao julgamento que percebe de outras pessoas, tanto em relação à sua orientação sexual quanto ao seu estilo de vestir. Ela é influenciada por seu pai, que também não segue uma religião específica, e por sua mãe, que é mais aberta a diversas práticas religiosas. Apesar de não se sentir confortável em igrejas, Geovana usa um escapulário por consideração a uma amiga que o presenteou.

Em termos de sociabilidade, Graziele não sai muito, preferindo passar o tempo em casa jogando videogame com seu irmão. O estádio de futebol Mineirão também é um lugar significativo para ela, onde se sente feliz ao assistir aos jogos do Cruzeiro. Ela gosta de ir ao shopping ocasionalmente, mas, no geral, prefere a tranquilidade de estar em casa ou em ambientes familiares

2.2 Processos que levam os estudantes a se declararem como sem-religião

A partir das entrevistas realizadas e dos perfis traçados ao longo da pesquisa, foi possível identificar que a natureza dos dados coletados não apenas permitiu uma análise aprofundada, mas também possibilitou uma interface com os principais objetos de estudo da Sociologia. Essas áreas incluem a estrutura e dinâmica da família, os processos educacionais e o papel da escola na socialização, as condições e relações de trabalho, as diferentes classes sociais e suas interações, o desenvolvimento e a organização da cidade, as crenças e práticas religiosas, os hábitos de consumo e as tendências culturais, e as complexas formas de comunicação que permeiam a sociedade contemporânea segundo a perspectiva de Riutort (2004). Assim, os dados obtidos proporcionaram uma compreensão das diversas esferas que compõem o tecido social, evidenciando como cada um desses elementos se inter-relaciona e influencia a experiência dos jovens sem religião.

As instituições sociais têm importância e influência na vida dos indivíduos, moldando comportamentos, valores e normas desde o nascimento. Os sociólogos Juliéverson Messias de

Carvalho e Aline Cristina Paiva (2021) mostram que, em se tratando de indivíduos inseridos na sociedade, até mesmo as pessoas mais rebeldes estão inseridas em instituições sociais, como a família e a escola, que exercem uma influência constante.

Os autores também discutem a definição de instituição social, com ênfase na perspectiva do sociólogo Émile Durkheim, que vê as instituições como estruturas coletivas que moldam os indivíduos e desempenham funções específicas na sociedade, comparando-as ao funcionamento harmonioso de um organismo. A sociedade, segundo Durkheim, enquanto fato social, antecede e molda o indivíduo, exercendo uma influência coercitiva (Véras, 2014).

Partindo da família, primeira instituição social na qual o indivíduo participa, Juliéverson Messias de Carvalho e Aline Cristina Paiva (2021) apresentam a família como uma instituição social em constante transformação, refletindo as mudanças sociais, políticas e econômicas da sociedade. Assim, fazendo referência a Friedrich Engels, acrescenta que a família transforma conforme a sociedade progride, modificando-se à medida que as condições sociais mudam. Portanto, a família é vista como um produto do sistema social, refletindo o estado cultural desse sistema.

A começar pela escola, que foi o espaço delimitado para a realização dessa pesquisa, também é uma instituição social importante, reconhecida como fundamental para a transmissão de conhecimentos e habilidades de uma geração para outra. Porém, ela não se limita apenas a isso, pois a escola deixou de ser apenas um espaço de submissão a modelos prévios e passou a ser um lugar onde os jovens atribuem sentido ao aprendizado e estabelecem conexões entre sua condição juvenil e seu futuro.

Dessa forma, a escola, enquanto instituição social é responsável pela participação no processo de socialização dos indivíduos, onde aprenderão os códigos e a linguagem da sociedade em que estão inseridos. Além disso, essa instituição favorece a apreensão dos hábitos, valores, leis e costumes próprios da cultura em que está inserida. Entretanto, em uma sociedade plural, marcada pela diversidade religiosa, não é possível traçar para os seus membros as mesmas referências ideológicas, sejam elas políticas, econômicas, filosóficas ou religiosas. Portanto, a escola, enquanto espaço de socialização e sociabilidade acolherá em seu contexto os coletivos diversos, ou seja, as várias identidades; sejam elas étnico-raciais, de gênero, de classe, e entre tantas, as religiosas.

Segundo Geraldo Jose de Oliveira (2017), o “espaço escolar é um pequeno retrato da sociedade brasileira, onde as diferenças e a heterogeneidade das crenças cotidianamente se

encontram e convivem. Essa multiplicidade cultural é que constitui a beleza e a riqueza do país, sendo fruto de encontro de diversos povos e transmitida às gerações” (Oliveira, 2017, p. 25). Logo, para o autor (2017), essa diversidade se acentua com a “expansão e multiplicação de novos grupos religiosos” (Oliveira, 2017, p. 25). A comunidade escolar, representada por professores, estudantes, funcionários e pais, leva para a escola características do seu pertencimento religioso. Como um retrato da sociedade, torna-se necessário compreender como os jovens que se declaram sem-religião se veem nesse espaço e como constroem a identidade de pessoas sem religião.

2.2.1 O processo de socialização

As transformações no campo religioso brasileiro não podem ser vistas como um problema, quando pensamos na quebra da hegemonia de algumas instituições religiosas. Mas, o processo que têm produzido pessoas a se identificarem como sem-religião desperta uma necessidade de compreensão desse campo religioso. E, mais ainda, quando o mesmo tem afetado a juventude que passa a se identificar com esse grupo religioso, apesar da incompreensão de muitos pesquisadores sobre o que essa autoidentificação representa.

Penso que essa construção da identidade não religiosa de jovens, nos anos finais da educação básica, residentes em Betim, passa por momentos que são consequências do seu processo de socialização.

A socialização é o processo fundamental pelo qual os indivíduos se tornam membros da sociedade e de seus grupos sociais, pois segundo os sociólogos Peter Berger e Thomas Luckmann "o indivíduo não nasce membro da sociedade. Nasce com a predisposição para a sociabilidade e torna-se membro da sociedade" (Berger; Luckmann, 2004, p.173). Esse aprendizado, que começa na infância e se estende por toda a vida, envolve a internalização de normas, valores, costumes e habilidades necessários para a convivência social. A socialização é dividida em duas etapas: primária, que ocorre nos primeiros anos de vida, e secundária, que se desenvolve ao longo da vida adulta em diferentes contextos como escolas, religiões e locais de trabalho. Durante a socialização primária, a família e, cada vez mais, as instituições educacionais desempenham papéis cruciais no desenvolvimento inicial do indivíduo. Já na socialização secundária, o indivíduo aprende novas normas e valores conforme adentra novos ambientes sociais.

Berger e Luckmann (2004) destacam que a socialização é um processo dinâmico e contínuo, que permite a formação da identidade individual dentro da sociedade. No entanto, a socialização não é um processo passivo: os indivíduos têm a capacidade de questionar, resistir e modificar os ensinamentos sociais, contribuindo para a transformação da sociedade.

A socialização é fundamental na construção da identidade dos indivíduos, pois eles constroem a sua identidade em contato com as instituições e grupos sociais que estão inseridos. Assim, se os indivíduos se apresentam como sem-religião, tal realidade pode talvez estar ligada ao fato de não terem a religião presente no seu processo de socialização. Além disso, uma vez que a socialização não é um processo fechado e estático, ocorre a conservação ou a transformação da realidade subjetiva, que é quando os indivíduos confrontam com as realidades aprendidas e refletem sobre elas. Assim, um indivíduo pode ter tido contato com uma experiência religiosa, mas optou, por processos subjetivos diversos, não ter vínculo com essa experiência religiosa (a transformação da realidade subjetiva) ou mesmo, ao pensar sobre ela, querer continuar com ela (conservação da realidade subjetiva).

Dentro do processo de socialização, onde houve rupturas com a socialização familiar, isto é, onde houve uma transformação da realidade subjetiva, é possível encontrar alguns relatos:

- Na catequese eu acreditava, eu era criança ainda. Eu tinha que seguir o que a minha mãe falava, que ela sempre falava muitas coisas assim. E a crisma assim é um crismi meio, porque a minha mãe pediu pra eu crismar, porque eu não queria crismar não. Porque tipo assim, pra mim não faz muito sentido. Se eu fico meio nessa dúvida eu não devia crismar. Porque se eu tenho essa dúvida pra mim eu não devia fazer coisas que a igreja faz. Porque eu tenho dúvida (Entrevistada A: Simone).
- Eu nasci e cresci em uma família religiosa, que não seguia tantas doutrinas, mas ao mesmo tempo isso interferiu na minha vida de uma forma que eu era impedida de fazer certas coisas, mesmo quando eu era uma criança, adolescente, mesmo eles não seguindo tantas doutrinas assim dessa religião. Meio que me impediu um pouco de algumas vontades, algumas coisas que eu acho que são coisas normais que toda pessoa deveria poder fazer e tudo mais e essa religião na qual eu cresci, foi isso, que no caso é a religião evangélica eu cresci, meus pais sempre acreditaram e sempre criaram todos os filhos assim, como eu (Entrevistada B: Raquel).
- A religião que meus pais seguiam, o evangelismo. Eu acho que é uma coisa que não era pra ser ruim como foi pra mim. Eu acho que as pessoas distorcem muito das religiões e usam coisas para o bem próprio, que é conveniente para elas. E foi isso que aconteceu na minha família, por exemplo. Muita coisa não era para acontecer, mas aconteceu com justificativa da religião que eles seguiam. Desde criança, desde muito pequena, eu fui levada a igreja, eu frequentava porque os meus pais me levavam, sempre queriam levar. Isso acontece com muita gente. Isso acontece com muitas pessoas, né? Elas são levadas desde criança até adolescência. Se a pessoa não quer, normalmente só quando ela chega na maior idade que ela realmente pode parar, porque antes disso, eles têm que ir de qualquer forma. E no meu caso, eu tinha que ir... não

interessava, nunca despertei esse interesse, mesmo desde criança não tinha despertado interesse naquela religião em mim. Às vezes eu até tentava, sabe? Porque você tá inserido naquele meio. Você tá inserido ali e você pensa, tá todo mundo seguindo, tá todo mundo fazendo, vou tentar também. Mas nunca funcionou pra mim e nunca tinha interesse, mas eu tentava por ser o meio da qual eu vivia e eu tentei me encaixar, mas não funcionou, não deu certo. E com o passar do tempo, até meus pais mesmo, eles já não seguiam tanto assim, sabe? Hoje em dia, por exemplo, eu não convivo com meus pais, mas eu sei que eles deixaram muitas coisas daquela época, de quando eu era criança e eles seguiam mesmo. Eles deixaram muitas dessas coisas pra trás e não seguem mais. E isso é uma coisa que eu preferia que tivesse acontecido na minha infância, porque ia me poupar de ter que visitar um meio da qual eu não queria, da qual eu não tinha interesse e... em questão social (Entrevistada B: Raquel).

- A minha irmã. Ela sempre foi, na minha infância pelo menos, na minha infância e no comecinho da minha adolescência, ela sempre foi a pessoa que eu me espelhava. Porque né, você é uma criança, você tem uma irmã adolescente, e aí, nossa, você quer ser igual a ela, você quer fazer tudo igual a ela, quer ser ela quando você crescer. E aí ela teve, como ela estava na adolescência, ela teve muitos atos de rebeldia... E tipo assim, ela falava sobre mim, não, ela falava pra mim sobre essas coisas que eu ficava escutando e admirando ela falava, por exemplo, sobre muito naquela época, né, feminismo não é coisa que eu mantenho na minha vida hoje não sou feminista nem nada, mas foi um dos pensamentos que ajudou ali, sabe? uma coisa que influenciou a não seguir a religião. Ela falava muito sobre isso, sobre como ela via as pessoas que seguia religiões, sobre as pessoas da igreja que a gente frequentava. Isso aí foi tudo cada vez mais criando camadas até chegar esse ponto, sabe? (Entrevistada B: Raquel).

- Aí tem a minha família, minha mãe ela é um gancho muito poderoso e profundo de religião na minha família. Ela é católica sempre obrigou todos lá em casa, meus irmãos e eu, a frequentar a igreja católica, até ela não aguentar mais nos prender então um a um foi saindo, porque a gente não se identificava mesmo, nós não nos identificamos eu fui como eu te disse eu não acredito no Deus cristão, mas também não descredito de algo... Ela nos obrigou a fazer catequese, crisma e a frequentar a igreja toda semana, durante muitos anos. Isso só não acontece mais comigo, porque eu não tenho tempo. Os dias que ela quer que ela me levava pra igreja, eu tô na escola estudando, eu penso, enfim. Mas ela mesmo assim sempre vez ou outra reclama, ah, é porque você quer sair, aí você não quer ir pra igreja (Entrevistada C: Clara).

- É porque eu sou católico por influência, sabe? que minha família toda é católica, minha mãe é católica, eu fiz até a primeira Eucaristia, mas por influência, sabe? Tipo, eu era pequeno assim, só tava indo, mas não sabia nem o quê que era, não entendia muito bem, mas... Hoje em dia, eu não acho que eu tenho uma religião, sabe? Eu creio que há um Deus, que existe alguma coisa, tenho fé que existe alguma coisa, mas não tenho nenhuma religião, assim (Entrevista K: Gabriel).

- Eu cresci no evangelismo, no cristianismo, no cristianismo, em si. Grande parte da minha família é católica e evangélica. São poucas de outras religiões, como Candomblé, umbanda e coisas do tipo, mas a gente ficou em uma aprecia com essa... ouvindo que o certo era ter... era Deus, Jesus, os anjos, o Diabo. A bíblia era a única coisa certa, mas chegou um ponto na minha vida em que eu comecei a duvidar, que isso era realmente a verdade, eu comecei a entrar em conflitos internos comigo mesmo, realmente me perguntando, sabe, fazendo questões e eu comecei primeiro a buscar essas respostas na bíblia, dentro da minha religião, com as pessoas da religião, buscando, perguntando, tentando conversar com Deus do cristianismo. E a partir daí eu percebi que talvez algumas das perguntas que eu tinha não seriam respondidas apenas olhando dentro dessa bolha, sabe? Que eu ia buscar mais para fora, tentar encontrar outras religiões, poderiam ser encontradas muito mais respostas que saciaram essa dúvida que eu tinha. E foi isso que eu fiz, eu comecei a buscar em outras religiões, conheci outras pessoas que também são de outras religiões, me apresentaram uma visão maior sobre o mundo espiritual, a fé e coisas do tipo, que me mostraram que o mundo não é essa coisa fechada que o cristianismo apresenta, sabe? Que só Deus

existe, coisas do tipo, sabe? Então eu fiquei... Fui... Uma barreira que caiu e meus olhos abriram a partir disso (Entrevista M: Túlio).

Observo que as experiências relatadas revelam a complexidade da construção da identidade religiosa e a influência multifacetada da socialização familiar. O que emerge dessas narrativas é um padrão de conformidade e resistência que é comum na trajetória de muitos indivíduos em relação à religião. Simone e Clara ilustram como a adesão à prática religiosa muitas vezes é um reflexo da pressão familiar, em que a conformidade é mais uma questão de obrigação do que de convicção pessoal. Isso é consistente com a teoria da socialização, que postula que as normas e práticas culturais são internalizadas desde cedo, influenciando profundamente o comportamento e as crenças individuais.

Raquel e Gabriel representam a experiência de uma descontinuidade entre a prática religiosa imposta e a crença pessoal, evidenciando um processo de ruptura e reavaliação que pode ocorrer quando a socialização religiosa entra em conflito com as experiências e reflexões pessoais. Este processo de questionamento denota que a busca por uma identidade autêntica pode levar a uma reinterpretação ou abandono das crenças herdadas.

Finalmente, Túlio exemplifica a dinâmica de busca e questionamento que pode surgir quando os indivíduos sentem que as respostas fornecidas dentro de sua tradição religiosa são insuficientes. A busca por alternativas fora dos seus vínculos religiosos iniciais é um indicativo de como as pessoas podem expandir suas perspectivas e encontrar respostas que ressoem mais profundamente com suas próprias experiências e questionamentos.

Essas narrativas, quando analisadas em conjunto, evidenciam que o processo de socialização que produz pessoas sem religião não se dá da mesma forma, mas um campo dinâmico e frequentemente contestado onde as identidades e crenças são continuamente construídas e reconstruídas através das interações entre a socialização familiar, as experiências pessoais e a busca por significado.

Além disso, a mídia desempenha um papel crescente na socialização, oferecendo influências que podem conflitar com os valores tradicionais ensinados pela família e escola. A popularização da internet ampliou significativamente as possibilidades de socialização, permitindo que indivíduos se conectem com grupos de interesses específicos, independentemente de sua localização geográfica, o que torna os processos de socialização contemporâneos únicos em comparação com períodos históricos anteriores. Na dinâmica das transformações do mundo contemporâneo, os jovens são os mais suscetíveis a mudanças,

inclusive rompendo com estruturas fixas das instituições sociais que eram tidas como referências, tais como família, escola e as instituições religiosas. Nesse sentido, outros grupos sociais, como grupo de amigos, mídia e as redes sociais, se tornam as novas referências na construção de elementos que farão parte da identidade desses indivíduos.

A mídia, enquanto agente de socialização, também está presente nos processos de influências identificados nas entrevistas:

- Bom, sobre as redes sociais, naquela época não era tanto. Hoje em dia é muito mais, por causa do TikTok, do Instagram. Naquela época, 2015, 2016, 2017, não tinha tanto isso, nem existia o TikTok. E o TikTok hoje é uma das maiores influências, por isso que eu tô citando. Naquela época não existia, mas na minha adolescência eu assistia muitas séries, filmes, coisas que tinham um seguimento para um outro lado ali, o oposto da religião. Isso me deu uma influenciada, eu já tinha uns pensamentos, é como se eu já tivesse umas dúvidas ali, e aí quando surgiu isso, quando eu comecei a consumir esse tipo de conteúdo, tipo a chave virou, sabe? (Entrevistada B: Raquel)
- Uma série que é BoJack Horseman, já ouviu falar? É, ela é muito boa o protagonista ele não acredita em Deus, e como é um protagonista, a gente costuma se identificar muito. E eu me identificava com ele em algumas coisas [...]. Mas foi isso, uma dessas séries tem outra muito boa. Ela é de 2022, eu acho. Eu assisti nessa época também e me ajudou muito que é The Midnight Gospel (Entrevistada B: Raquel).

Na contemporaneidade, Maria da Graça Setton (2005) aponta que a socialização, antes centrada na família e na escola, foi amplamente influenciada pela cultura de massa e, especialmente, pela internet. A disseminação de informações e valores por meio de programas de TV, redes sociais e outros meios digitais introduziu novas formas de socialização, permitindo interações sociais e influências culturais sem a necessidade de contato físico direto, muitas vezes mediadas por inteligências artificiais. Assim, os processos de socialização hoje são profundamente impactados pelas mudanças nos meios de comunicação.

2.2.2 A indiferença religiosa

A indiferença religiosa é o fenômeno sociocultural identificado em vários momentos na interação relação estudante-professor e que contribuiu, de certa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa. Dessa forma, parte dos estudantes entrevistados carregam uma indiferença³⁷ religiosa, diferente da percepção dos ateus ou agnósticos. Diferente de conceitos como

³⁷ No 27º Congresso Internacional da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião – SOTER (2014), a socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes também trata dessa indiferença religiosa entre jovens que identificou ao longo das suas pesquisas.

agnosticismo e ateísmo, que possuem uma relação direta com a questão da crença ou descrença em divindades, a indiferença religiosa reflete uma atitude onde a religião e as questões transcendentais são simplesmente irrelevantes ou sem importância na vida cotidiana desses indivíduos.

A indiferença religiosa pode ser entendida como a ausência de interesse ou envolvimento com qualquer forma de religião ou espiritualidade. Enquanto o ateísmo é a negação da existência de divindades e o agnosticismo é a postura de não se posicionar quanto à existência ou não de um ser supremo, a indiferença religiosa caracteriza-se pela falta de engajamento ou reflexão sobre essas questões. A psicóloga Cristina Sá Carvalho (2010) ao abordar a crise da fé cristã no contexto da juventude, ressalta a crescente indiferença religiosa entre os jovens. Segundo a autora, que analisa o contexto católico português, a transmissão tradicional da fé está em declínio, com menos jovens participando de práticas religiosas e sacramentos. A identidade religiosa, que antes era parte integrante da cultura, agora enfrenta um ambiente secularizado onde a fé é muitas vezes vista como irrelevante ou estranha. A abordagem da autora é pastoral, pois sugere a necessidade de repensar as formas de transmitir a fé para torná-la significativa e atrativa para os jovens em um mundo onde a religião perdeu parte de sua autoridade e influência cultural.

Para além dessa preocupação institucional, Cristina Sá Carvalho (2010) aponta que a indiferença religiosa é um fenômeno contemporâneo que surge em parte da crise da fé cristã, particularmente entre as gerações mais jovens. Segundo a autora, essa indiferença é resultado de uma fé que, se transmitida de maneira passiva e sem a experiência pessoal profunda, tende a perder seu sentido, levando ao afastamento ou à apatia em relação à religião, como o entrevistado Charles que disse ter feito a catequese na Igreja Católica, mas nada de religião é comentado dentro de casa. Nesse sentido, Cristina Sá Carvalho (2010), aponta que a fé, para ser relevante e duradoura, precisa ser uma escolha pessoal e uma experiência vivida que toque profundamente a identidade do indivíduo. Essa necessidade de personalização da fé é essencial em um mundo secularizado, onde a religião, se não for experienciada de forma autêntica, torna-se facilmente irrelevante. Assim, a indiferença religiosa reflete a falta de uma experiência de fé significativa, o que compromete a transmissão e a vivência genuína da religião nas gerações atuais.

Indivíduos que manifestam essa indiferença não se preocupam em debater ou questionar a existência de Deus, a validade das práticas religiosas ou as implicações morais dessas crenças.

Para eles, a religião não ocupa um lugar significativo em suas vidas, seja como fonte de sentido, moralidade ou comunidade. O entrevistado, Charles (Entrevista G) reconhece que uma pessoa que tem religião acredita “que tem algum ser mais poderoso, entre aspas, que de alguma forma influencia na vida e no pensamento de algumas pessoas”, desse modo ele reconhece que não se reconhece como ateu, mas como alguém sem religião, por não acreditar nisso: “eu não tenho argumentos suficientes para dizer que eu defendo meu ponto de ser ateu e nem de eu acreditar, eu preferi depois me escolher sem religião”. Em relação ao tema religião, Charles relata:

E eu só vim parar para pensar nisso mesmo durante a pandemia. Durante uma questão de quando enviavam certas folhas com questões de escola. E que eu parei para pensar em uma questão de ensino religioso. Questionando sobre se você acreditava ou não. E nesse momento eu parei pra pensar nisso e tirar minha conclusão (Entrevistado G: Charles).

Em tais contextos, os indivíduos podem crescer e viver em ambientes onde a religião é apenas uma de muitas opções culturais, sem que haja pressão social significativa para aderir a qualquer crença específica. Além disso, a indiferença religiosa pode surgir em ambientes onde a pluralidade religiosa é tão extensa que a escolha de uma religião se torna apenas mais uma dentre várias outras decisões triviais. Um desses casos é o Alberto (Entrevistado H) que não tem interesse em ter uma religião, mas ficou curioso em frequentar uma igreja. Disse estar gostando de estar ali, mas que não que acredita naquilo. Apesar dos poucos exemplos expostos a indiferença religiosa pode se tornar uma postura mais comum, refletindo mudanças profundas nas formas como os indivíduos encontram sentido e propósito em suas vidas.

2.2.3 A religião como o não-lugar de pertencimento

Nos momentos de condução das entrevistas, busquei entrar em alguns pontos relacionados aos espaços que os jovens entrevistados frequentam e participam, de modo a entender como isso pode influenciar ou não na construção da identidade, pois, ao tratar do tema reconheço que os espaços são fundamentais para isso. E nesse sentido, a discussão sobre lugar e não-lugar do antropólogo Marc Augé se torna fundamental: "se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar" (Augé, 2012, p.73). Nesses termos Augé (2012) reconhece que são nos lugares que os indivíduos constroem a sua identidade, pois

ali incorporam elementos através das interações com outras pessoas, das quais compartilham as mesmas referências sociais contrapondo aos não-lugares que são espaços sem referências que não propiciam a criação de vínculos. Porém, é preciso considerar que as percepções do que é um lugar e um não-lugar são subjetivas a partir das relações pessoais que ali se estabelece, sendo, nesse sentido, um tópico explorado nas entrevistas.

Por serem aspectos subjetivos, um não-lugar pode ser visto como um espaço de referência para alguém. Como é o caso da Grazielle (entrevista N) que diz que os espaços que se sente bem são: casa, shopping e o estádio de futebol Mineirão. A estudante Clara (entrevista C) ao ser motivada a pensar nos espaços, diz que a sua casa, por influência da sua mãe, é toda cheia de imagens e terços e que a mãe usa camisas com estampas de santos católicos, mas que esses elementos não a incomodam tanto. E na igreja que frequenta, ela diz ser um espaço grande e bonito, mas que a incomodava devido ao contexto que esse espaço representa: “o contexto que eu estava ali não era agradável então tudo ficava... nossa, tomara que acabe logo eu estava lá com vontade de ir embora” (Entrevista C: Clara). A igreja também foi um espaço que mudou o seu sentido para a Maria (Entrevista E):

Quando eu era pequena, tipo... uns 5 anos eu gostava muito de ter um ambiente. Então até aquele momento era um ambiente que eu gostava muito de estar. Mas a partir do momento que eu comecei a fazer a catequese e eu não gostava de estar lá, porque eu me sentia entediada, eu acho. Acho que... Tinha coisas que eu preferia estar fazendo e lugares que eu preferia estar do que dentro de uma igreja (Entrevista E: Maria).

A igreja enquanto um espaço físico, não costuma causar muitos impactos, tendo um sentido até positivo, como é o caso do Alberto (entrevista H) que gosta de ir na igreja, mesmo não acreditando, pois ali “Ah, sinto uma sensação de paz... oração, essas coisas” (Entrevista H: Alberto). Além da percepção física do espaço que Marc Augé (2012) coloca como um lugar ou um não-lugar, o aspecto institucional também se torna presente, pois há momentos que a instituição se torna um não-lugar de pertencimento por não acolher as pessoas como são ou mesmo criar situações que contribuem para a ruptura. Como é o caso de Rita (entrevista F) que tinha a igreja não apenas como um espaço de referência espiritual, mas também de criação de vínculos e de experiências culturais.

Eu fazia parte do grupo de dança e nesse grupo de dança eu fui muito julgada por fazer as coisas que eu fazia fora da igreja. Que eu estava ali, mas eu estava ali porque eu sempre fui ali, nasci na igreja, fui criada na igreja, então como eu sempre estava lá, eu

fazia parte do grupo de dança, porque era o que eu gostava de fazer, e estava na igreja. E começaram a me julgar, começaram a inventar mentiras sobre mim e tal, e foi um negócio assim enorme, a ponto da líder do grupo de dança, vir me julgar também, vir falar comigo, brigar comigo por algo que eu não tinha feito. E aí foi ali que eu já tinha dado uma esfriada (Entrevista F: Rita).

Para a entrevistada Rita, a igreja era como a sua casa, mas quando pensa nas pessoas ali, percebe muita hipocrisia. Atualmente, quando passa em frente à igreja sente “nostalgia. Eu vivi a minha infância inteira lá, então muitos amigos juntos, festas juntos, essas coisas” (Entrevista F: Rita).

Um ponto interessante observado foi dito pela entrevistada Martha (Entrevista J: Martha) que frequentava a igreja quando fazia a catequese na Igreja Católica, onde se deparou com os símbolos presentes criando uma aversão.

Teve uma vez, nesse catecismo que eu ia, que eu simplesmente... Teve uma vez que a gente foi na igreja e foi na frente. E ela [a catequista] falava assim, “todo mundo precisa ajoelhar e rezar”. Eu olhei pra ela e falei assim, mas eu vou rezar pra esse negócio aí pendurado? Eu tinha pavor daquele Jesus pendurado. Eu ficava assim “nossa, não vou fazer isso”. E eu realmente não fazia. Mas aí minha mãe disse que era porque eu já era grande e já tinha consciência do que eu queria ou não. Aí ela falou, “ah, que não sei o que. Assim, você pode escolher. Então, se você escolher e não querer seguir, você pode” (Entrevista J: Martha).

Para Martha, o espaço da igreja, carregado de significados e rituais, se tornou um local de estranhamento, ou mesmo um “não-lugar”, nos termos de Marc Augé (2012). Enquanto a igreja representa para muitos um lugar de acolhimento e identidade, para Martha, a obrigatoriedade de participar de certos rituais provocou desconforto e rejeição.

As relações de gênero também estiveram presentes, pois a Raissa (Entrevista L) que é uma jovem homossexual fala que a sua relação com a instituição deve ser de respeito. Se ela quiser fazer parte, tem que “entrar de cabeça”, pois segundo ela “se eu for entrar, eu quero entrar de cabeça. Então, se eu ficar tendo um pé lá fora no mundo, ficar ali na igreja, eu acho muita falta de respeito” (Entrevista L: Raissa). Isso me inquietou ao ponto de pensar se a compreensão da jovem era que sua orientação sexual poderia ser uma falta de respeito para a igreja.

Não sei, eu acredito que se você, por exemplo, vai mais uma questão de respeito mesmo, porque eu sei que, por exemplo, sei lá, se eu começar a frequentar a Igreja Evangélica, pode ser que por eu namorar uma mulher, eu não seja bem-vinda lá. Então eu não quero desrespeitar isso e não quero estar num lugar onde não é do meu ver que eu esteja bem-vinda ali (Entrevista L: Raissa).

A Raissa não critica diretamente essas práticas excludentes, então opta por não participar por não se sentir acolhida ali pela sua orientação sexual e que não quer desrespeitar a instituição pelos mesmos motivos. Porém, em uma situação mais extrema, o entrevistado Túlio apresentou a sua experiência dolorosa, devido a sua orientação sexual que era colocada como algo inadequado para a igreja. Túlio compartilha uma trajetória marcada por questionamentos e conflitos em torno da religião e da sua orientação sexual. Desde cedo, ele enfrentou uma série de dificuldades ao tentar conciliar suas experiências religiosas com sua identidade como pessoa LGBTQIAPN+. Criado em um ambiente familiar fortemente influenciado pelo cristianismo, Túlio cresceu ouvindo comentários pejorativos sobre a comunidade LGBTQIAPN+, tanto em casa quanto na igreja. A pressão para se conformar com expectativas religiosas e familiares gerou um intenso conflito interno, levando-o a buscar "cura" para sua sexualidade por meio da religião.

Aí eu entrei na igreja pra poder curar isso aqui. Eu, por causa da homofobia que eu tinha comigo mesmo. E aí eu percebi que não tinha nada, que eu nasci assim. Então eu falei, cara, na época mesmo, quando eu ainda não tinha entendido isso. Eu falava, cara, porque que Deus me fez assim pra fazer eu me odiar? Dizendo que eu peço desde sempre pra poder ser curado e eu não sou curado (Entrevista M: Túlio).

Túlio buscou na igreja evangélica um caminho para resolver seu conflito interno. Ele chegou a se batizar, acreditando que a fé poderia "corrigir" sua orientação sexual. No entanto, essa tentativa de encontrar uma solução religiosa para sua identidade acabou se mostrando insatisfatória. Em vez de encontrar a cura que procurava, Túlio se deparou com uma sensação de rejeição e desconexão. Ao testemunhar o tratamento desrespeitoso dado a outros membros da comunidade LGBTQIA+ dentro de seu círculo familiar e religioso, ele começou a perceber que o problema não estava nele, mas nas pessoas ao seu redor e em suas interpretações da fé.

A mudança de perspectiva de Túlio ocorreu à medida que ele passou a se aceitar e a entender que sua orientação sexual não era um erro, mas uma parte intrínseca de quem ele é. Essa aceitação foi um processo gradual, influenciado por conversas com amigos, contato com diferentes visões religiosas e experiências pessoais. Ele começou a buscar uma espiritualidade que não o condenasse, explorando outras tradições religiosas como a Umbanda e o Candomblé, e dialogando com amigos de diferentes crenças, como uma amiga Wicca, mas não se vinculou a nenhuma delas, mantendo uma postura como sem-religião.

Túlio também reconheceu que o problema não era o cristianismo em si, mas a forma como algumas pessoas usavam a religião para propagar preconceitos. Ele entendeu que a verdadeira essência de muitas tradições religiosas é o acolhimento e o amor ao próximo, algo que ele não sentia no ambiente evangélico que frequentava. Essa compreensão o levou a se afastar da igreja que frequentava e a seguir uma jornada pessoal em busca de um espaço onde pudesse ser plenamente aceito e respeitado, mostrando que a instituição também pode representar um não-lugar.

2.2.4 O problema lógico do mal

O problema lógico do mal também esteve presente nas respostas. Esse tema é um argumento filosófico que questiona a coexistência de um Deus com a existência do mal no mundo. A relação mais comum, que se aproxima do argumento dos estudantes é a problemática apresentada por Epicuro, que para algumas pessoas pode ser um paradoxo, pois “se Deus deseja prevenir o mal, mas não pode, então Ele não é onipotente; se Deus pode prevenir o mal, mas não deseja, então Ele não é benevolente; se Deus pode e deseja prevenir o mal, então por que o mal existe?”.³⁸

Eu acho que eu não conseguia sentir muito a presença Dele, como as pessoas falavam, e eu também não via muito sentido. Ele é um Deus que supostamente ama a gente mais do que tudo na religião de acordo com a Bíblia, mas mesmo assim tinha muita gente que passava necessidade... Tipo, tem pessoas que passam fome, tem pessoa... Criança que é estrupada, tal... Eu não vejo... Eu não vejo, desde os 11 anos, eu não vejo Deus como sendo um Deus do amor, que nem a Igreja Prega. Aí, muito bem. Mas eu ainda acreditava porque eu tinha medo de ir para inferno, né? Aí... É isso (Entrevista E: Maria).

A fala de Maria revela uma profunda crise de fé ao confrontar a imagem de um Deus amoroso e benevolente com a realidade do sofrimento humano que ela observa, como a fome e a violência. Ela expressa uma desconexão entre a presença divina prometida pelas religiões e a dura realidade da vida. A pandemia esteve presente como um momento de ruptura, de modo

³⁸ Essa reflexão é atribuída a Epicuro por meio da Carta a Meneceu, porém em um contexto de indiferença dos deuses gregos em relação ao destino humano. Essa formulação tomou essa forma através de filósofos cristãos. O filósofo **David Hume** (1711-1776), em sua obra *Diálogos sobre a Religião Natural*, retoma essa problemática de maneira detalhada e se torna uma das figuras centrais na crítica à teodiceia (a tentativa de justificar a bondade de Deus diante da existência do mal).

que a entrevistada Hannah (Entrevista D) pontua como o antes o depois da pandemia. No momento da entrevista, não me atentei para a importância que o evento teve nessa fase da vida dela.

Questões pessoais, como traumas, sofrimentos e experiências negativas, podem exercer uma influência significativa na desilusão com Deus, moldando a forma como alguém percebe a presença e a benevolência divina. Quando uma pessoa enfrenta eventos dolorosos, como o *bullying*, a perda, ou outras formas de injustiça e sofrimento, essas experiências podem abalar profundamente sua fé e a confiança em um ser maior. A sensação de abandono, a falta de respostas para o sofrimento e a dificuldade em encontrar sentido em meio à dor frequentemente levam a uma crise de fé, na qual a crença em Deus como um ente amoroso e protetor é questionada. Assim, o impacto emocional dessas experiências pessoais pode gerar uma desconexão entre a ideia de um Deus benevolente e a realidade percebida, levando a uma desilusão com a ideia de que um ser superior está ativamente envolvido em cuidar e proteger os indivíduos, aproximando os dilemas pessoais dessas pessoas do paradoxo de Epicuro.

Com 11 anos, quando eu fui pro sexto ano, eu comecei a sofrer *bullying* e eu fiquei muito triste. Eu chorava muito e me sentia muito mal e até hoje é uma questão que me incomoda porque eu não consegui resolver na época e ficou uma coisa mal resolvida na minha vida e isso desencadeou muitas coisas na minha vida, muita tristeza, muita ansiedade, muitos problemas ocasionados pelo *bullying* mesmo e que... de certa forma me deu uma angústia no peito e... minha relação com Deus não foi mais a mesma, porque desde então muitas coisas aconteceram. Acho que essa fase de adolescência passa. Ainda é uma fase muito difícil, porque você quer poder as coisas, mas você não pode. É uma fase de autoafirmação, então foi difícil. Mas tá sendo difícil, né? Bom, é a partir desse momento, depois do *bullying* assim, com angústia e muita tristeza no peito, comecei a refletir e... Aí eu desliguei dessa ideia de que existe um ser maior que tenha proporcionado a vida e que existe um ser maior que cuida de nós, assim, sei né? E que eu devo gratidão a esse ser maior. Ou essas coisas assim, eu tento falar mas é difícil (Entrevista I: Bell).

A fala de Bell revela o impacto profundo e duradouro do *bullying* em sua vida, que desencadeou uma série de problemas emocionais, como tristeza, ansiedade e uma sensação de angústia persistente. Ela menciona que essa experiência marcou uma mudança significativa em sua relação com Deus, resultando em uma desconexão com a ideia de um ser divino que cuida e proporciona a vida. A dificuldade em encontrar sentido e gratidão em relação a um ser maior reflete a complexidade da fase de adolescência, marcada por desafios de autoafirmação e uma busca por entendimento e propósito. O sofrimento experimentado e a falta de resolução para

essas questões moldaram sua perspectiva espiritual, levando-a a questionar a presença e a influência de uma força superior em sua vida.

2.3 Considerações finais

Os processos que levam os estudantes a se declararem como sem-religião são variados e refletem uma complexa interação entre fatores sociais, culturais e individuais. A partir das entrevistas realizadas, destaquei quatro pontos: o processo de socialização; a indiferença religiosa; a religião como o não-lugar de pertencimento; o problema lógico do mal.

As transformações no campo religioso brasileiro, refletidas no crescente número de jovens que se identificam como sem-religião, não devem ser vistas apenas como uma crise ou um problema, mas sim como um sinal da dinâmica e reconfiguração das identidades religiosas contemporâneas. A análise das experiências narradas revela que a construção da identidade não religiosa dos jovens é influenciada por uma complexa interação entre socialização familiar, questionamentos pessoais e a ampliação das influências culturais através da mídia e das redes sociais. A socialização, conforme abordada por Berger e Luckmann (2004), é um processo contínuo e dinâmico que permite aos indivíduos questionar e, por vezes, reconfigurar suas crenças e identidades. As experiências individuais, que vão desde a conformidade forçada até a busca por novas respostas fora das tradições religiosas, ilustram a profundidade e a complexidade dessa transformação. No contexto atual, a mídia e as redes sociais desempenham um papel crucial na formação das identidades religiosas e na interação com valores sociais, moldando as percepções e crenças de forma única.

A indiferença religiosa emerge como um fenômeno significativo no cenário contemporâneo, refletindo mudanças culturais e sociais profundas. A indiferença revela uma falta de engajamento ou interesse nas questões transcendentais, muitas vezes resultante da ausência de uma experiência de fé pessoal e significativa. A análise de Cristina Sá Carvalho (2010) e os relatos dos entrevistados destacam que, em um ambiente secularizado e plural, a religião pode se tornar irrelevante para muitos jovens, especialmente quando não é vivida de forma autêntica e pessoal.

A análise dos espaços frequentados pelos jovens e a discussão sobre o conceito de "não-lugar" de Marc Augé (2012) revelam que a religião pode ser vista tanto como um lugar de pertencimento quanto como um não-lugar, dependendo das experiências e das percepções

individuais. Para alguns, como Alberto, a igreja pode ser fonte de paz e acolhimento, enquanto para outros, como Clara, Maria e Túlio, esses mesmos espaços podem se transformar em não-lugares, carregados de desconforto e exclusão. A subjetividade nas relações com esses espaços mostra que a religião, quando não é vivida de forma pessoal e respeitosa, pode falhar em fornecer um sentido de identidade e pertencimento, tornando-se apenas uma estrutura física ou institucional que não ressoa com as experiências e necessidades dos indivíduos.

Por fim o problema lógico do mal e experiências pessoais de sofrimento podem gerar uma crise de fé e desconexão com a imagem tradicional de um Deus benevolente. A tensão entre a promessa de um Deus amoroso e a realidade do sofrimento humano, como observado por Maria e Bell, reflete o dilema filosófico de Epicuro, questionando a presença e a ação divina diante das adversidades. O impacto emocional de traumas pessoais, como o *bullying* e a perda, pode intensificar essa crise, levando a uma reavaliação da crença em um ser superior que se supõe protetor e cuidador. Esses testemunhos ressaltam a complexidade de manter a fé em um contexto de sofrimento e injustiça, e sugerem que a compreensão da divindade pode ser profundamente influenciada pelas experiências individuais e pelos desafios vividos.

A partir dos elementos expostos, reconheço a complexidade dos processos pessoais na construção das identidades e, como se torno difícil a tarefa de dizer o que de fato contribui para que alguém se afirme como sem-religião. Os dilemas enfrentados por esses jovens revelam as angústias de enfrentar realidades que as religiões não dão conta de responder e, quando respondem, não são acessíveis para eles, e se são acessíveis não são compreensíveis.

3 IDENTIDADE RELIGIOSA E OS SEM-RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

A modernidade é marcada por processos de mudanças em vários setores da sociedade, assim como o seu impacto nas instituições sociais. Diante das transformações pelas quais o mundo passa, percebe-se que elas não se dão de modo linear ou mesmo em um processo de previsibilidade como propunham os defensores do evolucionismo cultural³⁹. Por isso, frente às características sociais percebidas, se tomará como conceitos de ruptura teórico-temporal a pré-modernidade e a modernidade. Os conceitos consequentes a esse período, como pós-modernidade, são compreendidos como uma fase e não como uma superação. Isso se deve ao fato de que os processos socioculturais se dão de modo diferente em várias partes do globo. Na América Latina, por exemplo, que é o local que contempla as discussões apresentadas, “as tradições ainda não se foram e a modernidade não terminou de chegar...” (Canclini, 2006, p. 17). Frente a esse cenário, Néstor García Canclini mostra que essa realidade apresentada pela modernidade, não afeta apenas nações, etnias e classes, mas “também dos cruzamentos socioculturais em que o tradicional e o moderno se misturam” (Canclini, 2006, p. 18).

Na América Latina, por exemplo, devido aos processos colonizadores pelos quais os países passaram, que envolveram vários povos, possibilitou que os cruzamentos socioculturais influenciassem no modo como se iria construir várias identidades culturais nessas regiões, de modo que é possível perceber esse movimento na música, na literatura, na arte e na religião. Essas misturas culturais influenciam a maneira como as pessoas se percebem em relação à sua identidade cultural. Por exemplo, muitas pessoas se identificam como mestiças, ou seja, como uma mistura de diferentes raças e culturas. Essa mistura de tradições pode ser vista como uma forma de resistência cultural, quando se mistura os elementos nativos com os novos que foram impostos, o que, por consequência pode contribuir para uma maior diversidade cultural na região. Isso pode ser importante para entender como a cultura é afetada pelos processos socioculturais e como a mistura de tradições pode ser vista como uma forma de enriquecimento cultural.

³⁹ Corrente teórica surgida no século XIX que busca explicar a evolução das culturas humanas, sugerindo que as sociedades progridem de estágios simples para complexos ao longo do tempo. Essa abordagem enfatiza uma linha de desenvolvimento unilinear, em que culturas são classificadas de "primitivas" a "civilizadas", baseando-se na ideia de progresso cultural influenciada pelas teorias evolucionistas de Charles Darwin. Entre seus principais representantes na antropologia estão Lewis Henry Morgan (1818-1881), Edward Burnett Tylor (1832-1917) e James George Frazer (1854-1941) (Castro, 2009).

Canclini (2006) ao apontar sobre o que significar ser moderno, afirma que há quatro movimentos básicos que se constituem como projetos da modernidade: o projeto emancipador, que se caracteriza pela secularização, a racionalização e o individualismo; o projeto expansionista, que se caracteriza pelo cientificismo, produção e consumo e pela expansão do capitalismo; o projeto renovador, que se caracteriza pela busca do desenvolvimento e da inovação e pela ressignificação do que significa o consumo; e, o projeto democratizador, que se caracteriza na confiança na educação e na difusão das artes como meios para chegar a um avanço racional e moral.

Esses projetos/características da modernidade representam as rupturas com a sociedade pré-moderna. Diante disso, temos como realidades as reflexões sobre o conceito de identidade, sobre o paradigma da secularização e nesse contexto, os sem-religião. As identidades não são pensadas da mesma forma. Porém, as instituições, estabelecem condições para que se dê o reconhecimento de determinadas identidades.

Ter uma *identidade* seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma *entidade* em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos (Canclini, 2006, p. 190).

Partindo de Néstor García Canclini a identidade não é compartilhada por aqueles que não compartilham o mesmo território, os mesmos objetos e símbolos, os mesmos rituais e costumes, de tal modo que essas pessoas passam a ser vistas como os diferentes. Por isso que, no contexto da globalização, onde há grandes processos de migrações, a primeira preocupação é se apropriar do território, ou no caso de comunidades tradicionais, mostrar que eles pertencem a esses territórios. Como consequência, para fixar essa realidade, os ritos são celebrados como forma de garantir uma homogeneidade.

A história de todas as sociedades mostra os ritos como dispositivos para neutralizar a heterogeneidade, reproduzir autoritariamente a ordem e as diferenças sociais. O rito se distingue de outras práticas porque não é discutido, não pode ser mudado nem pela metade. É realizado, e então ratificamos nossa participação em uma ordem, ou é transgredido e ficamos excluídos, de fora da comunidade e da comunhão (Canclini, 2006, p. 192).

Os ritos, sejam eles civis ou religiosos, têm a função de garantir uma ordem social que não pode ser modificada. Logo, transgredir os ritos ou não participar deles, acarretam situações,

como as rupturas institucionais no caso de uma sociedade que se seculariza e de pessoas que não se identificam com uma religião, os sem-religião. Em outro sentido, Canclini também pontua que os rituais “podem ser também movimentos em direção a uma ordem diferente, que a sociedade ainda rejeita ou proscreeve” (Canclini, 2006, p. 45), pois existem rituais que confirmam e dão continuidade a várias realidades sociais, como as festas, os casamentos etc., e aqueles que criam formas de transgressões, de modo que ocorra transformações históricas.

As transformações históricas que ameaçam a ordem natural e social geram oposições, conflitos que podem dissolver uma comunidade. O rito é capaz de operar, então, não como simples reação conservação e autoritária em defesa da antiga ordem [...], mas como movimento através do qual a sociedade controla o risco de mudança (Canclini, 2006, p. 46).

Nessas palavras, Néstor García Canclini cria o pano de fundo para tratar do tema da modernidade a partir da arte. Em relação ao exposto pelo autor, podemos pensar a reconfiguração das identidades que rompem com os modelos pré-estabelecidos e as dificuldades de se compreender identidades que não são fixas, como é o caso dos sem-religião. Se “uma das crises mais severas do moderno se produz por essa restituição do rito sem mitos” (Canclini, 2006, p. 48), torna-se necessário compreender elementos que contribuem para a construção de uma identidade de ser sem-religião, buscando identificar seus “mitos” fundacionais. Além disso, a análise dos rituais como dispositivos para garantir uma ordem social e neutralizar a heterogeneidade, mostra a necessidade de compreendermos os elementos que contribuem para a construção da identidade dos sem-religião. Assim, a partir das reflexões de Canclini, podemos compreender que os rituais não são simplesmente práticas conservadoras, mas também podem ser movimentos em direção a uma ordem diferente, capazes de operar como meio de controle do risco de mudança e de criação de transformações históricas.

3.1 A identidade religiosa

A identidade é um termo que nos remete a várias percepções que as pessoas têm de si mesmas, do seu lugar como indivíduos na sociedade, do seu grupo social em relação à mesma sociedade ou até mesmo sua sociedade em relação às outras. A identidade vem acentuar que os indivíduos e os grupos sociais não são homogêneos e que as sociedades devem ser pensadas a partir de suas diversidades. Outro ponto é entender a identidade no diálogo com a diferença.

Dentro dessa discussão de diversidade e diferença que se busca compreender a identidade de pessoas sem religião, pois isso traz a possibilidade de compreender as transformações no campo religioso.

Problematizar a ideia de diferença é urgente e necessário, na medida em que só conseguimos definir um olhar sobre o eu quando estabelecemos a noção do outro, compreendendo a legitimidade da existência desse outro dentro do processo múltiplo e diverso da significação cultural; como uma das identidades possíveis dentro do universo de possibilidades que compõe a vida em sociedade, sobretudo em uma sociedade global (Gomes; Lopes, 2021, p. 65).

A identidade, enquanto conceito, é um termo novo, de modo que podemos entender a identidade como uma invenção da modernidade, uma vez que na pré-modernidade os sujeitos compartilhavam valores, tais como a referência, a crença e o pertencimento (Hervieu-Léger,. Diante desse conceito, Jorge Botelho Moniz, ao tratar desse verbete no Dicionário de Ciência da Religião, resgata a sua origem etimológica presente desde a Antiguidade, comprovando a partir do seu uso entre matemáticos e filósofos. Passa a ter traços de uma identidade pessoal na Idade Média, mas o autor reconhece que só será ampliada a partir dos séculos XVII e XVIII com os empiristas.

Diversos autores apresentam diferentes abordagens sobre o conceito de identidade. Por exemplo, Jorge Botelho Moniz (2022) destaca quatro dimensões principais: pessoal, narrativa, corporativa e social. Manuel Castells (2000) apresenta três formas de identidade: legitimadora, de resistência e de projeto. Já Stuart Hall (2003) define três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Essas abordagens ajudam a compreender as diferentes formas como a identidade é construída e transformada ao longo da História. Para o presente trabalho, essas abordagens são chaves de interpretação. Partindo de Moniz (2002) o uso se dará na relação entre a identidade pessoal e a social; com Castells (2000), as três concepções podem estar interligadas, de modo que ajuda a interpretar falas sobre a construção pessoal e social da identidade. Com Hall (2003) eu situo o lugar do meu objeto na História, problematizando uma possível crise de identidade que vem como consequência do processo pelo qual passa a modernidade. Dentro dessas concepções apresentadas por Hall:

A primeira concepção é o sujeito do Iluminismo, que é entendido como “um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotados das capacidades da razão, de consciência e de ação [...]” (Hall, 2003, p. 10). Esta é uma concepção individualista do sujeito. A segunda concepção é o

sujeito sociológico, que parte da identidade formada a partir da interação entre o sujeito (“eu”) e a sociedade, sendo que “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência que é o ‘eu real’. Mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais ‘exteriores’ e as identidades que esses mundos oferecem” (Hall, 2003, p. 11). A terceira concepção é o sujeito pós-moderno que é o sujeito que não tem “uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma ‘celebração móvel’: formada e transformada em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (Hall, 2003, p. 12-13). É em relação à essa complexidade que se assume que os indivíduos são formados por uma gama de identidades, pois segundo Stuart Hall (2003) “somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha” (Hall, 2003, p. 75).

Frente a essa característica, falar de identidade é reconhecer o plural de possibilidades de pertencimentos, isto é, as identidades. Nesse sentido, Néstor García Canclini, diz que uma pessoa “é capaz de integrar-se sincrônica e diacronicamente a vários sistemas de práticas simbólicas: rurais e urbanas, suburbanas e industriais, microsociais e dos *mass media*⁴⁰” (Canclini, 2006, p. 220). Assim, os indivíduos carregam as suas identidades pessoais, identidades nacionais (apesar da fragilidade que o termo apresenta⁴¹), identidades culturais e, para o presente contexto da discussão, as identidades religiosas. É importante, então, reconhecer a complexidade das identidades e a pluralidade de possibilidades de pertencimentos.

Uma identidade sem religião é definida por aquilo que não é, ou seja, ela não se enquadra nas categorias tradicionais de católico, evangélico, muçulmano, budista, entre outras. No entanto, essa identidade não deve ser entendida de forma essencialista, ou seja, não deve ser vista como algo fixo e imutável ao longo do tempo. A identidade é relacional e se constrói a partir da comparação com outras identidades. A identidade é relacional, pois é marcada pela diferença. Esse marcador de comparar a identidade em relação às diferenças é uma perspectiva essencialista em torno desse objeto, porém, apesar de situar uma identidade que não é algo para ser outro, a abordagem que adoto é a não essencialista. Os dois usos, se devem ao próprio uso do conceito que é pensado a partir das identidades que as pessoas não têm, por não terem uma

⁴⁰ O contexto de reflexão do autor está no campo da cultura popular, de modo mais específico, o folclore.

⁴¹ Woodward (2000) afirma que não é possível conhecer até que ponto as identidades nacionais são partilhadas, ou seja, dentro de um território os semelhantes não são tão semelhantes como se imagina.

religião. A abordagem essencialista busca suas explicações na História, por exemplo, quando alguém ou algum grupo busca a explicação para o seu jeito de ser em um passado, como forma de justificar as suas características presentes; e na Biologia, quando se tenta explicar possíveis identidades sexuais, ou seja, quando se atribui às mulheres o papel da maternidade, por exemplo. E, nessa relação, muitas explicações para as identidades étnicas e culturais têm caráter essencialista.

A abordagem essencialista, que busca explicar as identidades a partir de características intrínsecas e imutáveis, não é a única forma de entender as identidades sem religião. Ao adotar uma perspectiva não essencialista, é possível reconhecer que as identidades são dinâmicas e podem ser influenciadas por diversos fatores, como a cultura, as ideias de identificação, representação, produção, regulação e consumo. Nesse sentido, reconheço que as identidades têm se transformado ao longo do tempo.

A identidade do ser sem-religião não pode ser definida pela falta, pois esses indivíduos, segundo a socióloga Sílvia Regina Alves Fernandes (2006), “não se constituem exclusivamente como arreligiosos; a desinstitucionalização pode ser confirmada como um processo latente entre esses indivíduos, mas não necessariamente contínuo e progressivo ou definitivo” (Fernandes, 2006, p.107). Nesse sentido, Silvia Regina Alves Fernandes aponta que, dentro do grupo dos sem religião, há múltiplas formas de vivenciar essa identidade. Algumas pessoas mantêm crenças e práticas religiosas, mas recusam a vinculação institucional, enquanto outras rejeitam completamente a religião. Isso demonstra que a identidade sem religião não pode ser compreendida como uma ausência total de religiosidade, mas como um campo de possibilidades diversas, no qual a identidade é construída de forma dinâmica.

Ao falar sobre a identidade das pessoas sem religião, vou concentrar no que elas construíram como identidade, em vez de focar no que elas não são. Além disso, quando precisar recorrer à abordagem essencialista, usarei a diferença como uma chave de compreensão, em vez de vê-la como uma oposição. Ao reconhecer a identidade como um processo em transformação, torna-se possível compreender os sem religião para além da oposição religião/irreligião. Em vez de tratá-los como aqueles que simplesmente não têm uma religião, é mais produtivo analisá-los pelo que constroem enquanto identidade própria. Essa abordagem permite superar dicotomias rígidas e compreender as múltiplas maneiras pelas quais os sem religião se situam no campo das crenças e das espiritualidades contemporâneas.

3.2 Os sem-religião

Primeiramente é preciso saber que os sem-religião se referem a pessoas que podem não ter uma crença religiosa, como ateus e agnósticos e, também a pessoas que tem uma crença, mas que não tem um vínculo religioso institucional, isto é, que não professam uma religião para si, apesar de carregar crenças religiosas pessoais. Posto isto, também se torna necessário compreender que os sem-religião não são uma novidade contemporânea, mas que estão presentes há muito tempo na sociedade. A novidade, portanto, é a representação percentual que tem crescido a cada década quando se observam os censos demográficos, sendo que no Brasil os primeiros registros constam a partir de 1890.

Quadro 2: Percentuais e valores absolutos dos sem-religião (de 1890 a 2010) no Brasil

Ano	1890	1940	1950	1960	1970	1980	1991	2001	2010
%	0,05	0,45	0,79	0,54	0,75	1,86	5,13	7,59	8,04
Valores absolutos	7.257	189.304	412.042	388.126	715.056	2.252.782	7.542.246	12.876.356	15.335.510

Fonte: Vieira, 2018 (adaptado pelo autor).

Procurar identificar os primeiros sinais de pessoas sem religião é uma tarefa complexa, pois é possível encontrar essas pessoas em várias partes do mundo em vários períodos históricos. Isso se evidencia, principalmente por escritos filosóficos que questionaram a realidade metafísica ou os poderes religiosos institucionais. Como a presente discussão parte da modernidade, as pessoas sem religião serão identificadas a partir desse contexto que teve início com a Idade Moderna.

A Idade Moderna, apesar de se apresentar como o momento em que a racionalidade e a ciência iriam ocupar todas as instâncias da sociedade, também foi marcada por fortes expressões de intolerâncias religiosas e, por consequência, perseguições com justificativas religiosas. A partir do século 15, várias sociedades multirreligiosas, como Portugal e Espanha, adotaram medidas de exclusão religiosa, como a perseguição aos cristãos, judeus e muçulmanos que ali viviam. Nesse contexto de perseguição, a Inquisição foi um movimento político-religioso que fez parte do cotidiano das pessoas no mundo ocidental, o qual não permitia que as pessoas expressassem suas crenças ou não crenças livremente. É difícil determinar quantos ateus haviam nesse contexto de perseguição religiosa.

O termo *ateu* foi criado no século XVI. Tinha um sentido mais amplo que o atual, incluindo não só os que não acreditavam em Deus mas qualquer pessoa que considerasse supérflua a questão da existência de Deus e que, assim, podia duvidar do céu e do inferno ou da imortalidade da alma. Mas é difícil avaliar a existência da descrença, pois ela era severamente punida em inúmeras sociedades, o que levou muitas pessoas a simular a crença (Schwartz, 2009, p. 121).

Porém, o historiador Stuart B. Schwartz afirma que mesmo nesse cenário foi possível encontrar atitudes de tolerância religiosa, pois era recorrente o pensamento de que cada um poderia se salvar na sua lei⁴². E também a possibilidade de terem uma crença desvinculada das instituições religiosas. Para Stuart B. Schwartz a “religião significava muito nessa sociedade, mas talvez não tudo e certamente não para todos” (Schwartz, 2009, p.113) e isso vai sendo esclarecido pelos relatos que o autor traz para mostrar que as posturas de indiferença religiosa devem “servir de alerta contra as tendências de se enxergar o mundo no início da modernidade apenas em termos de religião e salvação” (Schwartz, 2009, p.113).

Em relação ao Brasil, onde se encontra a presença de sem-religião desde 1890, teve um cenário que contribuiu para essa possibilidade de declaração. Pois, a realidade compartilhada pelas “Índias, com suas populações mistas, grandes distâncias, a presença de crenças alegadamente supersticiosas dos africanos e indígenas e uma estrutura relativamente frouxa de controle inquisitorial, ofereciam imensas oportunidades de liberdade de expressão [...] e de pensamento” (Schwartz, 2009, p. 198). Logo, um território com menos controle institucional e com a presença de uma diversidade cultural, contribuiu para que surgissem pessoas com um outro olhar para a identificação religiosa pessoal.

A coexistência da crença e da descrença religiosa entre pessoas com as mesmas origens sociais e com as mesmas visões culturais indica a potencial independência de espírito e pensamento que sempre era possível aos indivíduos, mesmo que eles não compreendessem claramente as implicações de suas crenças (Schwartz, 2009, p. 258).

Logo, se percebe que os sujeitos modernos não estavam vinculados pelas mesmas mentalidades, mas que viviam em um contexto que abarcava várias ideias difusas, entre as quais se expressavam a tolerância e o relativismo religioso.

⁴² “As origens dessas ideias continuam obscuras. Muitos pareciam acreditar na validade de todas as religiões como uma questão de bom senso. Outros aprenderam sobre isso por meio dos livros” (Schwartz, 2009, p. 212).

Essas expressões brotavam de uma abertura mental a outros meios de influir no sobrenatural, por vezes se baseavam num puro e simples materialismo e por vezes nasciam do solo de um cristianismo universalista abrangente que enfatizava a caridade e a paz. E por vezes resultava da descrença e da dúvida em relação a toda e qualquer religião (Schwartz, 2009, p. 262).

Com a ascensão da modernidade, inspirada nos ideais do Iluminismo, principalmente durante o século XVIII (como visto na Revolução Francesa em 1789), a religião institucional não foi capaz de garantir uma unidade de pensamento. De acordo com os relatos de Schwartz em seu trabalho sobre o tolerantismo no Atlântico Ibérico, a população mais simples mostrava a “possibilidade de uma pessoa selecionar diversos elementos entre os vários credos, ou de existir uma prática privada diferente da profissão de fé pública” (Schwartz, 2009, p.348). Esse foi um momento em que a atuação da Inquisição começou a ficar enfraquecida, uma vez que sua abordagem exigia um conhecimento teológico que somente os teólogos e doutores detinham, enquanto que para os demais, "as linhas entre as religiões nem sempre eram tão claramente definidas" (Schwartz, 2009, p. 348).

Embora houvesse sinais de tolerantismo na Europa, Stuart B. Schwartz afirma que não se pode ignorar a quantidade significativa de casos de intolerância que levaram muitas pessoas a serem perseguidas, seja pelos parâmetros burocráticos do Estado, com a Inquisição, ou pela desconfiança que as pessoas tinham, o que contribuiu para o ostracismo. É importante lembrar que o tolerantismo nem sempre era a norma e que havia uma variedade de atitudes em relação à religião, incluindo tanto a tolerância quanto a intolerância.

Embora o mundo ibérico possa representar um caso especial, com sua história plurirreligiosa, suas minorias étnicas e sua experiência de construir um império em terras distantes e em continentes até então desconhecidos, [...] têm se multiplicado os indícios de que a atitude de tolerância popular em matéria de religião era um fenômeno religioso em grande parte da Europa (Schwartz, 2009, p. 365).

Após a análise do percurso histórico, pode-se concluir que o período da modernidade trouxe consigo mudanças significativas na relação entre as pessoas e a religião. Embora a religião institucional tenha perdido espaço como a principal responsável por guiar as crenças das pessoas, a tolerância religiosa popular se tornou cada vez mais comum em grande parte da Europa e da América Ibérica. Essa tolerância não era uma postura filosófica, mas sim um “resultado de considerações práticas no nível local” (Schwartz, 2009, p. 368), em outras

palavras, um senso prático de manter a convivialidade e garantir a estabilidade social, e muitas vezes surgia da capacidade das pessoas em selecionar diferentes elementos entre vários credos.

No entanto, não podemos ignorar que houve casos significativos de intolerância religiosa, que levaram à perseguição de várias pessoas. O contexto plurirreligioso e multicultural do mundo ibérico, com suas minorias étnicas e a experiência de construir um império em terras distantes e desconhecidas, representou um caso especial, mas indícios sugerem que a atitude de tolerância popular em matéria de religião era um fenômeno religioso em grande parte do contexto ibérico.

A modernidade também traz outra questão para ser pensada quando se trata da religião, que é a secularização. Segundo a socióloga Mirila Greicy Bittencourt Cunha e o sociólogo Wallace da Silva Mello (2021), ao discutirem o conceito de secularização, dizem que envolve o processo de separação gradual entre religião e vida pública nas sociedades modernas. Desde a Antiguidade, líderes religiosos e valores sagrados influenciaram fortemente as decisões sociais e políticas. No entanto, com a Modernidade, especialmente na Europa Ocidental, a religião perdeu esse papel central para normas e diretrizes do Estado, que passaram a se basear mais em burocracia e racionalidade.

O termo "secularização" surgiu no século XVI na Alemanha, com o objetivo de criar uma sociedade onde tanto questões religiosas quanto metafísicas tivessem liberdade, sem hierarquia. Cunha e Mello (2021) apontam que teóricos como Comte e Marx viam a secularização como um caminho para uma sociedade "sem religião," orientada pela ciência e pela razão, substituindo a religião como "farol" para a humanidade.

Eles distinguem religião (um sistema institucional de crenças e ritos), religiosidade (atividade religiosa pessoal) e espiritualidade (busca individual de sentido e conexão). Destaca-se que a secularização não elimina a religiosidade ou espiritualidade, mas altera a forma como a sociedade lida com o sagrado. Assim, sociedades podem se tornar menos religiosas no nível institucional sem perder a religiosidade ou espiritualidade de seus membros.

Dentro desse conceito, o sociólogo Peter Berger apresenta duas abordagens, a primeira de 1967 que se tornou mais conhecida e a de 1999 que foi uma revisão à essas ideias.

Diante da primeira situação, Peter Berger, em *O Dossel Sagrado* (1985), popularizou a ideia que a secularização é um processo em que a religião perde sua relevância na sociedade moderna. Ele relaciona isso com a modernidade, que transforma a maneira como os indivíduos e as sociedades compreendem o sagrado. Berger sugere que, na modernidade, as estruturas

religiosas, que antes moldavam toda a realidade social e ofereciam um "dossel" que conferia significado à vida, começam a se fragmentar. Esse processo é resultado da racionalização e da pluralização, elementos fundamentais da modernidade. As instituições religiosas perdem sua autoridade universal, e a religião se torna uma escolha individual, em vez de um aspecto inquestionável da vida coletiva.

De maneira específica, Berger considera que as transformações sociais, como o avanço científico, a urbanização e o surgimento de sociedades pluralistas, contribuem para a secularização. A religião deixa de ser um consenso cultural e enfrenta a concorrência de outras visões de mundo, o que relativiza suas verdades. Porém, o autor anos mais tarde, em *A Dessecularização do Mundo: Uma Visão Global* (2000), revisa sua teoria da secularização, reconhecendo que ela não ocorreu de maneira tão abrangente como ele e outros sociólogos previam⁴³. Ele admite que o mundo moderno não se tornou tão secular quanto se esperava, e que o fenômeno da secularização foi mais limitado do que sua teoria anterior sugeria.

Nesse trabalho, Berger introduz o conceito de "dessecularização", observando que, em muitas partes do mundo, as religiões continuam a desempenhar um papel significativo na vida pública e privada. Ele ressalta que a modernidade não necessariamente leva à secularização, mas muitas vezes estimula o renascimento religioso, especialmente em contextos em que a religião se reinventa e se adapta às condições contemporâneas. Por exemplo, ele aponta o crescimento do pentecostalismo na América Latina e do Islã na Ásia como casos que contradizem a narrativa de uma secularização global.

Essa visão sobre secularização também pode ser encontrada fora do sul global, quando o sociólogo estadunidense Philip S. Gorski (2000) defende que a secularização não deve ser vista como um declínio linear da religião, mas sim como uma transformação complexa envolvendo a religião, o Estado e a sociedade. O autor examina a relação entre a Igreja, o Estado e a sociedade durante o final da Idade Média e o início da era moderna, de aproximadamente 1300 a 1700. Gorski desafia a visão tradicional de secularização como um processo linear de declínio da religião e argumenta que houve uma complexa interação entre o poder religioso e o político, influenciando mutuamente a transformação da sociedade europeia. Ele analisa como as mudanças sociais e políticas contribuíram para a configuração das relações entre a religião e o Estado ao longo deste período.

⁴³ Por exemplo: Max Weber (1864–1920), Bryan Wilson (1926–2004), Steve Bruce (1954), Thomas Luckmann (1927–2016)

Portanto, a teoria da secularização tem sua relevância, devendo ser vista como um fenômeno dinâmico que continua a impactar as relações sociais e políticas, porém, através de uma abordagem mais histórica e menos linear para entender o seu impacto nas sociedades.

Por um lado, vemos a secularização como um afastamento da religião em esferas como a política e a economia. A medicina moderna, o sistema jurídico e a educação são exemplos de áreas nas quais o conhecimento científico e as normas racionais substituíram explicações e práticas religiosas. Isso reflete o processo de "desencantamento" de que Weber fala: o abandono de explicações mágicas ou sagradas em favor de compreensões técnicas e científicas (Mello; Cunha 2021).

Por outro lado, a religião continua presente na vida das pessoas, ainda que sob novas formas e em convivência com outras cosmovisões. As sociedades modernas, segundo Peter Berger e Charles Taylor, são marcadas pelo pluralismo, onde diferentes crenças coexistem e dialogam (Mello; Cunha 2021). As práticas religiosas tornam-se, assim, uma escolha individual em um mundo que oferece múltiplas perspectivas de entendimento e expressão espiritual. Essa convivência de crenças é mais evidente em práticas como a meditação, que se expande no Ocidente como um meio de conexão espiritual, ou na popularização de rituais de diferentes tradições.

Apesar das previsões de que a religião desapareceria, ela se adapta e renova. Vemos que a espiritualidade encontra formas de coexistir com a modernidade, não apenas como uma escolha individual, mas como um elemento que permeia as práticas culturais, as relações sociais e até mesmo a política. Por isso, a secularização é melhor compreendida não como o fim da religião, mas como uma reconfiguração de sua presença e papel na sociedade.

Portanto, a análise do processo de secularização mostra que, embora a religião tenha perdido o monopólio sobre as explicações do mundo, ela continua a influenciar valores, práticas e até normas culturais, revelando a complexidade das sociedades contemporâneas e a diversidade das experiências humanas com o sagrado.

No contexto do Brasil, é possível falar dos sem-religião sem falar da secularização. Enquanto a secularização se refere ao processo pelo qual a influência da religião diminui na sociedade, os sem-religião são pessoas que não se identificam com nenhuma religião ou afiliação religiosa. Embora a secularização possa ser uma das razões pelas quais o número de pessoas sem religião está aumentando em algumas sociedades, existem outras razões pelas quais alguém pode se identificar como sem-religião.

Na América Latina, mesmo que os países apresentem um significativo aumento de pessoas sem religião, ainda há a presença de pessoas com vínculos religiosos institucionais. Assim como o contrário. De modo que a secularização não é um elemento-chave para compreender a identidade de pessoas sem religião.

A categoria sem-religião surgiu da necessidade que o IBGE teve para lidar com os dados religiosos no Censo. A categoria sem-religião no Censo foi moldada para capturar a diversidade de experiências religiosas ou espirituais, mas também recebeu críticas por suas limitações em representar complexidades como crenças esotéricas ou práticas pessoais desvinculadas de instituições formais. Porém, diante da necessidade de uma categoria, Carla Mafrá (2013) contribuiu para o estudo da categoria "sem-religião" no contexto do IBGE, abordando como essa classificação é construída e entendida no Brasil. Em sua análise, ela destacou diferentes nuances dentro dessa categoria, que não se resume apenas à ausência de crença. Mafrá propôs subdivisões, como: "sem religião - ateu", que rejeita crenças transcendentais; "sem religião - agnóstico", que considera impossível obter conhecimento sobre o divino; e "sem religião - sem religião", que inclui pessoas com crenças espirituais, mas sem filiação religiosa institucional nem práticas regulares de culto.

Como há uma dificuldade de compreender quem são os sem-religião a partir dos dados oficiais do IBGE obtidos através do censo demográfico, pesquisadoras e pesquisadores buscam compreender esse grupo. O conceito abrange diferentes experiências e trajetórias, que podem ser melhor compreendidas a partir das tipologias identificadas por Silvia Regina Alves Fernandes (2006). Em sua pesquisa⁴⁴, a autora demonstra que ser sem religião não implica necessariamente uma ausência total de crença ou espiritualidade, mas sim uma reconfiguração das relações individuais com o campo religioso.

Entre os tipos identificados, há os sem religião de religiosidade própria, que rejeitam a vinculação institucional, mas mantêm práticas espirituais diversas. Esses indivíduos podem frequentar cultos esporadicamente, realizar rituais pessoais ou adotar crenças híbridas, combinando elementos de diferentes tradições. Essa postura indica um afastamento da estrutura formal das religiões sem necessariamente romper com a dimensão simbólica da religiosidade.

Outro grupo relevante é o dos sem religião desvinculados e descrentes, que perderam a fé nas instituições religiosas, mas não necessariamente em Deus ou no transcendente. Eles

⁴⁴ Pesquisa encomendada pela CNBB para o CERIS em 2003 com o intuito de compreender o trânsito religioso no Brasil a partir do trânsito religioso, a partir do impacto percebido no censo do ano 2000.

podem ter passado por diversas tradições antes de decidir não aderir a nenhuma delas. Diferente desse perfil, há os sem religião críticos das religiões, que possuem uma visão negativa das instituições religiosas, frequentemente influenciada por uma perspectiva racionalista ou mesmo marxista, que enxerga a religião como uma forma de alienação social.

Há ainda os sem religião ateus, que representam uma minoria dentro desse grupo e cuja identidade se constrói a partir da negação da existência de Deus ou do sobrenatural. Em contraponto, existem os sem religião tradicionalizados, que mantêm crenças religiosas, mas não frequentam templos por falta de tempo ou por outras circunstâncias, sem necessariamente rejeitarem a identidade religiosa que tiveram no passado.

A organização dessas tipologias evidencia que os sem religião não são um grupo homogêneo. A identidade sem religião pode ser transitória ou definitiva, espiritualizada ou cética, crítica ou indiferente. Essa diversidade reforça a necessidade de uma abordagem que vá além da ideia de "ausência de religião", reconhecendo as múltiplas formas pelas quais esses indivíduos se situam no campo religioso e cultural contemporâneo.

Por isso, as pesquisas não se restringiram aos estudos iniciais realizados a partir dos anos 2000. Embora a bibliografia⁴⁵ sobre o tema ainda seja mais limitada em comparação com outras áreas do fenômeno religioso, ela apresenta abordagens ricas e diversas, que contribuem para uma compreensão mais aprofundada desse campo. As pesquisas mostram que esse fenômeno não pode ser entendido apenas como um sinal de secularização ou descrença total. A maior parte dos indivíduos sem religião mantém algum tipo de crença ou espiritualidade, mas rejeita a vinculação institucional. Esse afastamento das religiões organizadas pode ocorrer por diversos fatores, como desafeição religiosa, experiências negativas com instituições, crítica ao papel das lideranças religiosas ou uma visão mais individualizada da fé.

Um dos principais grupos de estudo sobre o tema está localizado na PUC Minas, no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião. O Grupo de Pesquisa Religião e Cultura tem se dedicado a mapear as trajetórias das pessoas sem religião, identificando processos como desafeição religiosa, desinstitucionalização e individualização da crença.

Os pesquisadores da PUC Minas têm se concentrado em diferentes perfis dentro do grupo dos sem religião, explorando desde jovens, como no contexto dessa pesquisa, até pessoas mais velhas inseridas em vários contextos sociais. A equipe também investiga como a

⁴⁵ Em anexo se encontra um quadro com estado da arte de teses e dissertações sobre o tema.

secularização e as transformações culturais impactam a vivência da espiritualidade fora das tradições religiosas formais. Portanto, o grupo tem produzido uma base de dados robusta a partir de pesquisas de mestrado e doutorado⁴⁶, contribuindo para um entendimento mais aprofundado do fenômeno no Brasil, dialogando com as pesquisas produzidas em outros lugares do mundo.

Os estudos conduzidos pela PUC Minas demonstram que a identidade dos sem religião não se limita à ausência de fé, mas envolve múltiplas formas de relação com o sagrado, com ou sem institucionalização, refletindo mudanças significativas no campo religioso contemporâneo. Desse modo, dentro do contexto dessas pesquisas, as abordagens recentes sobre os "sem-religião" destacam-se por sua diversidade e por refletirem o fenômeno da secularização, levando a três processos principais: desafeição, desinstitucionalização e individualização da crença⁴⁷.

A desafeição religiosa refere-se ao fenômeno em que os indivíduos passam a se distanciar emocional ou culturalmente das religiões organizadas. Isso não implica necessariamente a adoção do ateísmo ou a rejeição da espiritualidade, mas sim uma perda de envolvimento ou apego com tradições religiosas específicas, sejam elas comunitárias ou doutrinárias. Sociologicamente, a desafeição pode ser atribuída a processos de secularização e à percepção de que as instituições religiosas não respondem mais às necessidades espirituais ou sociais das pessoas, especialmente em contextos em que elas se veem descoladas de questões contemporâneas, como direitos humanos e justiça social.

A desinstitucionalização é o processo pelo qual a religião, enquanto fenômeno social, se afasta das estruturas formais e hierárquicas das instituições religiosas tradicionais. Significa que a fé e a prática religiosa deixam de estar rigidamente vinculadas a igrejas, templos ou qualquer organização institucional, resultando em uma vivência da espiritualidade que ocorre em espaços mais fluidos e privados. Esse processo é impulsionado pela globalização, pelo acesso a informações diversificadas e pela ênfase na autonomia individual. As pessoas buscam experiências religiosas ou espirituais mais personalizadas, que não dependem de autoridade institucional.

⁴⁶ O Apêndice B mostra as pesquisas de mestrado e doutorado sobre o tema, onde se destacam as pesquisas realizadas na PUC Minas, sob orientação do professor Flávio Senra.

⁴⁷ Dentro do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura da PUC Minas, destacam-se as pesquisas de Victor Breno Farias Barrozo (2014), Sandson Almeida Rotterdam, José Álvaro Campos Vieira (2014; 2020), Beatriz de Oliveira Pinheiro (2022), Claudia Danielle de Andrade Ritz (2023), Flávio Lages Rodrigues (2023). Essas aprofundaram os estudos sobre os sem-religião no Brasil, de modo que esse trabalho pretende somar à discussão.

A individualização da crença refere-se à tendência de as pessoas construírem suas identidades religiosas ou espirituais com base em escolhas pessoais, ao invés de seguirem as prescrições de uma tradição religiosa estabelecida. Esse fenômeno é caracterizado por um ecletismo espiritual, onde indivíduos podem combinar crenças, práticas e valores de diversas tradições, criando uma espiritualidade sob medida. Isso se relaciona com a ênfase moderna na autonomia individual e na busca por significado que ressoe com a experiência pessoal, em contraste com um pertencimento a um sistema doutrinário fixo.

Essas pessoas, apesar de não se filiarem a instituições religiosas, frequentemente mantêm algum tipo de espiritualidade, agora tratada como "espiritualidade sem religião" — uma vivência pessoal de fé sem vinculação a doutrinas ou cultos formais. As pesquisas recentes também apontam variações entre os grupos, considerando gênero, orientação sexual e contexto social, o que ilustra a complexidade e multiplicidade desse fenômeno.

3.3 Considerações finais

A fim de enriquecer as considerações sobre identidade religiosa sem religião, proponho aqui uma interpretação teórica que abordam tanto o perfil sociorreligioso dos estudantes quanto os processos de construção de identidades não religiosas. Essas análises iniciais fornecem elementos valiosos para a compreensão do conceito de "identidade" entre os "sem-religião", adaptando-o ao cenário de constante transformação cultural da modernidade.

Ao traçar o perfil religioso dos estudantes, observa-se uma pluralidade de crenças, bem como a complexidade nas afiliações religiosas, com muitos jovens em trânsito entre diferentes tradições ou identificados com múltiplas pertenças. Esse fenômeno reflete as influências do ambiente urbano e multicultural em que esses estudantes vivem, reforçando a ideia de que a identidade religiosa não é fixa, mas sim construída socialmente por meio de interações diversas, como sugere o sociólogo José Márcio Barros (2001). Sua perspectiva sobre a identidade, que não é fixa ou unitária, mas oscilante entre referências locais e globais, destaca a "negociação e comunicação" contínuas nas interações, gerando identidades plurais e dinâmicas. A partir disso, a identidade dos "sem-religião" pode ser entendida como um resultado direto dessa multiplicidade de influências que desafiam as definições religiosas tradicionais.

Ao discutir a construção de uma identidade não religiosa, são exploradas as dinâmicas que levam os jovens a se declararem "sem-religião". Conceitos como "juventudes" e

"interseccionalidade", abordados por autores como Andreia dos Santos (2021) e Juarez Dayrell (2003), indicam que esses jovens carregam identidades múltiplas e sobrepostas, moldadas por fatores culturais, econômicos e familiares. A juventude não é homogênea, e as diferentes classes sociais, contextos familiares e experiências de vida resultam em vivências distintas dentro de uma mesma fase etária. Como apontado por Juarez Dayrell, é preciso falar em "juventudes", reconhecendo a diversidade de experiências que caracteriza a fase juvenil e que faz parte da construção identitária dos "sem-religião".

Nesse sentido, o conceito de "não-lugar", de Marc Augé (2012), se torna uma ferramenta interpretativa para entender o contexto onde os jovens sem religião constroem suas identidades. Em ambientes urbanos, como escolas e espaços públicos, caracterizados por intensa mobilidade e ausência de vínculos permanentes, esses "não-lugares" criam cenários propícios para o encontro e o trânsito de ideias e crenças. Esse ambiente possibilita aos jovens desenvolverem identidades religiosas ou não religiosas a partir de interações temporárias, transitórias e intercambiáveis. Assim, o espaço urbano, em que interagem diversas influências culturais, contribui para a formação de identidades fluidas e autônomas, que podem romper com tradições religiosas estabelecidas.

Essa abordagem permite que a identidade dos sem-religião seja interpretada não como uma ausência de fé ou um vazio, mas como uma construção que integra e reflete a modernidade, caracterizada pela diversidade e pelo rompimento com modelos fixos de religião. Em um contexto onde o processo de secularização e a pluralidade cultural coexistem, os sem-religião emergem como uma expressão de autonomia e busca de uma identidade própria dentro de uma realidade contemporânea plural. Tal perspectiva sublinha que a construção da identidade não religiosa é ativa e contextualizada, situando-se em um cenário de constante negociação cultural e social, onde os jovens assumem múltiplas facetas, transitam entre diferentes espaços e constroem significados para além das instituições religiosas tradicionais.

CONCLUSÃO

A presente pesquisa procurou compreender o fenômeno do crescimento do número de jovens que se identificam como sem-religião e a complexidade desse processo. Realizada em um contexto de pluralidade religiosa e intensa transformação social, a pesquisa revelou como a juventude, em especial os estudantes da Escola Estadual Amélia Santana Barbosa, constrói suas identidades em um ambiente marcado por influências diversas e pela constante negociação de significados. A investigação permitiu analisar não apenas as afiliações religiosas ou a ausência delas, mas também os processos sociais e culturais subjacentes que contribuem para a formação dessas identidades.

A relevância deste estudo é evidente ao considerar que o fenômeno dos sem-religião no Brasil tem crescido significativamente, de acordo com dados do IBGE. No entanto, a análise mostrou que ser sem-religião não se resume a uma simples negação da religiosidade ou uma rejeição da espiritualidade. Pelo contrário, muitos jovens que se identificam como sem-religião mantêm crenças espirituais, mesmo que não estejam vinculadas a uma instituição religiosa específica. Isso sugere que a identidade religiosa está cada vez mais desvinculada da pertença institucional e mais conectada às experiências individuais e subjetivas de espiritualidade. A abordagem quantitativa e qualitativa permitiu capturar essas nuances, oferecendo uma perspectiva abrangente e rica sobre o tema.

A construção da identidade não religiosa entre os jovens é marcada por processos de socialização que começam na família e se estendem para outros ambientes, como a escola e as redes sociais. A família é frequentemente o primeiro espaço onde as crenças religiosas são apresentadas e ensinadas, mas o ambiente escolar se destaca como um local onde essas crenças são questionadas, reafirmadas ou abandonadas. A pesquisa mostrou que muitos jovens, ao atingirem a adolescência, começam a desenvolver uma postura mais crítica em relação à religião de seus pais e familiares, impulsionados por novas informações, debates e experiências que encontram na escola e na sociedade em geral.

Outro ponto importante abordado é o trânsito religioso, ou seja, a experiência de mudar de uma tradição religiosa para outra ou, em alguns casos, abandonar completamente a religião organizada. Este fenômeno reflete a fluidez e a diversidade da experiência religiosa na contemporaneidade. Entre os jovens entrevistados, foi possível observar um padrão de trânsito religioso que, muitas vezes, estava associado a momentos de crise ou a um desejo de maior

autonomia e liberdade na escolha de crenças e práticas. Em muitos casos, o afastamento da religião institucional não representa um afastamento completo da espiritualidade, mas sim uma busca por formas de espiritualidade que sejam mais autênticas e pessoais.

O ambiente escolar, como um microcosmo da sociedade, desempenha um papel crucial na formação dessas identidades. A escola oferece um espaço de socialização onde os jovens podem compartilhar e confrontar suas experiências religiosas e não religiosas, promovendo a reflexão e o debate. A pesquisa revelou que a diversidade religiosa na escola contribui para a construção de identidades mais abertas e flexíveis, ao mesmo tempo em que desafia os jovens a lidar com a diferença e a alteridade. No entanto, também ficou claro que a escola precisa estar preparada para lidar com essa diversidade de forma inclusiva e respeitosa, promovendo um ambiente onde todos, independentemente de suas crenças ou ausência delas, se sintam acolhidos e respeitados.

Além da escola, a cidade de Betim também se mostrou um espaço significativo para a construção das identidades juvenis. A pesquisa evidenciou que a identidade de um sujeito é influenciada pelo contexto urbano em que ele vive, e Betim, com sua diversidade cultural e religiosa, fornece um ambiente rico para essa construção. A cidade é um espaço de múltiplas narrativas e influências, o que reforça a ideia de que as identidades são construídas a partir de referências locais e globais, em um processo contínuo de negociação e ressignificação. Isso é particularmente relevante ao considerar que os jovens estão constantemente expostos a novas ideias e valores que desafiam as tradições estabelecidas.

A análise também destacou a importância de compreender as identidades juvenis a partir de uma perspectiva interseccional. Os jovens não são um grupo homogêneo, e suas experiências religiosas ou não religiosas são influenciadas por fatores como gênero, raça, classe social e orientação sexual. Esses marcadores sociais da diferença desempenham um papel importante na forma como os jovens vivenciam e expressam sua identidade religiosa ou espiritual. Por exemplo, jovens de famílias mais conservadoras podem enfrentar maiores desafios ao se afastarem da religião organizada, enquanto aqueles de famílias mais liberais podem ter mais liberdade para explorar diferentes crenças.

Quanto às implicações, em primeiro lugar, ela contribui para o debate acadêmico sobre a religião e a juventude, destacando a importância de estudar as identidades religiosas e não religiosas como fenômenos dinâmicos e em constante transformação. Além disso, o estudo sugere que é necessário repensar as políticas educacionais e os currículos escolares para incluir

discussões sobre a pluralidade religiosa e a indiferença religiosa de forma que promova a tolerância e o respeito pela diversidade. A escola pode e deve ser um espaço onde os jovens possam explorar e desenvolver suas identidades de forma livre e respeitosa, sem medo de discriminação ou preconceito.

A dissertação também abre caminho para futuras pesquisas, especialmente no que diz respeito às novas formas de espiritualidade que emergem entre os jovens. Com o aumento do número de pessoas que se identificam como sem-religião, é fundamental entender como essas pessoas constroem significado e propósito em suas vidas. Além disso, estudos comparativos entre diferentes contextos urbanos e rurais podem fornecer informações sobre como o ambiente influencia a construção da identidade religiosa ou não religiosa. A pesquisa em Betim contribui para um conjunto de análises sobre as mudanças religiosas no Brasil e no mundo.

Por fim, a pesquisa reforça a necessidade de abordar a questão da religião de forma aberta e inclusiva, reconhecendo que as experiências religiosas são tão diversas quanto as próprias pessoas que as vivenciam. A identidade religiosa ou não religiosa não deve ser vista como algo fixo ou estático, mas como um processo em constante transformação, influenciado por fatores internos e externos. Ao reconhecer essa complexidade, podemos promover uma sociedade mais compreensiva e tolerante, onde as pessoas possam viver suas crenças ou ausência delas de forma plena e autêntica.

Em resumo, esta dissertação oferece uma perspectiva da construção da identidade não religiosa entre os jovens de Betim, destacando a importância de uma abordagem sensível às complexidades do fenômeno. O estudo contribui para a compreensão das mudanças no campo religioso contemporâneo e lança luz sobre os desafios e oportunidades que essas mudanças apresentam para a sociedade e para as instituições educacionais. Assim, o trabalho não apenas mapeia as experiências dos jovens sem religião, mas também aponta caminhos para uma maior inclusão e compreensão da diversidade religiosa em um mundo em constante transformação.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.
- ANTONIAZZI, Alberto. Por que o panorama religioso no Brasil mudou tanto?. **Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 3, n. 5, p. 13-39, 2004.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares**: Introdução a uma antropologia da supermordenidade. Campinas: Papirus, 2012.
- BARROS, José Márcio. Cidade e identidade: a avenida do Contorno em Belo Horizonte. In: MEDEIROS, Regina (org.); PAULA, João Antonio de; BARROS, José Márcio; MARQUES, Robson dos Santos. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Autêntica, 2001.
- BARROZO, Victor Breno Farias. Memória, transmissão e emoção: estudo sobre a modernidade religiosa no pensamento de Danièle Hervieu-Léger. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencReligiao_BarrozoVBF_1.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.
- BARTH, Karl. **A Revelação de Deus**. São Paulo: Fonte Editorial, 2020.
- BERGER, Peter L.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BERGER, Peter L. **O dossel sagrado**: elementos para uma teoria sociológica da religião. São Paulo: Paulus, 1985.
- BERGER, Peter. A dessecularização do mundo: uma visão global. **Religião e sociedade**, v. 21, n. 1, p. 9-23, 2000.
- BRANCO, Samantha Castelo. História Oral: reflexões sobre aplicações e implicações. **Novos Rumos Sociológicos**, v. 8, n. 13, p. 8-27, 2020.
- BRISSAC, Sérgio. José Gabriel da Costa: trajetória de um brasileiro, mestre e autor da União do Vegetal. **O uso ritual da ayahuasca**, p. 571-587, 2004.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. São Paulo: EDUSP, 2003.
- CARVALHO, Cristina Sá. A experiência religiosa dos adolescentes. **Theologica**, v. 45, n. 2, p. 411-433, 2010.

CARVALHO, Juliéverson Messias de; PAIVA, Aline Cristina. O que é Instituição Social? In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do Ensino de Sociologia**. Volume 2. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 2). São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTRO, Celso (org.). **Evolucionismo Cultural**: textos de Morgan, Tylor e Frazer. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

CUNHA, Mirila Greicy Bittencourt; MELLO, Wallace da Silva. O que é Secularização? In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Antropologia**. Volume 1. Coleção conceitos e categorias do ensino das Ciências Sociais. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

COSTA, Maria Carolina Meres; FIGUEIREDO, Mariana Cecchetto; CAZENAVE, Silvia de O. Santos. Ayahuasca: uma abordagem toxicológica do uso ritualístico. **Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)**, v. 32, p. 310-318, 2005.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista brasileira de educação**, n. 24, p. 40-52, 2003.

FERNANDES, Silvia Regina Alves. **Mudança de religião no Brasil**: desvendando sentidos e motivações. 1. ed. São Paulo: Palavra e Prece, 2006.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Novas formas de crer**: católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades. CERIS: Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais, 2009.

FERNANDES, Sílvia Regina Alves. **Religiosidades, trânsitos e permanências no século XXI** – particularidades das novas gerações. In: PANASIEWICZ, Roberlei; VITÓRIO, Jaldemir (orgs.). **Espiritualidades e dinâmicas sociais: memórias – perspectivas**. São Paulo: Paulinas, 2014.

GOMES, Marília Passos Apoliano; LOPES, Gleison Maia. O que é Identidade? In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Antropologia**. Volume 1. Coleção conceitos e categorias do ensino das Ciências Sociais. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

GORSKI, Philip S. Historicizing the secularization debate: Church, state, and society in late medieval and early modern Europe, ca. 1300 to 1700. **American sociological review**, v. 65, n. 1, p. 138-167, 2000.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. **O peregrino e o convertido**: a religião em movimento. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.

MAFRA, Carla. Números e Narrativas. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 14, n. 24, p. 13-25, jul./dez. 2013.

MANNHEIM, Karl. **Karl Mannheim**. Coleção Sociologia. São Paulo: Ática, 1982.

MEDEIROS, Regina (org.); PAULA, João Antonio de; BARROS, José Márcio; MARQUES, Robson dos Santos. **Permanências e mudanças em Belo Horizonte**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, Autêntica, 2001.

MONIZ, Jorge Botelho. Identidade. In. USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS, João Décio (org.). **Dicionário de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, Loyola, 2022.

OLIVEIRA, Geraldo Jose de. **Diversidade religiosa: um desafio para a escola pública**. 2017 163 f. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

PASSOS, João Décio; USARSKI, Frank (orgs.). **Compêndio de Ciência da Religião**. São Paulo: Paulinas, Paulus, 2013.

PINHEIRO, Beatriz de Oliveira. Vidas precárias: estudo sobre espiritualidade sem religião vivida por profissionais do sexo em Belo Horizonte. 2022. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

Disponível em:

https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_BeatrizDeOliveiraPinheiro_29695_Textocompleto.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

RIUTORT, Philippe. **Compêndio de Sociologia**. São Paulo: Paulus, 2004.

RITZ, Claudia Danielle de Andrade. Eu sou sem religião com crença: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023a. Disponível

em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_ClaudiaDanielleDeAndradeRitz_30425_Textocompleto.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

RODRIGUES, Flávio Lages. O rock e a espiritualidade não religiosa: estudo sobre os rituais, socialibilidades, e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte. 2023. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023. Disponível em:

https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_FlavioLagesRodrigues_30427_Textocompleto.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

ROTTERDAN, Sandson Almeida. Senso religioso dos sem religião: estudo a partir da noção de cristianismo não religioso de Gianni Vattimo. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencReligiao_RotterdanSA_1.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

SANTOS, Andreia dos. O que é Juventude? In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do Ensino de Sociologia**. Volume 2. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

SANTOS, Jonatha Vasconcelos; NASCIMENTO, Maria Luziara. O que é Identidade Cultural? In: BODART, Cristiano das Neves (org.). **Conceitos e categorias fundamentais do ensino de Antropologia**. Volume 1. Coleção conceitos e categorias do ensino das Ciências Sociais. Maceió: Editora Café com Sociologia, 2021.

SCHWARTZ, Stuart B. **Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico**. São Paulo: Companhia das Letras; Bauru: Edusc, 2009.

SETTON, Maria da Graça. A particularidade do processo de socialização contemporâneo. **Tempo social**. Vol. 17, nº2, nov. 2005.

SINGER, Paul. A juventude como coorte: uma geração em tempos de crise social. In: ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni (orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

TOURAINE, Alain. **Crítica da Modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

VÉRAS, Maura Pardini Bicudo. **Introdução à Sociologia: Marx, Durkheim e Weber**, referências fundamentais. São Paulo: Paulus, 2014.

VIEIRA, José Álvaro Campos. **Os sem-religião: aurora de uma espiritualidade não religiosa**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2018.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Aurora de uma espiritualidade não religiosa: análise dos sem religião a partir da concepção de espiritualidade não religiosa de Marià Corbí. 2014. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CiencReligiao_VieiraJA_1r.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

VIEIRA, José Álvaro Campos. Ensaio de espiritualidade não religiosa: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte. 2020. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020. Disponível em: https://bib.pucminas.br/teses/CienciasDaReligiao_JoseAlvaroCamposVieira_8356.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

ANEXO A

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

N.º Registro CEP: CAAE 66630223.4.0000.5137

Título do Projeto: **Jovens sem religião em Betim: elementos para a construção da identidade não religiosa**

Prezado Sr(a),

A criança/adolescente sob sua responsabilidade está sendo convidado(a) a participar de uma pesquisa que estudará como se dá o processo da construção da identidade não religiosa de jovens, nos anos finais da educação básica, residentes em Betim.

A criança/adolescente foi selecionado(a) porque se encaixa no perfil do público a ser estudado: jovens estudantes nos anos finais da educação básica que residem em betim que se autodeclaram como sem-religião. A participação dele(a) nesse estudo consiste na coleta das informações que irá ocorrer por meio da gravação de áudio das entrevistas com os estudantes identificados como sem-religião. Essas entrevistas irão ocorrer na escola em data e horários previamente combinados, com ciência da direção escolar e dos responsáveis legais dos estudantes. As entrevistas terão como perguntas norteadoras a autoidentificação como sem-religião. Após a entrevistas, as gravações serão transcritas para facilitar na análise dos dados qualitativos.

Os riscos (e/ou desconfortos) decorrentes da participação nesse estudo são a possibilidade do mesmo se sentir exposto ao responder as perguntas. Diante disso, a criança/adolescente sob sua responsabilidade será orientada a não dar continuidade nas entrevistas.

A participação da criança/adolescente é voluntária e, consequentemente, não haverá pagamento por participar desse estudo. Em contrapartida, não haverá nenhum gasto para o(a) participante.

As informações obtidas nesse estudo serão confidenciais, sendo assegurado o sigilo sobre a participação da criança/adolescente em todas as fases da pesquisa, e quando da apresentação dos resultados em publicação científica ou educativa, uma vez que os resultados serão sempre apresentados como retrato de um grupo e não de uma pessoa. Você, como responsável legal, poderá retirar a participação da criança/adolescente a qualquer momento, não havendo nenhum prejuízo pessoal se esta for a sua decisão.

Os resultados dessa pesquisa servirão para compreender as transformações no campo religioso brasileiro, e também como essas transformações têm afetado os comportamentos e as percepções que as juventudes brasileiras têm sobre a religião.

Todo material coletado durante a pesquisa ficará sob a guarda e responsabilidade do pesquisador responsável pelo período de 5 (cinco) anos e, após esse período, será destruído.

Para todos os participantes, em caso de eventuais danos decorrentes da pesquisa, será observada, nos termos da lei, a responsabilidade civil.

Você receberá uma via deste termo onde constam os dados de contato do pesquisador responsável, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sobre a participação da criança/adolescente sob sua responsabilidade, agora ou a qualquer momento.

Pesquisador responsável: Paulo Vinicius Faria Pereira, (31) 995106690, e-mail: paulo.vinicius.teologia@gmail.com.

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa envolvendo Seres Humanos da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, coordenado pela Prof.^a Cristiana Leite Carvalho, que poderá ser contatado em caso de questões éticas, pelo telefone (31) 3319-4517 ou e-mail cep.proppg@pucminas.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa é uma autoridade local e porta de entrada para os projetos de pesquisa que envolvem seres humanos, e tem como objetivo defender os direitos e interesses dos participantes em sua integridade e dignidade, contribuindo também para o desenvolvimento das pesquisas dentro dos padrões éticos.

() Para as pesquisas que envolvem identificação do participante por meio de áudio e/ou vídeo, é necessário adicionar as seguintes opções:**

() autorizo gravação em áudio () não autorizo gravação

O presente termo será assinado em 02 (duas) vias de igual teor.

Belo Horizonte, .

Dou meu consentimento de livre e espontânea vontade para participar deste estudo.

Nome do participante (em letra de forma)

Assinatura do participante ou representante legal

Data

Eu, **Paulo Vinicius Faria Pereira**, comprometo-me a cumprir todas as exigências e responsabilidades a mim conferidas neste termo e agradeço pela sua colaboração e sua confiança.

Assinatura do pesquisador

Data

APÊNDICE A
Questionário sociodemográfico

1. Idade (múltipla escolha):

- ☐ 14 anos
- ☐ 15 anos
- ☐ 16 anos
- ☐ 17 anos
- ☐ 18 anos

2. Gênero (múltipla escolha):

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Não-binário
- ☐ Não declarou.

3. Qual a sua orientação sexual (múltipla escolha)?

- ☐ Assexual.
- ☐ Bissexual.
- ☐ Heterossexual.
- ☐ Homossexual.
- ☐ Prefiro não responder.

4. Em relação à cor da pele, você se considera (questão aberta):

5. Nacionalidade (questão aberta):

6. Naturalidade (questão aberta):

7. Bairro em que reside atualmente (questão aberta):

8. Com quem você mora (Pode marcar mais de uma opção)?

- ☐ Pai
- ☐ Mãe
- ☐ Irmãos/Irmãos
- ☐ Tias/Tios
- ☐ Avó/Avô
- ☐ Amigas/Amigos
- ☐ Sozinha/ Sozinho
- ☐ Outros: _____

9. Quantos irmãos/os você tem no total (múltipla escolha)?

- ☐ Um
- ☐ Dois
- ☐ Três
- ☐ Mais _____

10. Atualmente você (múltipla escolha):

- ☐ Apenas estuda
- ☐ Trabalha e estuda

11. Você exerce alguma atividade remunerada (múltipla escolha)?

- ☐ Sim. Qual? _____.
- ☐ Não

12. No seu trabalho principal, você é (múltipla escolha):

- ☐ Empregado assalariado (exceto empregado doméstico)
- ☐ Empregado doméstico mensalista ou diarista
- ☐ Empregado que ganha por produção (comissão)
- ☐ Estagiário remunerado
- ☐ Bolsista
- ☐ Trabalha por conta própria, é autônomo
- ☐ É dono de negócio, empregador
- ☐ Trabalha em negócio familiar sem remuneração
- ☐ Não trabalho.

13. Qual é a profissão da pessoa responsável pelo sustento familiar?**14. Qual a sua participação na vida econômica do grupo familiar (múltipla escolha)?**

- ☐ Não trabalho e sou sustentado por minha família ou outras pessoas
- ☐ Trabalho e sou sustentado parcialmente por minha família ou outras pessoas
- ☐ Trabalho e sou responsável apenas por meu próprio sustento
- ☐ Trabalho, sou responsável por meu próprio sustento e ainda contribuo parcialmente para o sustento da família
- ☐ Trabalho e sou o principal responsável pelo sustento da família
- ☐ Outra situação

15. Quantas pessoas (contando com você) contribuem para a renda da sua família (múltipla escolha)?

- ☐ Uma
- ☐ Duas
- ☐ Três
- ☐ Mais. Quantas? _____

16. Quantas pessoas (contando com você) vivem da renda da sua família (múltipla escolha)?

- ☐ Uma
- ☐ Duas
- ☐ Três
- ☐ Mais. Quantas? _____

17. Qual o grau máximo de escolaridade do seu pai (Pode marcar mais de uma opção caso tenha dois pais)? A pergunta não é obrigatória caso não tenha pai.

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo

- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós-Doutorado
- ☐ Desconheço

18. Qual o grau máximo de escolaridade da sua mãe (Pode marcar mais de uma opção caso tenha duas mães)? A pergunta não é obrigatória caso não tenha mãe.

- ☐ Ensino fundamental incompleto
- ☐ Ensino fundamental completo
- ☐ Ensino médio incompleto
- ☐ Ensino médio completo
- ☐ Ensino superior incompleto
- ☐ Ensino superior completo
- ☐ Especialização
- ☐ Mestrado
- ☐ Doutorado
- ☐ Pós-Doutorado
- ☐ Desconheço

19. No seu domicílio há quantos...?

	Nenhum	Um	Dois	Três	Mais de três
Aparelho de Som					
Televisão					
DVD / Blu-Ray					
Geladeira					
Freezer independente					
Máquina de lavar roupa					
Computador / Notebook					
Telefone fixo					
Telefone celular					
TV por assinatura					
Automóvel					
Motocicleta					

20. Com que frequência você tem acesso a estes meios de informação?

	Diariamente	Quase diariamente	Às vezes	Raramente	Nunca
Jornais					
Revistas					
Televisão					
Internet					
Livros					
Rádio AM/FM					

21. Você tem acesso à internet (múltipla escolha)?

- ☐ Sim
☐ Não

22. Como você acessa a internet (múltipla escolha)?

- ☐ Computador
☐ Notebook
☐ Celular
☐ Tablet
☐ Não tenho acesso a internet.

23. Quantos livros em média você costuma ler por ano (múltipla escolha)?

- ☐ Nenhum
☐ Um livro
☐ De 2 a 5 livros
☐ De 6 a 10 livros
☐ De 11 a 15 livros
☐ De 16 a 20 livros
☐ De 21 a 30 livros
☐ Mais do que 30 livros

24. Com que frequência você...

	Semanalmente	Ao menos 1 vez por mês	Ao menos 1 vez por ano	Menos que 1 vez por ano	Nunca
Vai ao cinema					
Vai ao teatro					
Vai ao estádio					
Vai ao museu					
Vai ao shopping					
Vai ao parque					
Assiste a shows/concertos					
Pratica esportes					

25. Você tem fé? (questão aberta):

26. Você tem religião? Se sim, qual? (questão aberta):

27. Você teve alguma religião antes da atual? (questão aberta):

28. Em relação à religião, você diria que sua família (ou a maior parte dos seus familiares) é (questão aberta):

29. Sua família segue/seguiu a mesma religião? (questão aberta):

30. Você segue a mesma religião da sua família (múltipla escolha)?

☐ Sim.

☐ Não

31. Você recebeu algum tipo de educação religiosa na infância (múltipla escolha)?

☐ Sim

☐ Não

32. Qual o papel que sua religião ou crença tem na sua vida (múltipla escolha)?

☐ É o que há de mais importante na minha vida e sobre a qual eu procuro basear todos os meus atos e opiniões

☐ É algo muito importante para a minha vida e sobre o qual eu procuro basear a maior parte dos meus atos e opiniões

☐ Tem relativa importância para mim, mas nem sempre está de acordo com as minhas opiniões ou atitudes

☐ Tem pequena importância e pouco me baseio nela para tomar minhas atitudes ou formar minhas opiniões

☐ Tem alguma importância na minha vida, mas eu não baseio minhas decisões ou opiniões na religião.

☐ Não é importante e não baseio minhas opiniões ou atitudes em nenhuma religião.

33. Com que frequência você participa das atividades religiosas da sua religião (culto, missa, celebração, passe, etc) (múltipla escolha)?

☐ Diariamente

☐ Até 3 vezes por semana

☐ Cerca de uma vez por semana

☐ Cerca de uma vez a cada quinze dias

☐ Cerca de uma vez ao mês

☐ Raramente ou apenas em datas especiais (Natal, Páscoa, dias sagrados, etc)

☐ Somente em cerimônias especiais (casamento, funeral, etc)

☐ Nunca

34. Com que frequência você faz suas orações (múltipla escolha)?

☐ Mais de 3 vezes ao dia

☐ Até 3 vezes ao dia

☐ Uma vez por dia

☐ Até 3 vezes por semana

☐ Cerca de uma vez por semana

- ☐ () Cerca de uma vez ao mês
- ☐ () Raramente ou apenas em datas especiais (Natal, Páscoa, dias sagrados, etc)
- ☐ () Somente em algumas ocasiões (morte de ente querido, doença, etc)
- ☐ () Nunca

35. Você pratica os preceitos (regras, mandamentos, rituais, proibições, jejuns, etc.) de sua religião (múltipla escolha)?

- ☐ () Sim, busco praticar todos os preceitos
- ☐ () Busco praticar a maior parte dos preceitos
- ☐ () Pratico somente aqueles com os quais eu concordo
- ☐ () Pratico poucos preceitos
- ☐ () Não estou preocupado em praticar preceitos religiosos

36. Se você não tem religião. Você já teve religião (múltipla escolha)?

- ☐ () Sim.
- ☐ () Não.

37. Se você já teve religião. Qual(is) foram? (questão aberta):

38. Se você não tem uma religião. Descreva o motivo:

APÊNDICE B

Teses e dissertações sobre os sem-religião

Autoria	Título	Ano	Tipo de trabalho	Instituição (PPG)	Área
Flávio Lages Rodrigues	O rock e a espiritualidade não religiosa. Estudo sobre os rituais, sociabilidades e cosmovisão de roqueiros e roqueiras sem religião em Belo Horizonte	2023	Tese	PUCMinas	Ciências da Religião
Claudia Danielle de Andrade Ritz	Eu sou sem religião: a fragilização da herança religiosa e a conservação da crença como elo de memória	2023	Tese	PUCMinas	Ciências da Religião
Everaldo Clemente da Silva	A espiritualidade não religiosa do Yoga Sutra de Patanjali	2021	Dissertação	PUCMinas	Ciências da Religião
Jonathan Felix de Souza	Inteligência Espiritual: um estudo sobre o despertar de uma espiritualidade não religiosa como qualidade humana profunda nas organizações	2020	Dissertação	PUCMinas	Ciências da Religião
Beatriz de Oliveira Pinheiro	Vidas precárias: estudo sobre a espiritualidade não religiosa vivida por profissionais do sexo em Belo Horizonte	2022	Dissertação	PUCMinas	Ciências da Religião
José Álvaro Campos Vieira	Ensaio de espiritualidade não religiosa: estudo a partir de indivíduos sem religião em Belo Horizonte	2020	Tese	PUCMinas	Ciências da Religião
José Lucas da Silva	Eu vi a face de Deus pichada o muro: considerações sobre a categoria censitária dos Sem Religião em Araraquara-SP	2018	Dissertação	Unicap	Ciências Sociais
Marcos Henrique de Oliveira Nicolini	Reconhecendo-se sem-religião nas periferias da cidade: liberdade compartilhada como resistência	2015	Tese	UMESP	Ciências da Religião
Maria dos Santos de Jesus Silva	Os sem religião: motivações e causas junto aos jovens do ensino médio das escolas públicas e privadas de Boa Vista - RR	2015	Dissertação	Unicap	Ciências da Religião
José Álvaro Campos Vieira	Aurora de uma espiritualidade sem religião: análise dos sem religião a partir da concepção de espiritualidade não religiosa de Marià Corbí	2014	Dissertação	PUCMinas	Ciências da Religião
Sandson Almeida Rotterdam	Senso religioso dos sem religião: estudo a partir da noção de cristianismo não religioso de Gianni Vattimo	2014	Dissertação	PUCMinas	Ciências da Religião
Antonio Leandro da Silva	Indivíduos sem religião: desencantamento metafísico do mundo	2012	Tese	PUC São Paulo	Ciências Sociais
Denise dos Santos Rodrigues	Os sem religião e a crise do pertencimento institucional no Brasil: o caso fluminense	2009	Tese	UERJ	Ciências Sociais
Juliana Alves Magaldi	Os "sem religião" no Brasil: Um estudo sócio-antropológico sobre as suas interpretações e consequências	2008	Tese	UFJF	Ciência da Religião